

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ANDRÉIA MENDES DE SOUZA MINA

**NÓS E O MUNDO. A CONSTRUÇÃO DO “OUTRO”:
ALTERIDADE E PERTENCIMENTO NO MATERIAL
DE DIVULGAÇÃO BRASILEIRO DA IGREJA
ASSEMBLÉIA DE DEUS (AD) E IGREJA UNIVERSAL
DO REINO DE DEUS (IURD) NA DÉCADA DE 1990.**

Florianópolis

2004

ANDRÉIA MENDES DE SOUZA MINA

**NÓS E O MUNDO. A CONSTRUÇÃO DO “OUTRO”: ALTERIDADE E
PERTENCIMENTO NO MATERIAL DE DIVULGAÇÃO BRASILEIRO
DA IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS (AD) E IGREJA UNIVERSAL
DO REINO DE DEUS (IURD) NA DÉCADA DE 1990.**

Dissertação apresentada à Universidade
Federal de Santa Catarina (UFSC) como
parte dos requisitos para obtenção do
grau de Mestre em História Cultural.
Orientador: Artur César Isaia.

Florianópolis – SC, 2004.

Agradecimentos:

Em primeiro lugar, Graças dou a Deus: autor da minha vida, consumidor da minha salvação e razão do meu viver.

Gostaria de agradecer aos meus pais, Oscar e Jurema, pelo apoio incondicional que desde a graduação dispensaram a mim. Nunca pouparam esforços, em meio às adversidades, para que eu tivesse uma educação digna. O meu coração é de vocês. Muito obrigada!!!!!!!!!!!!!!

Dedico todo o meu afeto também ao meu marido, Célio, que pacientemente soube me dividir com a dissertação durante esses dois anos. Obrigada querido!

Agradeço a amizade e cooperação dos meus colegas: Gizele Zanotto, Clarícia Otto e Rangel Medeiros. Valeu pelas dicas e troca de idéias.

Meu muito obrigada também ao CNPq pelo apoio financeiro concedido durante esses anos de pesquisa e dedicação, e às contribuições da Banca examinadora.

Por fim, expresso especial gratidão ao meu orientador, Artur César Isaia. Esse espaço é pequeno para falar tudo o que você representa na minha vida profissional. Obrigada por toda a sua competência, profissionalismo e, principalmente, pela sua amizade professor. Muito obrigada mesmo!!!!!!!!!!

**NÓS E O MUNDO. A CONSTRUÇÃO DO “OUTRO”:
ALTERIDADE E PERTENCIMENTO NO MATERIAL DE
DIVULGAÇÃO BRASILEIRO DA IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS
(AD) E IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS (IURD) NA
DÉCADA DE 1990.**

ANDRÉIA MENDES DE SOUZA MINA

Esta dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de
MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Artur César Isaia – Orientador (HST/UFSC)

Prof^ª. Dr^ª. Cynthia Machado Campos (HST/UFSC)

Prof^ª. Dr^ª. Maria Teresa Santos Cunha (HST/UDESC)

Prof^ª. Dr^ª. Cynthia Machado Campos
Coordenadora do PPGH/UFSC

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar os discursos oficiais das igrejas Assembléia de Deus (AD) e Universal do Reino de Deus (IURD) sobre áreas da sociedade e cultura que consideraram como diferentes, como exemplos de um “outro” desprovido de legitimidade, durante a década de noventa. Nesses discursos, propagados através de material impresso, percebemos o empenho dos intelectuais de AD e IURD em passar aos fiéis visões de mundo que tencionavam imprimir determinados sentidos, negativizantes ou não, acerca de temas como comportamento, política, dinheiro, entre outros.

Comparando as nuances discursivas entre AD (uma igreja mais tradicional) e IURD (uma denominação que quebrou com muitos estereótipos do pentecostalismo mais clássico), veremos que a concepção de mundo dos intelectuais iurdianos esteve mais atrelada a um entendimento mais liberal de mobilidade nos mais diversos âmbitos da cultura. Já a AD manteve uma postura conservadora de distanciamento em relação às “coisas mundanas”.

Palavras – chave: Pentecostalismo – Discurso religioso – Alteridade

ABSTRACT

This present dissertation has the objective to analyze the speeches of God Assembly (AD) and God Universal Kingdom Churches (IURD) about society and culture areas that regarded as different, such as from "another" without legitimacy on the 90's.

In these speeches spread in printed material is observed the scholars efforts of AD and IURD in passing to the faithful views from the world that tended to print certain senses, negatively or not, about subjects as behavior, politics, money among others.

Comparing the nuance between AD (a more traditional church) and IURD (a denomination that broke with many Pentecost stereotypes more classic), it is seen that the world conception of the followers who were scholars were linked to a more liberal understanding of mobility in several cultural areas. However, AD maintained a distant conservative posture in relation to "mundane things".

Key-words: Pentecost - religious speech - altering

Sumário:

- Introdução	07
- Cap.I A inserção do Movimento Pentecostal no Brasil	16
1.1- Histórico e atuação da AD.....	17
1.2- Histórico e atuação da IURD.....	26
- Cap. II AD e IURD no campo religioso brasileiro	32
2.1- AD e IURD na questão da “unificação” do campo evangélico brasileiro.....	34
2.2- AD e IURD na situação de mercado.....	39
2.2.1 O discurso apologético da AD.....	42
2.2.2 O discurso apologético da IURD.....	49
2.3- O anti-ecumenismo assembleiano e iurdiano.....	64
- Cap. III Nós e o mundo	69
3.1- Dos costumes e tradições pentecostais.....	77
3.2- Do papel da mulher.....	84
3.3- Da mídia.....	91
3.4- Do dinheiro e da prosperidade.....	95
3.5- Da política.....	105
- CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	118
- FONTES	121

Introdução:

O lugar de proeminência da prática religiosa presente na sociedade contemporânea contradiz a lateralidade com que os saberes modernos prognosticaram o futuro da religião. O fenômeno detectado por Derrida como o “retorno das religiões”, para o referido autor, colocou em xeque as análises centradas em esquemas que pretendiam explicar a realidade, negligenciando a religião como componente importante do real.:

Por que é tão difícil pensar esse fenômeno, apressadamente denominado ‘retorno das religiões’? (...) Por que deixa atônitos em particular aqueles que acreditavam ingenuamente, que uma alternativa opunha, de um lado, a Religião e, do outro, a Razão, as Luzes, a Ciência, a Crítica (a crítica marxista, a genealogia nietzscheana, a psicanálise freudiana e respectivas heranças, como se a existência de uma estivesse condicionada ao desaparecimento da outra? Pelo contrário, seria necessário partir de outro esquema para tentar pensar o dito “retorno de religioso.”¹

Esse outro olhar analítico proposto por Derrida, leva em consideração, antes de tudo, o abandono de posturas essencialistas da religião.

Atualmente, a religiosidade no âmbito das relações humanas e culturais não dá indícios concretos e, em última análise, seguramente identificáveis, de que tenha sido suplantada pelo o que muitos investigadores denominaram “secularização”. A idéia básica de secularização moderna² confere uma racionalidade à História, um sentido projetivo nela, e não em esperanças escatológicas. A captação da realidade cada vez menos seria representada pelo símbolo sagrado. Todas as instituições fora dos parâmetros dessa racionalidade não teriam crédito para construir a realidade e o conhecimento. Mas, o termo secularização revelou-se problemático na sua aplicação para definir a suposta marginalidade e perda de sentido que a religião teria sido acometida. Como coloca Martelli:

Ao invés do ‘eclipse do sagrado’, diagnosticada durante os anos 60, os anos 80 vêem o ‘eclipse da secularização’ e a descoberta do ‘paradoxo da modernidade’, isto é, que as instâncias críticas, que a modernidade fez valer contra a tradição, agora se voltam contra a própria modernidade.³

Dizer que existe um “paradoxo da modernidade” implica em entender que há uma tensão aí. A discussão sobre as fronteiras entre modernidade e “pós-modernidade” faz-se

¹DERRIDA, Jacques. Fé e saber. As duas fontes da religião nos limites da simples razão. In:DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni (orgs.) **A Religião**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000, p. 15.

² Conforme Hegel, citado em: MARTELLI, Stefano. **A Religião na Sociedade Pós-Moderna**. São Paulo: Paulinas, 1995. p.419.

³ Idem, p.433.

necessária nesse momento para termos uma base contextual da dinâmica que atravessa a sociedade contemporânea, para entender o que é secularização no pós-moderno e como o pentecostalismo, objeto da nossa análise, irá comportar-se.

Falar em pós-modernidade requer alguns cuidados conceituais. Não queremos diagnosticar o pós-moderno como etapa superior à modernidade. Partilhamos da idéia de que ambas sobrevivem uma ao lado da outra. Aquela é uma visão atual, mas usa a modernidade como parâmetro. Giddens⁴ não fala especificamente utilizando o termo pós, mas se utiliza na sua argumentação do que ele chama de um conjunto de “descontinuidades” associados ao período moderno. Iremos utilizar o termo pós-moderno endossando o que, para Martelli⁵, seriam as descontinuidades emergentes entre modernidade e pós-modernidade. A primeira delas seria a difícil identificação de um sujeito que exemplificasse um modelo pré-estabelecido de pós-modernidade. A fragmentação das concepções do saber e ciência seria a responsável pela crescente pluralidade de sujeitos. A mudança na percepção de tempo também faria parte dessas descontinuidades. O ritmo sempre mais acelerado da produção e da técnica propiciaria uma rotinização do progresso onde o novo torna-se um hábito em vez e novidade: “Essa aceleração, porém, ao chegar num certo patamar, parece produzir um hábito para a mudança e uma sensação de pós-historicidade...”⁶. Uma terceira questão a ser observada seria a “deslocalização” e a “des-realização” da experiência possibilitadas pela era da informação e a facilidade de entrar em contato com uma multiplicidade de visões de mundo diferentes. A arquitetura hiperespacial concebida nas megalópoles seria outro sintoma da descentralização muito presente na pós-modernidade. As super dimensões das construções nas grandes cidades superariam a capacidade humana de, cognoscitivamente, orientar-se, para entender que posição ocuparia no mundo ao seu redor. Por último, a multiplicação dos centros de História no mundo, favoreceria uma concepção não mais unitária de História. Um único caminho linear de eventos históricos não seria mais dotado de legitimidade para se fazer História.

O que depreendemos dessas informações a respeito da pós-modernidade é uma situação que se mostra como que desprovida de “nortes”, de pontos convergentes capazes de guiarem a uma unidade. É essa a base do pós-moderno (e não a sua exclusiva essência). Ele caracteriza-se por um espaço essencialmente pluralista que dá lugar á tudo, e ao mesmo

⁴ GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991. p.14.

⁵ MARTELLI, Stefano. Op.cit., pp.423-430.

⁶ Idem, p.426.

tempo. Não há um parâmetro pré-definido de nada. A colocação que segue bem resume o sentido da sociedade pós-moderna:

A análise de Vattimo confere com a tese da ‘implosão de sentido’ na sociedade de ‘simulacros’ de Baudrillard e da ‘des-realização da realidade’ de Perniola. Os três autores concordam ao definir a sociedade ‘pós-moderna’ como caracterizada pela liquidação da referência das linguagens: imagens e símbolos substituíram-se ao real, instaurou-se uma gigantesca ‘precessão dos modelos sobre a realidade.’⁷

Inserida nessa complexidade está a religião, está também a noção de secularização agindo aí. Para Vattimo, citado em Martelli, a pretensa secularização, na pós-modernidade, agiria de uma forma no mínimo, curiosa, com a religião. Secularização remeteria à resignificação do sagrado, e não o desprezo completo dele. Corresponderia à relação “retomada-manutenção-distorção que, na época pós-moderna, liga a civilização profana às suas raízes judaico-cristãs.”⁸

A religião, como já mencionado, persiste na pós-modernidade e abre-se a novas perspectivas. Segundo Derrida⁹, a noção de religião agora estaria muito ligada na busca de novas formas de religiosidade, não diretamente vinculadas às tradicionais denominações. Essa idéia, por sua vez, remete-nos a um outro autor, Pierre Sanchis, que também chama a atenção para o fato de as pessoas estarem atribuindo valores transcendentais para áreas que não a da religião. Em tempos anteriores o coletivo suplantava o individual, explicava e normatizava atitudes. Atualmente, pelas inúmeras possibilidades de trânsito em diferentes noções de realidade, as pessoas têm mais possibilidades de escolhas, de sínteses que resultam em algumas vezes na sacralização de áreas não ligadas à religião.¹⁰

Em meio a essa complexa teia onde falta a obviedade e não se tem um cânone último para nada, as igrejas Assembléia de Deus (AD) e Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), oriundas do Pentecostalismo, vão enfrentar, cada uma a seu modo, os desafios que a “pós-modernidade” lança para se firmarem como denominação num cenário religioso tão plural como é o brasileiro.

AD e IURD são igrejas pentecostais. O Movimento Pentecostal segue uma linha de avivamentos religiosos marcados pelo evento do batismo com o Espírito Santo evidenciado

⁷ Idem, p.428.

⁸ Idem, p.437.

⁹ DERRIDA, Jacques. Op.cit.

¹⁰ SANCHIS, Pierre. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? In: Hoornaert, Eduardo (org.) **História da Igreja na América Latina e no Caribe. 1945-1995. O debate metodológico.** Petrópolis: Vozes, 1995. Cap. III. pp. 81-124.

pelo dom de falar em outras línguas¹¹. Foi uma novidade importada dos E.U.A. No Brasil, a primeira igreja dessa matriz a ser fundada foi a Congregação Cristã, em São Paulo, no ano de 1910¹².

O tema Pentecostalismo é relativamente novo entre os pesquisadores brasileiros, especialmente na História. Classificações segundo ano de fundação, ou algumas especificidades quanto à organização e nuances teológicas foram elaboradas pelos sociólogos. As tipologias que iremos utilizar no trabalho são aquelas elaboradas por Paul Freston¹³ e Ricardo Mariano.¹⁴ Freston sintetiza em três “ondas” o desenvolvimento do Pentecostalismo no Brasil segundo a data de implantação das igrejas. A primeira onda compreenderia a década de 1910 do século passado. A Congregação Cristã (São Paulo, 1910) e a Assembléia de Deus (Belém, 1911) seriam as representantes desse período. Essas igrejas, por aproximadamente 40 anos, praticamente detiveram para si o campo protestante no país. Nenhuma outra foi tão expressiva quanto a Congregação e a Assembléia. A segunda onda pentecostal data da década de 50 e início de 60. É aí que o Pentecostalismo brasileiro começa a vislumbrar uma variedade bem mais significativa de denominações. As três mais importantes seriam: Quadrangular (São Paulo, 1951), Brasil para Cristo (São Paulo, 1955) e Deus é Amor (São Paulo, 1962). A terceira onda começa no final dos anos 70 e adquire maior visibilidade a partir da década de 80. Podemos citar as duas igrejas mais representativas dessa onda: Igreja Universal do Reino de Deus (Rio de Janeiro, 1977) e Igreja Internacional da Graça de Deus (Rio de Janeiro, 1980). Mariano leva em consideração a classificação de Freston com o diferencial de nomear as respectivas ondas. A primeira ele identifica com o termo Clássico, caracterizada principalmente pelo ascetismo e o dom de falar línguas estranhas, entre outros. A segunda onda que marcará a diversificação denominacional no Pentecostalismo brasileiro Mariano prefere intitular Deuteropentecostalismo. As duas primeiras ondas, para o autor, não apresentam grandes diferenças teológicas, mas a ênfase das igrejas clássicas, o batismo com o Espírito Santo, é sobrepujada, no Deuteropentecostalismo, pela cura. A terceira onda seria o Neopentecostalismo, onde o autor enfatiza a ocorrência de um “corte histórico-institucional”¹⁵

¹¹ ROLIM, Francisco Cartaxo. Pentecostalismo no Brasil e América Latina. In: **A Libertação na História**, série VI, v.6, Petrópolis: Vozes, 1995. p.22.

¹² Idem, p48.

¹³ FRESTON, Paul. Uma breve História do Pentecostalismo brasileiro: a Assembléia de Deus. **Religião e Sociedade**, 16(3): 104-129, 1994.

¹⁴ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999. pp. 28-49.

¹⁵ Idem, p.33.

no Movimento pentecostal brasileiro. Segundo Campos¹⁶, a “pós-modernidade”, assunto pontuado anteriormente, teria influenciado em mudanças significativas no campo da religião, inclusive no nosso Pentecostalismo. O Neopentecostalismo seria fruto dessa ação e a IURD, a representante, por excelência, dessa nova estrutura.

A AD, então, faz parte das denominações mais tradicionais de implantação do Pentecostalismo no Brasil. É uma igreja Clássica, ou da primeira onda. Já a Universal seria a representante máxima da terceira onda, ou do Neopentecostalismo.

A proposta da nossa pesquisa será analisar as relações que se estabelecem no discurso oficial das respectivas igrejas entre religião e o “outro”, o diferente, que diz respeito diretamente à noção de “alter”¹⁷. Ou seja, iremos identificá-los enfatizando entre eles as diferenças. O período privilegiado será a década de noventa. Por outro lado, nossa documentação privilegiará a produção de impressos feita pelos órgãos centrais das respectivas denominações. Dessa forma vamos nos ater, principalmente, a publicações oriundas do Rio de Janeiro onde ficam as editoras de AD e IURD (CPAD – Casa Publicadora das Assembléias de Deus, e Gráfica Universal). As fontes priorizadas (livros, revistas, jornais, etc) serviram como um canal de comunicação do corpo de “intelectuais”¹⁸ das duas igrejas. Da AD utilizaremos os seguintes periódicos: Jornal Mensageiro da Paz, Revista Obreiro e Lições Bíblicas para jovens e adultos. Alguns autores de livros oriundos da referida igreja serão também citados, tais como: Raimundo Oliveira, Jefferson Magno Costa, Pedro da Silva Severino, Natanael Rinaldi, Paulo Romeiro, Norman Geisler e Ron Rhodes. Da IURD faremos uso dos periódicos Jornal Folha Universal e Revista Plenitude. Os livros que adotaremos aí para a análise serão, principalmente, aqueles de autoria do Bispo Edir Macedo, além de Carlos Rodrigues.

Segundo Chartier, todo material impresso deve ser entendido como uma prática cultural.¹⁹ A escolha em trabalhar com essa modalidade de fonte histórica tem sua importância destacada pela possibilidade que os impressos oferecem, já no próprio ato da sua produção, em construir determinadas sensibilidades, logo, significados particulares que permearão, no caso do nosso trabalho, a rede de sentidos que os intelectuais de AD e IURD

¹⁶ CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. 2ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1999. pp.46,47.

¹⁷ “Alter” refere-se à alteridade - termo que tenta explicar a dualidade do sujeito. Este não se encontra como uma forma fechada em si, mas tem relação com um exterior que o determina, o “outro”.

¹⁸ Emprestaremos à palavra “intelectuais” um sentido próximo ao empregado por Berger na sua análise sobre a tendência à formarem-se profissionais da religião. Ou seja, um grupo formado e socializado nos valores e normas da religião, com conhecimento especializado na sua doutrina, engajado na sua expansão e capaz de defende-la socialmente. -

¹⁹ CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: **Práticas da leitura**. São Paulo:Estação Liberdade, 1996. p.78.

distribuíram em nome das respectivas igrejas. Assim, nos limites dessa pesquisa não cogitamos trabalhar com a recepção desses discursos, o que demandaria uma abordagem mais complexa e demorada, talvez não plausível em uma dissertação de Mestrado, no tempo previsto pelo Programa e pelos órgãos financiadores (cerca de 24 meses).

A implicação de análise da construção do “outro”, atualmente, é a questão das posturas do homem pós-moderno em relação à sua própria identidade. O caráter amplo e complexo das vivências múltiplas que a pós-modernidade trouxe, abalou as estruturas de identificação do sujeito nela inserido. Stuart Hall, escrevendo sobre esse tema coloca:

A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, ‘sutura’) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.

Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão ‘mudando’. O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais tornou-se mais provisório, variável e problemático.²⁰

Levando em conta essa realidade, é relevante apreender em nossa problemática o modo como a identidade religiosa de “assembleianos” e “iurdianos” comporta-se frente às novas exigências da sociedade na qual os significados são cada vez mais voláteis e plurais.²¹ Em meio a transformações culturais cada vez mais rápidas, torna-se importante verificar as conseqüências desse movimento na construção do que é ser religioso no confronto com novas realidades, que exigem novas posturas dos líderes que têm em suas mãos o poder de definir o que é certo ou errado para o grupo de fiéis que dirigem.

A oposição nós/”outro” vai ser encarada a partir das múltiplas possibilidades de relacionamento entre as duas denominações e o que denominam de “mundo”. Como qualquer outro agente produtor de sentidos que procuram a todo tempo legitimarem-se como verdadeiros, AD e IURD ativaram estratégias para firmarem-se frente às demais realidades

²⁰ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4 ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.12.

²¹ Iremos, neste trabalho, chamar os membros oficialmente ligados à AD e IURD de assembleianos e iurdianos, respectivamente. Utilizaremos essa classificação apenas para facilitar o entendimento do que é pertencer a uma ou outra igreja no decorrer do trabalho enquanto a discussão sobre a visão de mundo das duas igrejas desenrola-se. BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985. (Coleção sociologia e religião; 2)

construtoras de outros significados. No nosso caso, esse outro produtor que se ergue está sintetizado na palavra “mundo”. A compreensão da força que ela exerce na questão da alteridade para a AD e IURD é de fundamental importância para destrincharmos o aparato simbólico que rege a percepção das diferenças aí. “Mundo” refere-se a um espaço teológico. O que não está de acordo com os preceitos bíblicos que as igrejas em questão seguem, faz parte das “coisas mundanas”, ou seja, refere-se ao lugar de não aceitação das leis divinas. Os espaços sociais alheios aos parâmetros bíblicos de fé, regra e moral, são considerados como instâncias comandadas por forças malignas. Esse ponto discursivo nas duas denominações reforça a forte oposição, sempre presente no Pentecostalismo, entre o bem e o mal. Souza, falando brevemente sobre as diferenças entre igrejas históricas e pentecostais, coloca:

Modernamente, as igrejas históricas têm-se preocupado com os aspectos sociais da religião, seu comprometimento com o próximo e as transformações da sociedade, o que vai de encontro ao Pentecostalismo, que apregoa um Evangelho puramente espiritualista; se tudo ocorre na esfera espiritual, todo e qualquer conflito acontece em função do Bem e do Mal, de Deus e do Diabo.²²

A AD e IURD são duas igrejas que detém, atualmente, um significativo número de fiéis, chamando a atenção por sua expansão em todo o nosso território e fora dele. Mas muitas interpretações pejorativas sobre o pentecostais foram desenvolvidas por alguns autores. Assim, entenderemos o Pentecostalismo não como um mecanismo de manipulação sobre massas entregues à pobreza, como escrevem alguns autores (Florencio Galindo²³, Ricardo Mariano²⁴, Peter Fry²⁵). Optamos pelo pensamento de que a religião é uma experiência complexa do encontro humano com as dimensões sagradas, produzindo interpretações e impressões variadas nos produtos de sentido oriundos desse encontro. Nada é tão determinante assim, como, a pobreza ou a “incapacidade” intelectual provocada por ela.. Dessa forma, endossamos a postura de Marion Brepohl de Magalhães :

Assim sendo, a religião está profundamente associada a uma determinada experiência que escapa ao cotidiano, ao palpável (...) Considerá-las como fruto de mera manipulação ideológica é subtrair às camadas populares sua

²² SOUZA, Etiane Caloy de. A demonização do cotidiano pela Igreja Universal do Reino de Deus. **História: Questões e Debates**, Curitiba: Editora da UFPR, ano 17, n.33, julho/dezembro 2000. p.131.

²³ GALINDO, Florencio. **O fenômeno da seitas fundamentalistas**. Petrópolis: Vozes, 1995, p.18 e ss.

²⁴ MARIANO, Ricardo. Os pentecostais e a teologia da prosperidade. **Novos Estudos**. São Paulo: CEBRAP, 1996. pp. 24-46.

²⁵ FRY, Peter. Duas respostas para a aflição: umbanda e pentecostalismo. **Debate e Crítica**, n.4, s/d., p. 43 e 55.

capacidade de discernimento, tanto como imprimir-lhes culpa pela sua própria derrota.²⁶.

Outra postura desse trabalho será também encarar a religião seguindo a contribuição de Berger²⁷. O pesquisador de religiosidade não deve postular conhecer a “essência” ou a “verdade” da religião. Deve encará-la enquanto fenômeno, como algo que é dado a observar-se na realidade sócio-cultural, como um empreendimento humano, um produto histórico.²⁸

Este texto será dividido em três capítulos que procurarão delinear, nunca em linhas extáticas, as formas que AD e IURD, através de seus materiais impressos, encontraram para posicionarem-se em uma sociedade marcada por sujeitos multifacetados na maneira de ser e compreender o que está a sua volta. O primeiro capítulo será mais didático porque comporta um apanhado histórico das duas denominações. Vamos notar aí que as particularidades decorrentes da data e localização de fundação da AD e IURD vão ser elementos importantes para mais adiante termos elementos que ajudarão no entendimento de determinadas visões de mundo que permaneceram ou modificaram-se nas respectivas igrejas. No segundo capítulo, “AD e IURD no campo religioso brasileiro e a situação de mercado”, iremos fazer uma discussão do lugar que essas representantes do Movimento Pentecostal ocuparam e quais suas estratégias para enfrentar a concorrência no disputado mercado de bens religiosos. Vamos aqui recorrer a uma série de autores que nos servirão de encaço para efetuarmos observações sobre o agir da AD e IURD em meio ao conturbado campo religioso brasileiro. Essa noção de campo, encontrada em Bourdieu²⁹, por sua vez, será indispensável para reconhecemos a dinâmica hiper complexa que envolve os assuntos ligados à religiosidade. Ele entende a religião como um sistema de produção simbólica, um campo específico de significações. Utilizaremos também Berger³⁰ e sua noção de mercado religioso. Nesse capítulo, a luta pelo sucesso como denominação imbuída do poder sobre a “verdade”, em muitos aspectos requer das duas denominações uma atitude discursiva perante a sociedade que delimite os caminhos de uma auto-suficiência sócio-econômica e política, que implique em um maior grau de respeitabilidade no mundo da religiosidade nacional. O capítulo que fecha o trabalho, “Nós e

²⁶ MAGALHÃES, Brepohl de. Neopentecostais: Novos atores na política Latino Americana. Comunicação apresentada ao X FIEALC – Congresso Mundial de Latinoamericanistas e Caribólogos. Moscou, 25.29 jun., 2001, p.8. (mimeo).

²⁷ BERGER, Peter Ludwig. Op.cit.

²⁸ Idem, p.21.

²⁹ Por campo vamos entender o espaço multifacetado de posições no qual o objeto de estudo encontra-se inserido em uma lógica relacional. É essa lógica relacional que dá à noção de campo a possibilidade de estudar a religião compreendendo-se as inter relações possíveis e afastando-nos de uma apreensão substancialista ou entende-la como mero reflexo de uma macro-realidade. BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

³⁰ BERGER, Peter L. Op.cit.

o mundo”, tratará de forma mais pontuada o processo que se instala do encontro e relação do discurso assembleiano e iurdiano com o “outro”, representado pelas mais diversas instâncias da sociedade e cultura nacional. Nesses dois últimos capítulos, que tratam das questões mais centrais do trabalho, a recorrência a autores ligados ao estudo das sinuosidades típicas do discurso, imaginário e poder simbólico como poderosas ferramentas na constituição do sujeito e dos saberes serão de fundamental importância.³¹

³¹ Podemos citar autores como: Eni Orlandi, Pierre Boudieu, Roger Chartier, Bronislaw Baczko, entre outros.

Cap. I A inserção do Movimento Pentecostal no Brasil

O pentecostalismo que observamos no Brasil tem suas origens em um movimento norte-americano de avivamento religioso datado da passagem do século XIX para o XX. Alguns acontecimentos antecederam e influenciaram a matriz pentecostal que se formaria nos E.U.A. Freston³² e Souza³³ falam das inovações do metodismo de John Wesley, apregoadas no século XVIII que seriam retomadas com mais ênfase pelos pentecostais norte-americanos. Wesley chamava a atenção para uma segunda consequência da graça divina além da salvação: a perfeição cristã. No século XIX, nos países de língua inglesa, um movimento de santidade evocava os ensinamentos de Wesley. Sobre esse aspecto importante, Freston coloca:

Na segunda metade do século XIX, o movimento de santidade (*holiness*) nos países de língua inglesa, sob a influência cultural do Romantismo (Bebbington, 1989:170), democratizou o conceito wesleyano: em lugar da busca demorada, a experiência rápida e disponível a todos chamada ‘batismo no Espírito Santo’, a piedade intensificada pela mística escapista do Romantismo (ibid.:173). O movimento de santidade, além de penetrar muitas denominações, produziu uma franja separatista de pequenos grupos de *holiness*. Foi entre estes que o pentecostalismo nasceu.³⁴

Um desses grupos, segundo Freston, era liderado por W. J. Seymour: o Missão da Fé Apostólica, na rua Azzusa, em Los Angeles. Aí apareceria o Pentecostalismo pela primeira vez, em 1906. Nesse ano, um acontecimento marcaria esse surgimento:

O reavivamento religioso, constituído aqui de reuniões de oração coletiva ali de grupos de teólogos exegetas à procura de indícios bíblicos da santificação comunicada diretamente por Deus, invadia muitas igrejas evangélicas americanas. No começo do século, alguns sinais sensíveis do batismo no Espírito Santo marcaram esse movimento. Mas os historiadores indicam o ano de 1906 como marco inicial do movimento pentecostal moderno. Naquele ano, um estranho fenômeno sacudiu a cidade de Los Angeles e sua notícia espalhou-se célebre por muitas cidades americanas. Na rua Azzusa, em reuniões de oração sob a direção de um pastor batista, com o objetivo de alcançar algum sinal sensível externo do batismo no Espírito Santo, um negro de apenas 8 anos falou línguas estranhas.³⁵

³² FRESTON, Paul.. Op.cit.

³³ SOUZA, Etiane Caloy B. de. A demonização do cotidiano pela Igreja Universal do Reino de Deus. **História: Questões e Debates**, n.33, Curitiba: editora UFPR, julho/dezembro, 2000. pp.124,125.

³⁴ FRESTON, Paul. Op.cit., p.111.

³⁵ ROLIM, Francisco Cartaxo. Op.cit., pp. 22,23.

Dos E.U.A. o Movimento Pentecostal irradiou-se para diversas partes do mundo através de missionários norte-americanos e europeus. Esses tiveram contato com a mensagem pentecostal quando imigrantes na América do Norte.³⁶

No Brasil, a inserção do Pentecostalismo contou com a atuação de missionários estrangeiros que tiveram experiência pentecostal nos E.U.A. Dois dos primeiros missionários que chegariam aqui seriam os fundadores da AD, em 1911.

Nesse aspecto, AD e IURD têm datas e desenhos geográficos diferentes de fundação.

1.1 – Histórico e atuação da AD

Dois suecos foram os pioneiros na fundação da AD: Gunnar Vingren e Daniel Berg. O primeiro nasceu em Ostra Husby, Ostergötland, em 1879. Foi criado em uma igreja Batista e, em 1903, emigrou com parentes para os E.U.A. em busca de melhores condições de trabalho. Daniel Berg nasceu na vila de Vanern. Ele era filho de um líder batista e foi para os E.U.A. quando tinha dezoito anos, onde trabalhou com fundição de aço.³⁷

Alguns fatores foram favoráveis à ida dos dois pioneiros da AD aos E.U.A., e o subsequente contato com o Pentecostalismo. Na virada do século XIX o país de origem de Daniel e Gunnar atravessava problemas de ordem econômica que aprofundavam o abismo de desigualdades entre a população. Além disso, a maioria luterana do país confinava as igrejas dissidentes (Batistas) a um estado de marginalização. Segundo Freston, estas eram pequenas e:

Desprezavam a igreja estatal, com seu alto status social e político e seu clero culto e teologicamente liberal. Desconfiavam da social democracia, ainda tingida pelo secularismo. Haviam experimentado um estado unitário no qual uma cultura cosmopolita homogênea não permitia à dissidência religiosa a construção de uma base cultural capaz de resistir à influência metropolitana. Por isso, eram portadores de uma religião leiga e contracultural, resistentes à erudição e modesta nas aspirações sociais. Acostumados com a marginalização, não possuíam preocupação com a ascensão social ...³⁸

Vindos de uma situação social-econômica intranquilha no seu país de origem, os fundadores da AD encontrariam do outro lado do Atlântico oportunidades de emprego, seriam testemunhas do nascimento do Pentecostalismo norte-americano em meados do século XX, assim como também seriam influenciados por ele nas suas práticas religiosas. Esse último indício é bem evidenciado quando sabemos que Berg e Vingren conheceram-se enquanto

³⁶ CAMPOS, Leonildo Silveira. Op.cit., p. 49.

³⁷ FRESTON, Paul. Op.cit., p.114.

³⁸ Idem, p.113.

participavam de uma convenção de igrejas Batistas reavivadas em Chicago.³⁹ Desse encontro os dois descobriram afinidades no ideal missionário. A partir desse momento começaram a reunirem-se para vigílias de oração. Durante uma dessas vigílias, um dos participantes teria entregado uma “profecia”, segundo a qual deveriam ir a um lugar chamado Pará, onde desenvolveriam um trabalho de evangelização. Segundo Freston, houve um certo contexto para aparecer o nome Pará naquela “profecia”, o que teria desviado a atenção das principais cidades, Rio e São Paulo. Já havia no Brasil um pastor batista, e também sueco, emigrado dos E.U.A., que mantinha uma igreja em Belém do Pará. Esse pastor, Erik Nilsson, desde 1897 já implantava igrejas na Amazônia. Provavelmente o nome “Pará” já fosse conhecido pela comunidade batista sueca nos E.U.A. pelas informações enviadas por Nilsson.⁴⁰

Vieram para o Brasil sem o apoio de qualquer igreja, chegando em Belém do Pará dia 19 de novembro de 1910. Após sete meses instalados no porão de uma Igreja Batista tradicional, onde também congregavam, Gunnar e Vingren foram excluídos da referida igreja por estarem transmitindo aos fiéis a doutrina do batismo com o Espírito Santo, característica do Movimento Pentecostal. Essa postura não agradou o grupo que coordenava a igreja. Dezenove pessoas uniram-se aos dois missionários suecos e formaram o que seria o primórdio das Assembléias de Deus: a igreja “Missão da Fé Apostólica”.⁴¹ Esse era o nome de um dos primeiros grupos pentecostais dos EUA. O primeiro templo com o nome Assembléia de Deus foi inaugurado na cidade de Belém (PA), em 8 de novembro de 1914.⁴² Vingren, que tinha uma formação teológica mais consistente (cursou em Chicago o Seminário Batista Sueco, de setembro de 1904 a 1909) ficou como pastor da nova igreja e Berg responsabilizou-se pelo serviço de evangelização. Enquanto Vingren pregava e evangelizava também na periferia urbana de Belém, Berg tomava caminhos para o interior distribuindo bíblias e, numa linguagem simples de ex-operário como era, ia falando da novidade pentecostal para os interioranos que permaneciam na zona rural.

³⁹ HURLBUT, Jesse Lyman. **História da Igreja Cristã**. 10ed., São Paulo: Vida, 1998. p. 231:

“ Os missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren, este ex-pastor da Swedilh Baptist Church, (Igreja Batista Sueca), de Menominee, Michigan, EUA, foram os apóstolos tomados por Deus para o lançamento das primeiras sementes: o Senhor os aproximou por ocasião de uma convenção de igrejas batistas reavivadas, em Chicago, quando sentiram o chamado para terras distantes”.

⁴⁰ FRESTON, Paul. Op.cit., p.115

⁴¹ Idem, p.113.

⁴² SANTOS, Ismael dos. **Raízes da nossa fé: a História das Igrejas Evangélicas Assembléias de Deus em Santa Catarina e sudoeste do Paraná**. Blumenau: Letra Viva, 1996. p. 116.

Sobre a adoção do nome Assembléia de Deus, existem indicações em Santos e Hurlbut de que esta identificação esteja ligada aos primeiros Concílios oficiais das igrejas pentecostais nos EUA. Eles datam a partir de abril de 1914, e tinham o nome de Concílio Geral das Assembléias de Deus.

Depois de sua fundação, a AD experimentou um crescimento moderado nos primeiros quinze anos concentrando-se mais no Norte e Nordeste. Mas no final dos anos quarenta já ultrapassava a Congregação Cristã. A expansão da AD foi muito favorecida pelo estabelecimento de pequenas congregações idealizadas por pessoas leigas que espalharam por todo o território brasileiro a novidade pentecostal em nome da AD.⁴³

Diferentemente da IURD (onde o proselitismo concentrou-se, inicialmente em zonas urbanas do sudeste), a busca por novos fiéis na AD começou pelo interior das regiões Norte e Nordeste do país. Nestes estados a AD teve um rápido crescimento, principalmente nas áreas mais pobres de recepção de fluxos migratórios decorrentes do êxodo rural que flagelava a região. Rolim⁴⁴ fala sobre os aspectos que facilitaram o sucesso dos primeiros assembleianos na evangelização desta parte do país. Ele associa a população nortista pobre e a prática do catolicismo devocional que se verificava aí, com a rápida expansão da AD. Aliás, a pobreza sempre andou de mãos dadas com a inserção e sucesso do pentecostalismo. Baseados em Rolim, observamos que a situação de penúria econômica daquelas pessoas encontrou uma fonte de alívio nas prerrogativas pentecostais. A carência de uma ação mais efetiva do poder público e igreja católica na vida desses interioranos ofereceu caminho aberto para uma ação bem sucedida dos pioneiros, que pregavam para uma população excluída. A liberdade nos dias de culto que esses “novos convertidos” (principalmente ex-católicos) experimentavam era diferente de tudo o que tinham vivenciado no catolicismo. Todos os crentes, indistintamente, tinham a oportunidade de subir no púlpito e “pregar a palavra” sem precisar exercer qualquer posto na hierarquia da nova igreja de então. Além disso, ler a Bíblia, orar e cantar coletivamente constituíam outra novidade que atraiu muitos adeptos das comunidades carentes:

... orações coletivas espontâneas, cada um orando com suas próprias palavras, crentes podendo pregar nas igrejas e não apenas os pastores, depoimentos, acolhimento fraternal dado pelos integrantes do grupo aos visitantes, cânticos, simples crentes lendo a Bíblia (não importava se soletravam) e também pregando. Esse conjunto de elementos tocava a sensibilidade de simpatizantes, bem acolhidos à entrada do templo. Tudo isso ia ao encontro da população pobre.⁴⁵

Cecília Mariz⁴⁶ também discutiu a relação entre pobreza e pentecostalismo. Falando da maneira como o pentecostalismo influenciaria na recuperação de ex-alcoólatras, a autora

⁴³ FRESTON, Paul. Op.cit., p.116.

⁴⁴ ROLIM, Francisco Cartaxo. Op.cit., pp. 27-48.

⁴⁵ Idem, p.30.

⁴⁶ MARIZ, Cecília. Alcoolismo, gênero e pentecostalismo. **Religião e Sociedade**, 16(3): 104-129, 1994.

sinalizou alguns pontos da visão de mundo pentecostal que ajudariam no enfrentamento da situação de pobreza. O primeiro deles seria a “experiência da dignidade” que o convertido ganharia com o reforço da sua auto-estima desencadeado por dois fatores. Inicialmente a ênfase dada pelas igrejas pentecostais aos dons espirituais em detrimento da busca desenfreada pela riqueza material. Somado a isso, a identificação do “crente” como uma pessoa diferente e “de bem” pelas qualidades morais, e até estéticas (aqui uma alusão ao pentecostalismo clássico) que deveria cultivar, funcionariam também como facilitadores daquele sentimento de dignidade. Em segundo lugar, segundo Mariz, estaria a “experiência de possuir poder” por parte dos fiéis, que se daria através da crença nos poderes sobrenaturais divinos, na possibilidade de realizarem milagres. Por fim, o pentecostalismo forneceria ainda um “senso de coerência” aos fiéis mais pobres através da fé destes no poder e num plano divino que guiaria suas vidas e protegeria-os em meio à sociedade guiada por forças malignas. Na conclusão de sua argumentação Mariz colocou que: “ ... o pentecostalismo parece conjugar princípios doutrinários com experiências subjetivas específicas que tornam essa religião mais eficaz para superar problemas específicos relacionados com a pobreza...”⁴⁷

Voltemos aos aspectos históricos da AD no Brasil. Como já foi dito, a expansão da AD foi facilitada pela atuação de leigos que formavam pequenas congregações até serem oficializadas pelos pastores assembleianos. Segundo um sumário histórico da igreja⁴⁸, depois do Pará, segue-se a seguinte ordem de expansão:

- 1914: Piauí;
- 1915: Ceará;
- 1916: Pernambuco, Amapá ;
- 1917: Amazonas;
- 1918: Roraima, Paraíba, Rio Grande do Norte e Maranhão;
- 1922: Rondônia, Alagoas e Espírito Santo;
- 1923: Rio de Janeiro, Santa Catarina e Mato Grosso;
- 1924: Rio Grande do Sul;
- 1926: Bahia;
- 1927: Sergipe, Piauí, Minas Gerais e São Paulo;
- 1929: Paraná;
- 1931: Goiás;
- 1932: Acre;

⁴⁷ Idem, p.90.

⁴⁸ OLIVEIRA, Joanyr. **As Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 1997. pp. 92-123.

- 1956: Brasília.

Freston, citando Vasconcelos, classifica de acordo com as regiões o deslocamento da AD para o resto do país. Podemos observar entre as duas fontes de informação, que alguns dados sobre data chocam-se. Talvez isso aconteça pelo fato do sumário histórico publicado pela igreja levar em conta os primeiros crentes que formavam congregações não oficiais registrados nos anais da AD. E, provavelmente, Vasconcelos deve ter se baseado em datas de registro oficial das igrejas:

Quase sempre, o trabalho se iniciava nas capitais. A expansão (Segundo os dados de Vasconcelos, 1983:27-39) foi:

1915: 3 estados (1 do Norte, 2 do Nordeste)

1920: 9 estados (3 do Norte, 6 do Nordeste)

1925: 15 estados (4 do Norte, 6 do Nordeste, 3 do Sudeste, 2 do Sul)

1930: 20 estados (4 do Norte, 9 do Nordeste, 4 do Sudeste, 3 do Sul).⁴⁹

Em 1930 a AD desvinculou-se dos missionários suecos. Segundo Freston⁵⁰ nesse mesmo ano foi realizada a primeira Convenção Geral da AD, em Natal, onde a Missão Sueca entregou todos os templos para a administração brasileira que deslocou os missionários mais influentes para a região Sul do país que apresentava um trabalho ainda incipiente. Além disso, a sede da denominação foi transferida de Natal para o Rio de Janeiro. Foram passos importantes para uma igreja que guardava uma característica marcadamente “nortista/nordestina”:

Essa nacionalização ocorreu quando a igreja ainda era muito nortista/nordestina, o que contribuiu para sedimentar uma característica que subsiste até hoje. (...) A mentalidade da AD carrega as marcas dessa dupla origem: da experiência sueca das primeiras décadas do século, de marginalização cultural; e da sociedade patriarcal e pré-industrial do Norte/Nordeste dos anos 30 a 60.⁵¹

A Convenção Geral das AD's no Brasil (CGADB) da qual falamos anteriormente é o órgão máximo de representação da igreja.⁵² Líderes de todos os estados reúnem-se para deliberar assuntos administrativos e doutrinários. Existem também as Convenções Estaduais e Ministérios diferentes filiados dentro da AD⁵³. Essas convenções Estaduais são as mais

⁴⁹FRESTON, Paul. Op.cit., p.116.

⁵⁰ Idem, pp.116,117.

⁵¹ Idem, p.117.

⁵² A CGADB possui Conselhos, Comissões e Órgãos. Entre os Conselhos podemos citar o Fiscal, de Doutrina, Ação Social e os Regionais (com representação de cada região do país). Das Comissões: Relações Públicas, Jurídica, Especial da Nova Década da Colheita e Política Nacional. Órgãos: Secretaria Nacional de Missões (SENAMI), Escola de Missões das AD's (EMAD) e CPAD (Casa Publicadora das Assembléias de Deus). Disponível em www.cgadb.com.br. Acesso em: 14 set. 2003.

⁵³ A AD tem muitos Ministérios filiados à Convenção Geral. A presença deles é bem visível em megalópoles como o Rio de Janeiro e São Paulo.

influentes porque têm o poder de nomear ou afastar pastores. A CGADB tem sede no Rio de Janeiro e atualmente é presidida pelo pastor José Wellington Bezerra da Costa. Entre os futuros planos da Convenção estão a criação de uma Faculdade das AD's e a construção de um Centro de Convenções em Brasília.

A AD sobrevive com os dízimos e ofertas vindos do corpo de membros que possui. Não é muito diferente da forma de captação de recursos da IURD, mas veremos que esta trabalha de uma forma mais pragmática com o dinheiro que arrecada em suas igrejas investindo em negócios para além dos templos.

A AD não ficou inerte à ocorrência de cismas. É o caso da Assembléia de Deus de Madureira, que se formou em 1930. Seu fundador, Paulo Macalão, entrou em atrito com os missionários suecos por transmitir uma mensagem bem mais radical que a proposta pelos pioneiros. No início não era um cisma formal, com Convenção independente. Era só mais um ministério. Mas após a morte de Macalão, em 1982, cresceram as pressões sobre a Madureira para que agisse de forma mais fiel à Convenção Geral das Assembléias de Deus. Isso facilitou a exclusão da Madureira da Convenção tradicional da AD e a formação de outra convenção em 1989: A Convenção Nacional das Assembléias de Deus de Madureira (Conamad), proporcionando um maior campo de ação para essa dissidência.⁵⁴ Possui uma editora criada em 1991 (Betel) com publicações que incluem jornais, revistas, folhetos e livros (jornais: O Semeador, Brasil em Foco, Semeando em Família, Club'Tel, Semeadorzinho). A AD da qual trato no trabalho é a popularmente conhecida como a de "Missão", "Belém". Esse segmento é o maior das AD's.⁵⁵

Não existem grandes diferenças doutrinárias e teológicas entre ambas. No ano de 2003 foram publicados os novos estatutos das duas Convenções das AD's no Brasil⁵⁶ em conformidade com as novas diretrizes do Código Civil que passaram a exigir das instituições religiosas determinadas ações que promovessem uma maior transparência administrativa transformando as igrejas em pessoas jurídicas. A leitura desses estatutos nos deram uma visão do que as respectivas AD's professam em nome de suas interpretações bíblicas acerca da vida cotidiana e religiosa dos fiéis e lideranças. No quesito direitos e deveres dos membros, percebemos na AD de Missão um discurso mais objetivo e explícito sobre os temas que

⁵⁴ FRESTON, Paul. Op.cit., pp.120-121.

⁵⁵ Jornal **O Globo**, 16/10/2002.

⁵⁶ Estatuto Padrão das Igrejas Filiadas a CONAMAD. Jornal **O Semeador**, p.08, out./2003.

Projeto de adequação de estatuto – Estatuto da Igreja Evangélica Assembléia de Deus. Disponível em http://www.cgadb.com.br/p_estatuto-iead.htm. Acesso em 13 nov. 2003.

implicariam na aplicação de punições disciplinares. O inciso sete do artigo nono do capítulo quatro coloca:

- Art. 9º Perderá sua condição de membro (associado), inclusive seu cargo e função, se pertencente à Diretoria ou ao Ministério, aquele que:
- I – solicitar seu desligamento ou transferência para outra igreja;
 - II – abandonar a igreja;
 - III – não pautar sua vida conforme os preceitos bíblicos, negando os requisitos preliminares de que trata o art. 5º, incisos I, II e III;⁵⁷;
 - IV – não cumprir seus deveres expressos neste estatuto e as determinações da administração geral;
 - V – promover dissidência manifesta ou se rebelar contra a autoridade da igreja, Ministério e das Assembléias;
 - VI – vier a falecer;
 - VII – o membro que não viver de acordo com as doutrinas da Bíblia Sagrada, praticando:
 - a) o adultério (Ex 20.14);
 - b) a fornicação (Ex 20.14);
 - c) a prostituição (Ex 20.14);
 - d) o homossexualismo (Lv 18.22; 20.13; Rm 1.26-28);
 - e) relação sexual com animais (Lv 18. 23-24);
 - f) o homicídio e sua tentativa (Ex 20.13; 21.18-19);
 - g) o furto ou o roubo (Ex 20.15);
 - h) crime previsto pela lei, demonstrado pela condenação em processo próprio e trânsito em julgado (Rm 13. 1-7);
 - i) rebelião (I Sm 15.23);
 - j) a feitiçaria e suas ramificações (Ap 22.15; Gl 5.19).⁵⁸

No caso da AD de Madureira, as faltas disciplinares foram divididas em graus de gravidade. Dependendo da atitude que o fiel tome, ele pode sofrer advertência, censura, suspensão de direitos, deposição e exclusão. Entre as faltas mais leves estão a mentira, freqüentar lugares impróprios e vestir-se de modo mais sensual. Para a pessoa não perder os direitos de estar participando da comunhão da igreja ela não deve envolver-se em eventos como: brigas com agressões físicas e verbais, fornicação, escândalos públicos, jogos de azar, tabagismo, alcoolismo e inovações litúrgicas estranhas ao praticado pela igreja. Serão passíveis de exclusão aqueles que forem reincidentes naqueles interditos já citados; os que estiverem em infidelidade conjugal ou promiscuidade; aqueles que se tornarem dependentes químicos; e quem aderir a cismas e heresias bíblico-teológicas que não estejam de acordo com o que as AD's de Madureira professam.

⁵⁷ Aqui se trata das condições para uma pessoa ser membro da igreja. Ela deve crer e concordar que a Bíblia Sagrada serve como "única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter do cristão"; deve crer em um só Deus subsistente no Pai, no Filho e no Espírito Santo; e concordar com a liturgia da igreja "em suas diversas formas e práticas, suas doutrinas, costumes e captação de recursos."

⁵⁸ Estatuto da Igreja Evangélica Assembléia de Deus. Op.cit.

Percebemos que a AD de Missão procurou deixar claro aquelas questões que causam um impacto maior na sociedade em geral pelo embate inevitável com determinados grupos. Por outro lado, os “costumes” não foram deixados de lado como pré-requisitos para uma boa convivência entre membros e instituição. A AD de Madureira, pelo o exposto em seu estatuto, mostra-se um pouco mais maleável nas sanções disciplinares de seus fiéis. Já no discurso da AD de Missão, notamos a persistência de um certo conservadorismo moral daqueles preceitos que nortearam a identidade assembleiana desde os pioneiros, e que também é marca registrada dos pentecostais, em maior ou menor grau.

As hierarquias administrativas dentro das igrejas compõem-se de cargos ocupados majoritariamente por homens.⁵⁹ Alguém que deseja participar do trabalho religioso na AD obedece a seguinte escalada: auxiliar do trabalho, diácono, presbítero, evangelista e, por fim, pastor. Esse último tem que lidar com uma realidade cada vez mais presente na AD: a pluralidade social e teológica. Esta última tem suas raízes em querelas relacionadas à exegese bíblica. Quando os embates tornam-se insustentáveis os membros insatisfeitos desligam-se da igreja e fundam outro ministério, apesar de ainda continuarem ligados à CGADB. Já no quesito da pluralidade social, as identificações mais tradicionais da AD, principalmente as externas, estão sendo postas em xeque por uma nova classe de membros que experimenta um processo de ascensão social, causando certo mal-estar entre as alas mais conservadoras da igreja. Freston coloca que a AD:

(...) Ficou demasiadamente diversificada em termos sociais para continuar como estava, mas hesita entre opções contraditórias para o novo momento. Já tem todas as classes dentro dela, desde empresários de porte razoável até mendigos. Há uma tensão entre o desejo de aderir explicitamente a valores burgueses, e a tradição assembleiana de um certo populismo religioso que tende a gloriar-se na escolha dos humildes por parte de Deus.⁶⁰

Por esse motivo, existem “ADs” e “ADs”. A história de vida e posição social dos pioneiros fez valer uma posição na qual enfatizavam a “escolha dos humildes”, entendidos como sendo os pobres, sem acesso à educação, cidadania, poder aquisitivo. Mas essa característica tem se transformado sobremaneira. Quem visita um templo central, com certeza não verá o mesmo público e nem o mesmo “púlpito” em bairros periféricos. A complexidade é visível quando atentamos para os inúmeros ministérios da AD que encontramos, principalmente, no Rio de Janeiro e São Paulo.

⁵⁹ Na revista Obreiro, de fevereiro de 1998, temos um caso raríssimo. Foi publicada a entrevista de Antonieta Rosa - dirigente de uma congregação ligada ao Ministério da AD na Penha, Rio de Janeiro.

⁶⁰ FRESTON, Paul. Op.cit., p.123.

1.2 – Histórico e atuação da IURD

A IURD é uma das principais denominações características da terceira onda no desenvolvimento do Pentecostalismo no Brasil, segundo a classificação proposta por Freston, como já explicitada na introdução. Daí uma certa distância da sua fundação em relação à AD. A IURD foi fundada sessenta e seis anos depois da AD. Nos seus vinte e sete anos de existência nunca uma igreja pentecostal foi tão visada pelo público em geral. Seu tumultuado caminho até estabelecer-se em tão pouco tempo como uma potência denominacional foi traçado em meio a muitos conflitos como veremos á seguir.

Para compreendermos a trajetória da IURD, tal qual aconteceu com a AD, iniciaremos com a biografia do seu fundador: Edir Macedo Bezerra, ou, o Bispo Macedo. O principal articulador da IURD nasceu em Rio das Flores, Rio de Janeiro, em 1944. É o quarto, dos sete filhos de um comerciante.⁶¹ Seu primeiro emprego foi como *office boy* aos 17 anos, na Loterj (Loteria do Rio de Janeiro), Secretaria de Finanças do Estado. Após quinze anos, como agente administrativo desligou-se da Loterj.

O grau de escolaridade de Macedo é diferente da maioria dos líderes das igrejas pentecostais que o antecederam. Os primeiros expoentes do pentecostalismo no Brasil não possuíam nos seus currículos o terceiro grau. Macedo não possui diploma universitário⁶², mas passou pelos bancos da Universidade Federal Fluminense cursando Matemática, e pela Escola Nacional de Ciências e Estatística estudando Estatística.⁶³

Macedo vinha de uma família católica. Mas, depois de uma breve passagem pela Umbanda, entrou para a Igreja Nova Vida, de matriz pentecostal e cronologicamente pertencente á segunda onda do Pentecostalismo nacional. A experiência que Edir Macedo adquiriu na Nova Vida foi de suma importância para o modelo de igreja que ele iria formar. Mariano⁶⁴ e Freston⁶⁵ nos dão pistas na dinâmica e história da Nova Vida para observarmos em que ela influenciaria o futuro líder da IURD.

O fundador da Nova Vida, o missionário canadense Robert McAlister, é dissidente da AD. Fez trabalho de evangelismo em vários países, representou junto ao Vaticano o segmento pentecostal e publicou mais de quarenta livros e livretos dentre os quais alguns livros que se

⁶¹ FRESTON, Paul. Uma breve história do pentecostalismo brasileiro. In: **Nem anjos, nem demônios: Interpretações sociológicas do Pentecostalismo**. 2ed, Petrópolis: Vozes, 1996. p.132.

⁶² Macedo tem uma formação voltada principalmente para o campo teológico. Não obtive a informação de que os cursos concluídos pelo Bispo eram ou não reconhecidos como de nível superior pelo MEC. Disponível em <http://www.2arcauniversal.com.br/bispomacedo/biografia.jsp>. Acesso em 07 ago. 2003.

⁶³ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999. p 54.

⁶⁴ Idem, pp. 51-53.

⁶⁵ FRESTON, Paul. Op.cit.

destacam pelos conteúdos envolvendo experiências com exorcismo e discussão sobre demonismo.⁶⁶ Em 1955 e 1958 participou de cultos como pregador na AD e nas tendas de lona da Cruzada Nacional de Evangelização. Em 1960, apoiado financeiramente por estrangeiros, McAlister passou a pregar toda semana no auditório da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no Rio de Janeiro, de ano em ano do Maracanãzinho e deu início à Cruzada de Nova Vida. Apenas no final dos anos 60 resolveu organizar uma igreja que adotasse formas menos legalistas e menos conservadoras dentro do pentecostalismo.⁶⁷ O Bispo Roberto, como era conhecido McAlister, foi pioneiro em atrair a classe média para o âmbito pentecostal. Ele investiu significativamente na mídia e sua igreja foi uma espécie de “curso intensivo” para futuros líderes das denominações que surgiram no final dos anos 70, as de terceira onda do Movimento Pentecostal no Brasil:

A Nova Vida teve um momento de vanguardismo, mas ficou amarrada pelo personalismo e pelas ambições dinásticas. Sua maior contribuição foi ter sido um ‘estágio’ para futuros líderes. Trabalhou com homens um pouco mais cultos e entendidos do mundo do que os líderes da primeira e segunda ondas, e sugeriu-lhes um modelo pentecostal mais culturalmente solto. Deu-lhes, também, uma formação indispensável para que se tornassem independentes: segundo um ex-pastor, ‘a primeira coisa que aprendi na Nova Vida foi como levantar uma boa oferta’. Em sintonia com isso, a mensagem devia ser sempre positiva. Era o transplante do que havia de mais recente na religião americana, no estilo dos novos pregadores televisivos.⁶⁸

Macedo, com uma forma efusiva e direta de pregar, pretendendo uma concepção mais avivada de prática religiosa, e sem apoio para suas atividades de evangelismo, entendidas como muito agressivas pela Igreja Nova Vida, desligou-se dessa igreja em 1975 procurando mais liberdade de atuação. Mariano coloca que entre as principais razões da saída de Macedo daquela igreja estava o excesso de elitismo na denominação, o que não agradava o futuro Bispo.⁶⁹ Macedo não saiu sozinho. Contou com a companhia de Romildo Ribeiro Soares (mais tarde fundador da Igreja Internacional da Graça de Deus), Roberto Augusto Lopes e dos irmãos Samuel Coutinho e Fidélis Coutinho.

Macedo passou a pregar em um coreto no Jardim do Méier, Zona Norte do Rio de Janeiro pela Cruzada do Caminho Eterno. Antes, havia sido consagrado a pastor na igreja

⁶⁶ Títulos: Mãe de Santo (1968) e Crentes endemoninhados: a nova heresia(1975). Ver MARIANO, Ricardo. Op.Cit. p.51.

⁶⁷ FRESTON, Paul. Op.cit., p.133.

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ MARIANO, Ricardo. Op.cit., p.55.

Casa da Bênção⁷⁰. Após desentendimentos com os irmãos Coutinho na Cruzada do Caminho Eterno, Macedo, Soares e Lopes uniram-se para fundar a IURD. Macedo, hoje, é o único que continua na IURD.

O primeiro nome da IURD teria sido Igreja da Bênção. As primeiras reuniões foram realizadas numa ex-funerária no bairro da Abolição, Rio de Janeiro. O nome atual, Igreja Universal do Reino de Deus, foi registrado oficialmente em 1977.⁷¹

Diferentemente da AD, a IURD foi uma denominação das grandes cidades desde o princípio da sua expansão. Nos primeiros dez anos a concentração maior de templos da igreja estava na região sudeste. Segundo um texto cedido pela Biblioteca da Gráfica Universal⁷², as primeiras igrejas foram fixadas no Rio e dois anos depois chegaram a São Paulo e Minas Gerais. Em 1980 estavam na Bahia e no Paraná. Na região norte do país estabeleceram-se em 1988. Em 1985 a IURD já estava presente em quase todas as capitais brasileiras.⁷³ Apesar de ter expandido suas fronteiras em território nacional, atualmente ainda há uma concentração mais forte de templos e fiéis iurdianos no Rio de Janeiro, vindo logo em seguida São Paulo e Bahia. A inauguração dos trabalhos da IURD pelos Estados deu-se da seguinte forma:

- Rio de Janeiro: 1977;
- São Paulo e Minas Gerais: 1979;
- Paraná e Bahia: 1980;
- Paraíba: 1981;
- Distrito Federal, Pernambuco e Rio Grande do Sul: 1982;
- Sergipe, Pará e Ceará: 1983;
- Maranhão e Mato Grosso do Sul: 1985;
- Santa Catarina: 1986;
- Alagoas, Rio Grande do Norte, Piauí e Espírito Santo: 1987;
- Mato Grosso e Rondônia: 1988;
- Amazonas e Goiás: 1989;
- Amapá: 1991;
- Roraima e Tocantins: 1993.⁷⁴

A IURD também está no exterior. Depois de três anos de sua fundação, a IURD iniciou a expansão para outros países. Segundo Campos, os primeiros templos iurdianos

⁷⁰ MARIANO, Ricardo. Op.cit. p.55.

⁷¹ SOUZA, Etiane Caloy de. Op.cit., p. 128.

⁷² **IURD: 23 anos ultrapassando fronteiras.** Rio de Janeiro: Universal. 2000.

⁷³ SOUZA, Etiane Caloy de. Op.cit., p.129.

⁷⁴ **IURD: 23 anos ultrapassando fronteiras.** Op.cit.

fundados em territórios estrangeiros foram abertos no Paraguai em 1985, e dois anos mais tarde nos E.U.A.⁷⁵ Quem visita o site da IURD encontra a informação de que existem trabalhos espalhados pela América do Norte, Central e do Sul, África, Europa e Ásia.⁷⁶

A IURD sempre foi reconhecida por alugar e comprar locais onde antes funcionavam estabelecimentos como teatro e cinema para iniciar o funcionamento de templos. Mariano chega a falar de um certo “estereótipo arquitetônico de supermercado”⁷⁷ para qualificar a situação estética das igrejas iurdianas. Mas o ano de 1998 é um marco do que se convencionou chamar de a “Era das Catedrais” na IURD. Para fugir daquele estereótipo e simbolicamente consolidar-se como uma denominação influente e de sucesso, a igreja Universal dá início à construção de imensos e luxuosos templos com uma infra-estrutura capaz de atender até 12 mil pessoas como acontece na Catedral Mundial da Fé, a maior delas. Ela também é conhecida como “Templo da Glória do Novo Israel”, com 72 mil m², heliporto e dois andares de estacionamento. Está localizada na Avenida Suburbana, 4.242, bairro Del Castilho, subúrbio do Rio de Janeiro.⁷⁸

Para gerir todas essas dimensões de igrejas e fiéis existe um aparato administrativo altamente hierarquizado. A divisão dos cargos na igreja começa pelos serviços de recepção, limpeza de templos, e ajuda para “expulsão dos demônios”. Estamos falando dos obreiros e obreiras, sempre devidamente uniformizados dentro dos templos. Depois estão os pastores, e o posto mais alto é o de Bispo.⁷⁹

Falar sobre o crescimento da IURD implica em colocar o papel fundamental que teve o uso dos meios de comunicação por parte do Bispo Macedo na sua estratégia de expansão. Quando ainda era membro da igreja Nova Vida iniciou suas pregações na mídia pela rádio Metropolitana e pela extinta Televisão Tupi, em fins dos anos 70. Em 1984 ele comprou sua primeira emissora de rádio, a rádio Copacabana. Mais tarde, uma outra aquisição daria a possibilidade de um grande passo na expansão da IURD, e dessa vez os caminhos eram televisivos. Estamos falando da compra da rede Record de televisão, em 1989. Depois dessa aquisição muitas outras foram feitas visando aumentar o alcance midiático da igreja. Em 1995 foram adquiridas mais oito emissoras e investidos mais de 30 milhões de dólares em tecnologia para modernizar a Rede Record. No ano seguinte somaram-se mais cinco

⁷⁵ CAMPOS, Leonildo Silveira. Op.cit., p. 410.

⁷⁶ O site cita países como: Estados Unidos e Canadá; México, Costa Rica e Guatemala; Colômbia, Argentina e Chile; Angola, Moçambique e Etiópia; Itália, Portugal e Inglaterra; Filipinas, Romênia e Israel. Disponível em <http://www.arcauniversal.com.br>. Acesso em 12 nov. 2003.

⁷⁷ MARIANO, Ricardo. Op.cit., p.65.

⁷⁸ Revista **Plenitude**, n.87, julho/2002. p.40.

⁷⁹ FRESTON, Paul. Op.cit., p.145.

emissoras das cidades de Brasília, Belém, Recife, Fortaleza e Natal. Em 1999 a IURD adquiriu a Rede Mulher, em São Paulo.⁸⁰

A compra da Record deu vazão a uma série de episódios desconcertantes na História da IURD, envolvendo principalmente o líder máximo, Edir Macedo. Após passar três anos nos E.U.A., o Bispo Macedo voltou ao Brasil, transferindo a sede nacional da IURD para São Paulo e efetuando a compra da emissora de TV.⁸¹ Esse fato implicou em um maior poder de pronunciamento frente à sociedade e fiéis. Por outro lado, essa visibilidade provocou reações de outras emissoras, que colocaram em dúvida o processo legal de compra da emissora.

Antes disso, a IURD já tinha sido destacada no noticiário nacional por eleger um de seus líderes como deputado em 1986, e, no outro ano, por promover concentrações de fé em estádios. Milhares de pessoas compareciam para assistir e participar de sessões de exorcismo, além de pedidos de ofertas em dinheiro para os que quisessem ter prosperidade financeira e espiritual. Depois da compra da Record, as outras emissoras, agora concorrentes, empreenderam um movimento conjunto para tentar denegrir a imagem da IURD, e do Bispo Macedo.⁸² O objetivo da imprensa naquele momento era descobrir os meios pelos quais foi possível uma igreja, em tão pouco tempo, ter condições monetárias para comprar uma rede nacional de televisão.

A fonte de capital financeiro utilizada para a compra de tantos bens por parte de Macedo não é clara. De forma geral, a renda de que dispõe a IURD vem do montante viabilizado pelas ofertas e dízimos de seus fiéis. Especialmente no início de sua trajetória, ela recorria a esses valores. Tanto é que, segundo Freston, as negociações para a entrada da IURD em canal aberto no país com a Rede Record de televisão, só foram possíveis graças a um empréstimo que Macedo teria feito da sua própria igreja (sem juros, e com longo prazo de pagamento), motivo que serviu de estopim para uma série de acusações contra o mesmo.⁸³ Atualmente a IURD conta com outros empreendimentos que denotam a força que ganhou com o aumento de seu prestígio econômico e político, fatores que certamente facilitaram no crescimento e expansão verificados em sua história. A igreja possui, além das emissoras de rádio e televisão, uma gráfica, uma construtora, uma fábrica de móveis, um jornal diário em

⁸⁰ CAMPOS, Leonildo Silveira. O marketing e as estratégias de comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus. In: **Estudos de Religião**. n. 15, dez./ 1998, pp. 21-38. p. 25.

⁸¹ Idem, p. 135.

⁸² FRESTON, Paul . A igreja universal do Reino de Deus e o campo protestante no Brasil. **Estudos de Religião**. n.15, dez./ 1998.

⁸³ FRESTON, Paul. Uma breve história do pentecostalismo brasileiro. In: **Nem anjos, nem demônios: Interpretações sociológicas do Pentecostalismo**. 2ed, Petrópolis: Vozes, 1996. p.154.

Belo Horizonte (Hoje em dia) e, finalmente, e não menos estratégico, um pequeno banco na Avenida Paulista – o Banco de crédito Metropolitano.⁸⁴

Mas mesmo em meio a todas as especulações, acusações, e episódios vexatórios de que foi alvo a IURD, inclusive com a prisão de Macedo em 1992 (acusado de charlatanismo, curandeirismo e estelionato), a igreja continuou tendo um alcance bastante abrangente para uma denominação pentecostal com apenas 26 anos de existência. Segundo Freston: “A IURD conseguiu em pouco mais de uma década o que levou gerações para outros grupos pentecostais: a diversificação de sua base social. Mais do que isso, ocupou espaços sociais antes impensáveis para protestantes no Brasil.”⁸⁵

O Bispo Macedo continua sendo líder da IURD, detendo o monopólio teológico, e o controle de todas as atividades da igreja.⁸⁶ Mas ele não mantém a imagem de um dirigente personalista. O cuidado em não aparentar uma estrutura personalista nos inúmeros templos que administra segue essa mesma linha. Entre outras medidas, não possibilita a participação da congregação nas situações decisórias do corpo que coordena a igreja, e troca freqüentemente os pastores.⁸⁷

⁸⁴ Idem, pp.130-131.

⁸⁵ FRESTON, Paul. Uma breve história do pentecostalismo brasileiro. In: **Nem anjos, nem demônios: Interpretações sociológicas do Pentecostalismo**. 2ed, Petrópolis: Vozes, 1996. p.135.

⁸⁶ Falamos aqui em um monopólio teológico porque as publicações voltadas para questões que tratavam das perspectivas teológicas adotadas na IURD, na esmagadora maioria das vezes, vieram de Macedo.

⁸⁷ Idem, p.145.

Cap. II AD e IURD no campo religioso brasileiro

Quando o tema era religião no Brasil, o tópico mais alardeado era o dos “sincretismos”, “um pouquinho de cada um”. Era corrente a noção de sincretismo como a mistura de muita coisa boa que se harmonizava em uma só. Queiroz⁸⁸ concorda com o pensamento de que a convivência das três etnias (branco, índio e negro) favoreceu uma série de apropriações de significados que deram origem ao caráter sincrético da identidade brasileira (inclusive a religiosa), e que isso deu-se de maneira cordial. Mas esse pensamento, por ser anulador das diferenças, das resistências, foi sendo recusado pelos pesquisadores.

A colcha de retalhos que compõe a religiosidade no país é evidente, mas a maneira de enxergar esse fenômeno foge das antigas proposições. Sanchis⁸⁹ chama a atenção para uma redefinição da palavra sincretismo, sem deixá-la esquecida, quando quisermos aplicá-la ao contexto histórico da religiosidade que se implantou no Brasil e ao cenário contemporâneo também. Sincretismo, para o autor, refere-se ao atentar para as diferenças no que achamos ser puro. Ele Utiliza-se da idéia de Ruth Cardoso, do caráter caleidoscópico (plural) da cultura, e, inserida nela, a religião, para explicar que o sincretismo é “um *processo* muito geral, que faz cada grupo se redefinir constantemente em função do encontro com o “Outro.”⁹⁰ As identidades estão sempre em transformação quando desse encontro com o diferente, não é apenas a apropriação de um e de outro para formar uma mistura. Portanto, não há nada puro na religião. Sanchis chama a atenção para o aspecto de que o catolicismo lusitano (aldeão) que veio para o Brasil já era carregado de sincretismos, assim como as práticas religiosas africanas.

Para exemplificar o modo como se deu a construção de uma religiosidade brasileira, carregada de pluralismos, recorreremos à contribuição de Sanchis no que diz respeito ao “desenraizamento” que sofreram as matrizes religiosas que já estavam aqui (o indígena “manso”), e das que viriam para o Brasil (o português católico e o negro). Desenraizadas porque saídas de uma realidade sua e obrigadas a encontros transformadores. Desses encontros, uma modalidade de sincretismo marcada pela “ (...) enunciação, constantemente gaguejante e lábil, mas constantemente retomada e levada adiante, de um *sintagma* inacabado.

⁸⁸ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade nacional, religião, expressões culturais: criação religiosa no Brasil. In: Da Matta, Roberto et al. **Religião e identidade nacional**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

⁸⁹ SANCHIS, Pierre. Op.cit., pp.96-106.

⁹⁰ Idem, p.96.

Até hoje.”⁹¹ Essa seria a natureza do sincretismo brasileiro que, o mais interessante na análise de Sanchis, serviria de base para entendermos a situação do campo religioso contemporâneo:

Lembrem-se, por um lado, da descrição de Roland Campiche do momento atual da religião na Suíça ou da definição já citada (Ruth Cardoso) da pós-modernidade contemporânea, ‘caleidoscópica, onde os vários fragmentos só ganham sentido ao pertencer a um conjunto que, entretanto, *não admite centralidade*, relevos ou pontos de fuga’, por outro lado da descrição, também citada (Alba Zaluar), do sincretismo brasileiro: ‘um *constante* empréstimo e reinterpretação de elementos de diferentes tradições ou sistemas culturais, para formar novos sistemas, como acontece no sincretismo brasileiro, *em que nunca se chega a uma verdade unificada*’. O paralelismo é surpreendente. O pluralismo *contemporâneo*, tipicamente pós-moderno, reencontra linhas de força fundamentais do pluralismo *tradicional* brasileiro.⁹²

Portanto, o que pensar, senão que o campo religioso, de uma forma geral, segue as tendências pós-modernas de funcionamento. Já vimos que a pós-modernidade confere à religião também uma situação de não linearidade, de impossibilidade de pensarmos uma identidade exclusiva aí. Sanchis fala da situação de *bricolagem*. Para o autor esse processo estaria instalando-se no campo religioso contemporâneo que passaria por um processo de individualização da religião. O indivíduo em busca de uma religiosidade não estaria mais preso às instituições religiosas para ter acesso aos bens de salvação, segurança, bem-estar. Ele construiria seu próprio modo de viver a religião: “...o indivíduo *constrói* sua identidade religiosa. Ele se apropria dos elementos necessários à satisfação de suas necessidades em termos de comunicação e semântica religiosa. Ele escolhe, entre os elementos que lhe são propostos, aqueles que melhor lhe convêm.”⁹³ Isso não quer dizer que o institucional na religião tenha deixado de existir, mas que o campo da religião tem passado por transformações significativas no que diz respeito à abertura de novas formas de se apreender o sagrado.

Que artifícios AD e IURD irão lançar mão para moverem-se da melhor maneira possível nesse nicho de pluralidade em todos os sentidos que é a sociedade contemporânea? E como ficam num campo religioso onde as disputas por poder são explícitas e constantes? A questão da representatividade pentecostal no cenário nacional e o combate às outras religiões constituem pontos de análise que servirão para entender os processos de mobilidade que AD e

⁹¹ Idem, p.104.

⁹² Idem, p.105.

⁹³ Idem, p.90.

IURD irão desenvolver, cada uma a seu modo, para legitimarem-se e fazerem frente à concorrência no mercado religioso brasileiro.

2.1 – AD e IURD na questão da “unificação” do campo evangélico brasileiro

Na década de noventa observou-se entre os pentecostais no Brasil um esforço em criar órgãos que reunissem interesses e efetivasse ações conjuntas dos evangélicos em prol de um aumento do poder representativo desse segmento no Brasil.

A AD, como as demais igrejas pentecostais clássicas no Brasil, sempre foi reconhecida pela tradição sectária e ascética em todos os níveis. Nos últimos anos, a complexidade social que adquiriu e a emergência do Neopentecostalismo trouxeram para a igreja a necessidade de reformular algumas posturas, inclusive nas relações políticas que mantinha com os outros segmentos evangélicos e pentecostais. Já a IURD foi uma igreja que desde cedo preocupou-se em cercar-se de força política para atender aos seus interesses e conquistar espaços antes impensados para uma denominação pentecostal. Ora, AD e IURD, na década de noventa, vão estar em lados opostos na disputa pela hegemonia política (no sentido de representação entre os evangélicos) no campo evangélico.⁹⁴

Os anos noventa foram testemunhas de uma avalanche de escândalos envolvendo a IURD e seus líderes. Esses revezes foram facilitadores para a tomada de posição da IURD em querer unir os pentecostais sob sua batuta. Freston⁹⁵ e Mariano⁹⁶ analisaram esses fatos em seus breves históricos sobre o pentecostalismo. Após a compra da Rede Record de Televisão, no final do ano de 1989, a IURD e Macedo aguçaram a curiosidade de setores religiosos e não religiosos, especialmente. Os ataques começaram. Entre vários incidentes destacamos os que ganharam mais expressão na mídia. No ano seguinte ao episódio do ganho de concessão e compra da emissora de TV, uma série de reportagens acusava ilegalidades na forma como a igreja acumulava capital para efetuar grandes negócios, chegando até às páginas policiais acusando Macedo de charlatanismo religioso. Segundo Mariano, muitas dessas críticas feitas eram extremamente preconceituosas e exageradas. Nessa época, as redes Globo e Manchete

⁹⁴ Essa postura é recorrente em vários estudos sobre o tema, entre os quais podemos citar :

MARIANO, Ricardo. Op.cit., pp.69-81.

FRESTON, Paul . A igreja universal do Reino de Deus e o campo protestante no Brasil. **Estudos de Religião**. n.15, dez./ 1998.

FRESTON, Paul. Uma breve história do pentecostalismo brasileiro. In: **Nem anjos, nem demônios: Interpretações sociológicas do Pentecostalismo**. 2ed, Petrópolis: Vozes, 1996.

CAMPOS, Leonildo Silveira Campos. Op.cit., pp.259-263.

⁹⁵ FRESTON, Paul . A igreja universal do Reino de Deus e o campo protestante no Brasil. **Estudos de Religião**. n.15, dez./ 1998. pp. 09-20.

⁹⁶ MARIANO, Ricardo. Op.cit., pp. 69-91.

de televisão dedicaram programas jornalísticos exclusivamente para tratar do caso da novas “seitas” que implementavam o cenário nacional. Especialmente a Rede Globo: “...exagerou nas críticas. Ridicularizou a credence, a ignorância e a ingenuidade dos crentes. Questionou a idoneidade de Macedo e a eficácia das curas, bênçãos, práticas rituais e promessas taumatúrgicas da Universal.”⁹⁷ Freston também corrobora com a conclusão de Mariano quando classifica as ações da mídia naquele momento como generalizantes e policialescas.⁹⁸

Mas algumas vezes a cúpula da igreja deu razão a determinadas desconfianças. Como exemplo podemos citar o ocorrido quando da eleição pelo governo de São Paulo, em 1990, que Mariano⁹⁹ entende como sendo uma das vezes em que a imprensa teve razões suficientes para publicar suas críticas em relação às práticas administrativas da IURD. A Rede Record era a única emissora que tinha a possibilidade de promover também o único debate que seria feito entre Paulo Maluf e Luis Antônio Fleury três dias antes do segundo turno. Mas a Record cancelou o debate. Três dias depois a IURD teve uma dívida de mais de um milhão de dólares perdoada pelo banco estadual de São Paulo, o Banespa. O governador de então, Quéricia, teria concedido esse privilégio a Macedo para não ver seu candidato protegido em maus lençóis durante o debate.

Em maio de 1992, a prisão do Bispo Macedo seria um dos primeiros passos para a aproximação da IURD com as outras igrejas evangélicas. Acusado de charlatanismo, estelionato e curandeirismo, Macedo ficou preso doze dias antes de conseguir *habeas-corporis*. Nesse período recebeu apoio de várias lideranças do meio evangélico: “Traduzida como emblema da existência de perseguição religiosa no país, a prisão do Bispo mobilizou fiéis, pastores e políticos evangélicos.”¹⁰⁰

Em julho de 92 a AD publicaria no seu jornal oficial, o Mensageiro da Paz, um manifesto da AEvB (Associação Evangélica Brasileira), à qual era filiada, em nome do seu então presidente, Reverendo Caio Fábio d’Araújo Júnior, o qual condenava a ação policial sobre Macedo. A AD manifestou solidariedade ao Bispo apontando que sua prisão poderia significar um mau presságio em relação à liberdade religiosa no Brasil:

A prisão do bispo Macedo, acusado de charlatanismo, curandeirismo e estelionato, foi notícia nos principais órgãos de imprensa do país, sempre com comentários jocosos procurando denegrir a imagem dos evangélicos.

⁹⁷ Idem, p.70.

⁹⁸ FRESTON, Paul . A igreja universal do Reino de Deus e o campo protestante no Brasil. **Estudos de Religião**. n.15, dez./ 1998, p. 15.

⁹⁹ MARIANO, Ricardo. Op.cit., p.72.

¹⁰⁰ Idem, p.76.

Mas, ao invés de acuar o povo e Deus, o fato serviu para fortalecer os laços que unem os evangélicos.

(...) Nós, que pertencemos à Assembléia de Deus, devemos estar cientes que não nos cabe tecer qualquer crítica à Igreja Universal da Reino de Deus, enquanto parte da família evangélica, embora algumas práticas por ela usadas não estejam em consonância com o nosso *modus vivendi*. Vale lembrar que os motivos que estão por trás dos ataques à Igreja Universal são eminentemente religiosos e bem parecidos com a perseguição movida, no princípio, contra a Assembléia de Deus.¹⁰¹

Além do apoio do meio evangélico em geral, várias concentrações de fiéis foram organizadas para demonstrar apoio ao Bispo e, durante a sua na prisão, foi visitado por Lula e pelo cunhado, líder da Igreja Internacional da Graça, R.R. Soares. Na Folha Universal foi publicado um pronunciamento do então presidente da Adhonep (Associação de Homens de Negócios do Evangelho Pleno), Custódio Rangel Pires. Influente nos meios empresariais evangélicos, o representante da Adhonep ressaltou o seu apoio á Macedo:

Ao visitar o Bispo Macedo na 91ª DP, em São Paulo, para transmitir-lhe meu total apoio e solidariedade, bem como de minha família e da Associação de Homens de Negócio do Evangelho Pleno (Adhonep), da qual sou presidente, Deus me mostrou claramente dois fatos interessantes e extremamente importantes relacionados ao próprio Bispo Macedo, como também às igrejas evangélicas em geral, fatos esses decorrentes dos terríveis acontecimentos em que ele estava envolvido: em primeiro lugar, o grande carinho e respeito manifestos por muitas denominações evangélicas através de seus pastores e líderes; em segundo lugar, um forte quebrantamento entre os ministros.

(...) Nesta hora em que se levantam forças ocultas sutis e tremendas, muitos evangélicos estão apenas na defesa. Para esses a colheita é fraca ou fugaz e aparente, sem consistência, sem vitórias reais.

A Adhonep, por sua vez, em povo que se levantou nos últimos 40 anos e já se expandiu por 140 países, é um exército de ataque, que ousadamente se tem infiltrado a passos largos numa área virgem, formada pelas classes economicamente mais privilegiadas – os homens de negócios, nunca antes atingidos pelos métodos comuns de evangelização. Pois este exército se une e se solidariza com o Bispo Macedo e o grande e forte exército da Igreja Universal de Deus para proclamar mais uma vez a Igreja de Jesus Cristo vitoriosa, no nome de Jesus, e declarar ao mundo que ‘todas as coisas cooperam para o bem dos que amam a Deus’.¹⁰²

Mas a AEvB, criada em 1991 era a entidade mais importante entre as igrejas protestantes e pentecostais, reunindo diferentes denominações sob liderança do pastor Caio Fábio. No auge das denúncias e inquéritos contra a IURD, Macedo procurou aproximar-se da

¹⁰¹ FILHO, Rever. Caio Fábio D’Araújo. AevB lança manifesto sobre o Bispo Macedo. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1264, julho/1992, p.13.

¹⁰² PIRES, Custódio Rangel. A igreja Universal e seu exército de caçadores de mina. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.15, jul./1992, p.07.

AEvB mas a igreja não foi muito bem recepcionada. A idéia de ter no seu quadro de filiados a IURD não agrudou os membros da Associação.

Nessa época, primeiros três anos da década de noventa, a IURD estava sob forte pressão, bombardeada por acusações e investigações. Até o então presidente, Fernando Collor de Melo, recuou no apoio que dava à IURD, sua aliada nas eleições. Segundo Freston, em 91 o governo brasileiro pressionou Macedo para vender a Record para um sócio de P.C. Farias¹⁰³. Mas depois do impeachment, em setembro de 92, a IURD respirava um pouco mais aliviada e começou a organizar-se no sentido de obter respaldo junto aos evangélicos para unir sob os mesmos objetivos todos os evangélicos do Brasil.

Macedo, como vimos, não alcançou sucesso durante o período mais crítico da igreja junto a AEvB. Agora o planejamento para a unificação do campo evangélico passava pela obtenção de aliados.

Em junho de 1993 a IURD, com a colaboração da CONAMAD (Convenção Nacional das Assembléias de Deus de Madureira - uma ala dissidente da AD), na pessoa do então presidente Manoel Ferreira, criou o CNPB – Conselho Nacional de Pastores do Brasil, para fazer frente à AEvB. Na posse da diretoria estavam presentes um Ministro da Justiça e um Senador, e o Estado Maior da Polícia Militar. A IURD tinha todos os mecanismos que precisava para dar conta de transmitir a novidade aos milhares de evangélicos do país: mais de 30 rádios, a Folha Universal, a Rede Record, etc. Estrutura não faltava e o CNPB foi angariando mais apoio de líderes e políticos de igrejas como Casa da Bênção, Quadrangular, Convenção Batista Nacional, Igreja Renascer, Internacional da Graça de Deus, entre outras, pentecostais principalmente.

A AD protocolava apoio à AEvB e manifestou-se com uma opinião que contrariava a criação do CNPB. No jornal Mensageiro da Paz um artigo referia-se da seguinte maneira quanto à questão da criação de um novo órgão representativo para os evangélicos:

De nada adianta o surgimento de novas organizações se a prática não corresponde aos padrões bíblicos de unidade. Elas acabam servindo apenas para a burocratizar a ação da Igreja, criando níveis de intermediação que a colocam distante do povo. O lógico seria as denominações desempenharem bem o seu papel como parte do Corpo de Cristo, sem as amarras da institucionalização e, nos casos em que as circunstâncias o exigirem, ter apenas o respaldo de uma entidade para representá-la naquilo que lhes é comum. É a busca da unidade na diversidade, sem ferir a identidade de cada uma.

¹⁰³ FRESTON, Paul. Uma breve história do pentecostalismo brasileiro. In: **Nem anjos, nem demônios: Interpretações sociológicas do Pentecostalismo**. 2ed, Petrópolis: Vozes, 1996. p.144.

Ora, esta organização já existe, a AEvB, não havendo portanto necessidade alguma de um novo órgão. Ela é aberta a todos e as correções de rumo, se necessárias, podem ser feitas, desde que todas as denominações se façam representar com sugestões em suas assembleias gerais. Nada além disto. Se não for este o caso, é melhor ficar como está, pois criar outra entidade com o mesmo fim cheira a divisionismo e não se chegará a lugar algum. É perda de tempo.¹⁰⁴

A AD, aliada à AEvB, defendeu uma atitude de oposição em relação aos planos da IURD em criar o CNPB. Oficialmente os formadores de opinião assembleianos não direcionaram suas críticas citando os nomes das igrejas envolvidas, mas a contrariedade foi evidente.

Atentando para o empenho da IURD em unificar o campo evangélico, Freston aponta alguns fatores que impeliram esse projeto da liderança iurdiana:

A busca de hegemonia no mundo evangélico teve vários impulsos. Entre eles, sem dúvida, o desejo de beneficiar-se da respeitabilidade desfrutada pelos segmentos protestantes mais antigos no país; de gozar de mais recursos para defender-se dos inimigos religiosos e seculares ... Mas sobretudo, o projeto visava a unificação do campo evangélico sob a liderança Universal para iniciativas políticas.¹⁰⁵

As querelas entre AEvB e o CNPB ficaram bastante evidenciadas nas eleições de 1994 e também nos dois anos seguintes quando nem a AEvB, e nem o CNPB conseguiram aglutinar mais os evangélicos em torno de suas organizações. Se até aí a imprensa generalizava nos atributos desabonadores de legitimidade aos pentecostais, as eleições marcaram no campo religioso do Brasil uma mudança de postura em relação a eles, pois representavam uma gama respeitável de eleitores que não poderia ser dispensada. O crescimento e a inserção cada vez mais arrojada do pentecostalismo por todos os extratos sociais fez a mídia criar um contra-ponto para amenizar as críticas que “disparavam tiros para todos os lados”, sem distinção: a valorização de um “oposto” ao Bispo Macedo, o pastor Caio Fábio, da AEvB.

No ano seguinte, quando a minissérie “Decadência” da Rede Globo foi ao ar, Caio Fábio acirrou suas críticas à IURD concordando com as críticas diretas representadas pelo roteiro da produção *global* que fazia paralelismo com o modo de falar e agir dos pastores iurdianos. Mas o fato é que nem na própria AEvB todos concordaram com a postura de Caio

¹⁰⁴ COUTO, Jeremias do. CNPB: fora de propósito. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1278, set/1993, p.03.

¹⁰⁵ FRESTON, Paul . A igreja universal do Reino de Deus e o campo protestante no Brasil. **Estudos de Religião**. n.15, dez./ 1998. p 10.

Fábio que negava à IURD a condição de igreja evangélica por apresentar elementos denunciadores de sincretismos.¹⁰⁶

Em 1996 a IURD desliga-se do CNPB deixando a liderança para a Madureira. Nessa altura a igreja já desfrutava de suficiente poder político e econômico para poder dispensar essa estratégia de ter ao seu lado aliados para ser reconhecida e ter respeitabilidade no campo religioso evangélico.

Freston, em sua análise sobre a dinâmica na busca por uma unificação organizacional entre protestantes e pentecostais (especialmente a IURD), chama a atenção para a ligação estreita que se estabeleceu aí com a política. Bourdieu¹⁰⁷ fala da relação que o poder político tem com o campo religioso. A religião é entendida aí como um Sistema simbólico, logo, de poder, político, onde são oferecidos bens simbólicos que estruturam conhecimentos, visões de mundo (não sem interferências). Para o autor a religião contribui para a manutenção do poder político. No campo religioso brasileiro a mobilização por uma unificação evangélica sempre andou de mãos dadas com o poder político, apesar deste depender mais da religião do que vice-versa. Isso porque:

A estrutura das relações entre o campo religioso e o campo do poder comanda, em cada conjuntura, a configuração da estrutura das relações constitutivas do campo religioso que cumpre uma função externa de legitimação da ordem estabelecida na medida em que a manutenção da ordem simbólica contribui diretamente para a manutenção da ordem política...¹⁰⁸

A AD desfruta de um certo prestígio político, mas pelo tempo de existência, mais de 90 anos, era para estar num patamar mais elevado de influência e dinamismo dentro do campo evangélico se compararmos com a atuação iurdiana. A AD atentou para a importância mais ampla da política um pouco tardiamente, deixando espaço para uma atuação de sucesso da IURD, por suas características inovadoras na relação com a política que veremos no capítulo três.

2.2 – AD e IURD na situação de mercado

O campo religioso constitui-se em um sistema de produção simbólica, constitui-se num campo específico de significações. Na religiosidade brasileira temos espaço aberto para a identificação de inúmeras instâncias religiosas produtoras de símbolos, ou de bens simbólicos.

¹⁰⁶ Idem, p.17.

¹⁰⁷ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1986. pp.69-72.

¹⁰⁸ Idem, p.69.

Esses bens simbólicos garantiriam o poder de legitimidade no campo religioso. O poder simbólico, segundo Bourdieu, seria uma força estruturante (mas também estruturada), irreconhecível, que construiria a realidade tentando estabelecer sentidos que precisariam ser reconhecidos como naturais, legítimos: “O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo ... só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário.”¹⁰⁹ No campo religioso há uma luta pela acumulação de capital simbólico para se obter reconhecimento aí. AD e IURD estão imbricadas nesse jogo. São agentes religiosos que precisam acumular capital simbólico para terem a possibilidade de serem ouvidos por determinado público que busca viver uma experiência religiosa. A performatividade do discurso de ambas depende desse aparato simbólico que possuem.

A idéia de capital simbólico na religião leva a pensar na noção de “mercado” religioso, com a presença de demandas e ofertas. Berger, analisando as conseqüências que a “secularização” trouxe para a configuração religiosa no mundo, atenta para o fenômeno de pluralização que a tendência secularizante provocou onde antes existiam instituições detentoras de monopólio religioso. No Brasil a questão dos pluralismos é evidente como uma realidade que há muito tempo identifica a nossa religiosidade. Para o referido autor a situação pluralística acarreta em concorrência mercadológica entre as instâncias produtoras desses bens simbólicos para corresponder a determinadas expectativas dependendo do contexto em que essas lutas ocorrem:

A característica-chave de todas as situações pluralistas, quaisquer que sejam os detalhes de seu pano de fundo histórico, é que os ex-monopólios religiosos não podem mais contar com a submissão de suas populações. A submissão é voluntária e, assim, por definição, não é segura. Resulta daí que a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser *colocada no mercado*. Ela tem que ser ‘vendida’ para uma clientela que não está mais obrigada a ‘comprar’. A situação pluralista é, acima de tudo, uma *situação de mercado*. Nela, as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições religiosas tornam-se comodidades de consumo.¹¹⁰

Funcionando segundo uma lógica de mercado, o campo religioso brasileiro vai corresponder a atividades que impliquem em comportar em si elementos que tornem essa ou aquela opção religiosa a mais significativa. AD e IURD, durante a década de noventa, implementaram nos seus discursos oficiais através de seus materiais de divulgação, estratégias que visaram pôr em descrédito algumas organizações de cunho religioso que muito

¹⁰⁹ Idem, p.14.

¹¹⁰ BERGER, Peter Ludwig. Op.cit., p.149.

provavelmente aquelas julgaram ser as que mais ofereciam “perigo” na situação mercadológica e de exegese no campo religioso brasileiro. Nesse sentido, as duas igrejas emitirão respostas teologicamente parecidas, mas com ênfases que em algumas horas distanciam-se. Isso equivale a dizer que a AD, por estar há noventa e dois anos no “mercado” desenvolveu uma diversidade maior de análises ligadas ao combate teológico contra outras religiões. Já a IURD foi muito mais pontual, direcionando suas opiniões desfavoráveis principalmente às práticas católica e espírita¹¹¹, duas concorrentes poderosas. O que ambas nitidamente têm em comum é a utilização de qualificações demonizantes nos seus discursos para exprimirem o que pensam sobre as outras religiões e a contrariedade quanto à efetiva instalação do ecumenismo entre as igrejas.

O Pentecostalismo, diferente das igrejas protestantes históricas, no seu campo hermenêutico apregoa uma mensagem bíblica essencialmente espiritualista. Isso faz com que tudo seja entendido como acontecimentos envolvendo esferas do bem e do mal. Oro¹¹² coloca que correntes religiosas dessa natureza têm forte caráter oposicionista e, baseado em Pace, sinaliza a presença marcante de pares dicotômicos aí pela necessidade desses grupos (no nosso caso duas denominações pentecostais) oporem-se a alguém ou a algo. Em princípio entra a questão da fé: “A crença em princípios de fé indiscutíveis determina a pertença a um mesmo grupo.”¹¹³ A necessidade de oposição seria uma medida preventiva para não se pôr em perigo a própria fé. Logo, a tendência é atribuir qualidades demonizantes para os adversários.¹¹⁴ AD e IURD vão utilizar-se desse dispositivo para nomear outras realidades, construtoras de outros significados.

O discurso, a partir daqui, adquire uma importância fundamental, pois iremos analisar o seu comportamento naquelas denominações. Num primeiro momento iremos nos ater à idéia de Eni P. Orlandi¹¹⁵ especificamente sobre o discurso religioso. Para Orlandi o discurso religioso é marcado por características autoritárias. Nele não se estabelece uma relação de interlocutores, ante, já existe uma fala de determinado interlocutor (Deus e aqueles que por ele falam) que comanda essa relação. Daí decorre a não reversibilidade da capacidade dialógica no discurso religioso para Orlandi. A propriedade de locutor e ouvinte alternarem o seu lugar no discurso religioso não ocorre, ou ocorre o que chamamos de “ilusão de

¹¹¹ Tanto IURD, quanto AD irão entender como espíritas todas as práticas ligadas à mediunidade.

¹¹² ORO, Ivo Pedro. **O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo**. São Paulo: Paulus, 1996.

¹¹³ Idem, p.66.

¹¹⁴ Idem, p.67.

¹¹⁵ ORLANDI, Eni Pulcineli. **A linguagem e seu funcionamento. As formas de discurso**. Campinas: Pontes, 1987.

reversibilidade”: “No discurso autoritário (como o religioso), o referente está ‘ausente’, oculto pelo dizer; não há realmente interlocutores, mas um agente exclusivo, o que resulta na polissemia contida (o exagero é a ordem no sentido em que se diz ‘isso é uma ordem’, em que o sujeito passa a instrumento de comando).”¹¹⁶ Aplicando esse conceito às atividades discursivas dos escritores de AD e IURD observaremos como o discurso dessas duas denominações pentecostais está impregnado de autoritarismo, e como isso influi nas representações que são passadas à congregação dos fiéis, porque, por estar o referente ausente, o discurso torna-se dado e pronto, e é aceito dessa maneira pela grande maioria das pessoas. Logo, o que foi dito em relação às outras práticas religiosas, ou ao ecumenismo, ou qualquer outro assunto, vai ser encarado como infalível e verdadeiro por quem os recebe, facilitando assim a adoção de uma identidade (não uma única identidade) que permeará as representações de mundo de assembleianos e iurdianos. Serão percebidas determinadas nuances na relação entre discurso e representação nas duas denominações que darão determinado sentido, ou outro, ao que pensam como certo ou errado. Mas isso não se dará de qualquer maneira. Segundo Chartier: “As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.”¹¹⁷

Começemos pela AD.

2.2.1 – O discurso apologético da AD

O segmento de apologética entre os estudiosos assembleianos alcançou mercado editorial significativo dentro da denominação. Seleccionamos alguns livros, revistas e artigos de jornal publicados pela CPAD (Casa Publicadora das Assembléias de Deus) que servirão de termômetro para analisar o que a produção jornalística da AD fez destacar no seu discurso em relação às outras religiões.

Encontramos livros com dados indicadores de um discurso demonizante relacionado á outras instâncias produtoras de símbolos religiosos¹¹⁸. Um dos destaques é a presença

¹¹⁶ Idem, p.16.

¹¹⁷ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988. p.17.

¹¹⁸ OLIVEIRA, Raimundo Ferreira de. **Seitas e heresias, um sinal dos tempos**. 21ª ed., Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

COSTA, Jefferson Magno. **Porque Deus condena o Espiritismo**. 10ª ed., Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

SEVERINO, Pedro da Silva. **O homem: corpo, alma e espírito**. 8ª ed., Rio de Janeiro: CPAD, 1988.

RINALDI, Natanael; ROMEIRO, Paulo. **Desmascarando as Seitas**. 6ª ed., Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

GEISLER, Norman; RHODES, Ron. **Resposta às Seitas**. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

contundente de referências ao Espiritismo¹¹⁹ em todas as publicações. Os autores, quando não identificam as práticas mediúnicas como portadoras de caráter fraudulento, são todas elas produtos de ações demoníacas. Pautados em justificações bíblicamente embasadas, os autores refutaram princípios básicos que norteavam as religiões espíritas, como a crença na reencarnação e comunicação com os mortos. Nas falas dos autores o combate veemente àqueles princípios é notadamente constante. Especificamente em um livro é discutida a idéia que a AD admite em relação ao destino pós-morte humano.¹²⁰ Na apresentação deste livro, um pastor de renome atribui ao conteúdo do livro a veracidade quanto ao que acreditava a igreja: “Após examina-lo cuidadosamente com o missionário Eurico Bérngsten, achamos que o mesmo está de acordo com nossos princípios doutrinários e conceitos mantidos nas Assembléias de Deus no Brasil.”¹²¹ O autor, quando falava sobre a possibilidade de comunicação com pessoas falecidas, utilizou-se do capítulo 28 do livro de Samuel (Antigo Testamento), quando do caso do rei Saul e da Pitonisa de En-Dor, para afirmar a não possibilidade de alguém nesta vida ter contato com o “mundo sobrenatural” dos mortos: “Para nós, porém a volta da alma que partiu para a eternidade não se dará (nem em casos especiais, pois tais casos não existem).”¹²² A partir daí, o aparato demonizante usado para qualificar as religiões mediúnicas é evidenciado por um quadro representativo envolvendo toda uma estruturação de imaginário que legitima bíblicamente as opiniões da AD (como também da IURD mais adiante). Por imaginário entenderemos o que disse Baczko: “Esquema de interpretação, mas também de valorização, o dispositivo imaginários suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos da sua interiorização pelos indivíduos...”¹²³ Ou seja, o imaginário seria um conjunto de representações que daria à coletividade um senso unificador onde ela reconheceria-se: “...através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais...”¹²⁴ Por sua vez, o entendimento dos recursos simbólicos que uma sociedade possui é fundamental para a compreensão de determinado imaginário social. No imaginário cristão, como o dos brasileiros, a figura do Diabo sempre esteve presente. Rodeghero, apoiada em Chartier (apud Burguière, 1993:407), diz que a imagem do demônio utilizada para qualificar qualquer “perigo” é altamente

¹¹⁹ Aqui cabe a observação de que a palavra Espiritismo para AD e IURD abarca todas as manifestações de cunho mediúnico, e não somente aquele movimento fundado por Allan Kardec em 1857.

¹²⁰ SEVERINO, Pedro da Silva. Op.cit.

¹²¹ Idem, p.07.

¹²² Idem, p.113.

¹²³ BRONISLAW, Baczko. Imaginação Social. In: **Enciclopédia EINAUDI**, vol.1, (Memória-História). Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984. p.310.

¹²⁴ Idem, p.309.

decifrável em determinadas comunidades por estar essa imagem incluída no cristianismo.¹²⁵ O dispositivo imaginário atua de forma eficaz em fazer parecer natural determinadas nomeações do cotidiano, em todos os seus aspectos.

A AD esforçou-se, então, em construir um discurso que colocasse o seu “outro” em uma esfera de negação, de descrédito. Costa dá ênfase no Espiritismo kardecista e na Umbanda, apesar de não reconhecer grandes diferenças entre ambos:

O grande plano idealizado por Satanás para prejudicar ocultamente a propagação do Evangelho no mundo recebeu sua colaboração fundamental de um francês, em 1857 – nove anos após o início das atividades mediúnicas das irmãs Fox, ao publicar ele o *Livro dos Espíritos*. Com isso tornou-se mundialmente conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec.”¹²⁶
 “Ó Deus, tende misericórdia dos umbandistas, e de todos a quem Satanás tem mantido presos até agora nas diversas correntes do espiritismo, em suas diversas manifestações. Nessas pessoas (e elas são milhões no Brasil) que ‘engoliram’ essas mentiras inspiradas pelo inimigo das nossas almas, é que se têm cumprido as palavras do apóstolo Paulo em 2 Coríntios 4.3,4: ‘Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que não lhes resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus.’ O deus deste século é Satanás, o maioral dos exus.”¹²⁷

Nas reuniões efetuadas nos cultos espíritas a atuação demoníaca também é enfatizada:

Na prática de tais consultas aos mortos, sempre existiram embustes, mistificações, mentiras, farsas e manifestações de demônios. É o que acontece nas sessões espíritas, onde espíritos demoníacos, espíritos enganadores, manifestam-se, identificando-se com pessoas amadas que faleceram.

(...) O povo de Deus, porém, possui a inigualável revelação de Deus pela qual disciplina a sua vida: ‘Quando vos disserem: Consultai os que têm espíritos familiares e os adivinhos, que chilreiam e murmuram entre dentes; - não recorrerá um povo ao seu Deus? A favor dos vivos interrogar-se-ão os mortos? À lei e ao Testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva.’ (Is 8.19,20).¹²⁸

O teor dos discursos é sempre muito semelhante entre os autores em relação às práticas mediúnicas. Mas apesar destas serem o principal ponto de convergência entre os apologistas assembleianos, outras formas de religiosidade no Brasil são postas em situação de análise. Oliveira, Rinaldi e Romeiro são os que elencam determinadas formas de viver a

¹²⁵ RODEGHERO, Carla Simone. **O diabo é vermelho. Imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)**. Passo Fundo: EDIPUF, 1988. (capítulos I e V). p.30.

¹²⁶ COSTA, Jefferson Magno. Op.cit., p.105.

¹²⁷ Idem, p.65.

¹²⁸ OLIVEIRA, Raimundo Ferreira de. Op.cit., pp.51,52.

religião que consideram altamente perniciosas. Oliveira fala sobre: Igreja Católica, Espiritismo, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Testemunhas de Jeová, Teosofismo, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos dias, Congregação Cristã no Brasil, Só Jesus, Racionalismo Cristão, Maçonaria (consideram a maçonaria uma religião) o Bahaísmo, Ciência Cristã, Seicho-no-iê e Associação do Espírito Santo para a Unificação da Cristandade Mundial (Moonismo). Rinaldi e Romeiro incluem em suas análises os seguintes personagens do campo religioso brasileiro: Espiritismo, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Testemunhas de Jeová, Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos dias, Nova Era, Cultura Racional, Hare Krishna, Meninos de Deus, Igreja Local de Witness-Lee, Seicho-no-iê e Igreja Messiânica. É interessante que os autores fazem discussões que em poucos casos são comuns em um ou outro livro. Apenas o Espiritismo, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Testemunhas de Jeová e Seicho-no-iê são encontrados em ambos os autores, que foram os que mais ampliaram a área de discussão. Ainda dois autores americanos, Geisler e Rhodes¹²⁹, citam na maioria das vezes os mórmons e os Testemunhas de Jeová. O estudo é desenvolvido em solo norte-americano, daí o destaque conferido á essas duas igrejas, já que os E.U.A é o lugar de formação e fundação delas.

Apesar do Espiritismo ter se sobressaído entre a maioria dos intelectuais assembleianos, as outras formas de religiosidade não ficaram de todo imunes ao valor demonizante para suas práticas e exegeses. Vamos nos ater às obras de Oliveira e Rinaldi/Romeiro por falarem especificamente da situação religiosa nacional.

Preocupado com o “proselitismo incontrolável, e o grande mal causado por seus ensinamentos à vida do crente”¹³⁰, Oliveira pôs em dúvida a veracidade de determinados escritos que os Testemunhas de Jeová utilizam para estudar paralelamente à Bíblia. A demonização esteve presente aí também: “As ‘testemunhas’ têm suas mentes entorpecidas pelo erro, perversão e engano do Diabo. De tanto blasfemarem de Deus e da sua Palavra é-lhes quase impossível se deixarem iluminar pela luz do evangelho.”¹³¹ Rinaldi e Romeiro concordam com a influência demoníaca nas Testemunhas de Jeová por entenderem que em certa altura da interpretação bíblica destas, existiria uma co-relação com o Espiritismo:

Na rejeição à doutrina da Trindade (e a conseqüente negação da deidade absoluta de Jesus), as Testemunhas de Jeová juntam-se aos espíritas, que a repelem com o mesmo vigor.

¹²⁹ GEISLER, Norman; RHODES, Ron. Op.cit.

¹³⁰ OLIVEIRA, Raimundo Ferreira de. Op.cit, p.79.

¹³¹ Idem, p.97.

(...) Por que os espíritas negam a deidade absoluta de Jesus com o mesmo entusiasmo das Testemunhas de Jeová? Porque o espiritismo submete quem o pratica à influência dos demônios. A Bíblia nos adverte a nos manter livres de toda prática relacionada com o espiritismo.¹³²

Os ensinamentos do Movimento Seicho-no-iê foram taxados como tendo “origem satânica” por Oliveira.¹³³ Por sua vez, Rinaldi e Romeiro contestaram a questão dos milagres envolvendo curas na Seicho-no-iê:

Como se explica o fato de que muitos enfermos realmente recobram a saúde na Seicho-no-iê? Essas curas convencem muitas pessoas de que a doutrina é de Deus. Há algumas explicações possíveis:

(...) b) Nem todos os operadores de milagres são de Deus (Mt 7.22,23; Mc 13.22; 2 Co 11.14,15). Visto que negam as bases fundamentais do cristianismo – e a cura é o que mais atrai as pessoas -, não é Cristo quem as orienta e dirige. Tais efeitos milagrosos, à parte do que possuam de natural, pode ser uma obra de Satanás.¹³⁴

Indo para outra fonte, o jornal Mensageiro da Paz, encontramos uma referência também à Nova Era. Esse movimento lugar de destaque em um editorial do jornal. Novamente a fala do autor remete à idéia de demonização visto que trata-se de uma nova forma de viver a religiosidade que têm ganhado espaço:

Afirma a Nova Era que tudo o que o homem precisa é olhar para dentro de si mesmo, pois nele mesmo está a solução de seus problemas. Dentro de si mesmo ele tem a sua cura, o seu desenvolvimento, auto-satisfação e direção para a vida. Vemos assim que esta nova ‘revelação’ é um dos mais refinados produtos da mente de Satanás. A Palavra de Deus declara que o homem em si está perdido, que por si mesmo está perdido, que por si mesmo ele jamais melhorará. À medida que se afasta de Deus, embrutece-se.

A Bíblia nos adverte que Satanás engana todo mundo, que sua ocupação principal é enganar. No Éden, ele penetrou e enganou nossos primeiros pais, dizendo-lhes, inclusive, que eles não morreriam. A seita Nova Era não é outra coisa senão ‘doutrina de demônios’, como está predito em 1Tm 4.1 – uma evidência dos últimos dias.¹³⁵

Um aspecto curioso que observamos na AD foi o contra-discurso àquelas outras instâncias de poderio religioso que, sob um olhar mais superficial, não representavam um risco mercadológico real. Os intelectuais da AD incluíram em suas análises movimentos religiosos que não detinham uma visibilidade considerável para provocar qualquer

¹³² RINALDI, Natanael; ROMEIRO, Paulo. Op.cit., pp.265, 266.

¹³³ OLIVEIRA, Raimundo Ferreira de. Op.cit, p.240.

¹³⁴ RINALDI, Natanael; ROMEIRO, Paulo. Op.cit, p.332.

¹³⁵ A seita Nova Era. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1244, out/1990. p.02.

comentário. Em alguns momentos, os autores assembleianos, ao que parece, levaram em conta uma potencialidade futura de determinados movimentos religiosos no campo religioso brasileiro. Citemos alguns exemplos. O caso de comentários tecidos sobre a Cultura Racional é um deles. Trata-se de um grupo religioso que, entre outras crenças, acredita em seres extra-terrestres e na possibilidade de comunicação destes com os adeptos da Cultura Racional:

Mas qual a verdadeira questão por trás da crença nos discos voadores e a quem interessaria? Imagine que, por ocasião do arrebatamento, os cristãos resgatados venham a ser identificados como ‘sementes deformadas’ que, a fim de ‘curar a lesão’, tenham sido transportados para uma região desconhecida – ‘a base de origem’ - , preservando-se na Terra os racionalmente desenvolvidos (veja citação acima: JR – 9/78). Tal colocação, além de discriminatória, não se alinha às pretensões diabólicas de manter cegos os homens à realidade da iminente volta de Cristo, bem como à constatação deste fato, uma vez efetivado?¹³⁶

Outro exemplo é o movimento Só Jesus, ou Nova Luz, que no Brasil tem uma igreja chamada Pentecostal Unida. A não aceitação da doutrina da trindade foi o principal ponto que gerou incômodo em Oliveira: “ Na verdade quando o movimento ‘Só Jesus’ procura impor-se como uma ‘Nova Luz’, nada mais é que um dos velhos erros usados pelo príncipe das trevas para seduzir os incautos ao erro.”¹³⁷

Até agora a Igreja Católica não teve uma participação mais eficaz dentro da nossa discussão porque entre os autores assembleianos, apenas Oliveira fez referência à ela, e não pelo viés demonizante. Depreciativo sim, mas não demonizante.

A história da AD contou com episódios conflitantes com a Igreja Católica, principalmente no início de sua atuação como denominação pentecostal nos limites nacionais. Em uma edição comemorativa aos 90 anos da AD, um artigo referiu-se ao catolicismo dessa maneira:

A História do Brasil teve inúmeras interferências divinas para preparar o caminho da AD. Devido a proclamação da República, em 1889, Marechal Deodoro e o novo governo republicano tornaram o Estado leigo e laico, separando-o da Igreja Católica Romana. Essa iniciativa tirou poderes civis do clero romano e acarretou o seu declínio temporal.

No início do século XX, uma série de acontecimentos políticos dentro do Pará flexibilizaram a entrada do Evangelho genuíno no país. O governo afastou a Igreja Católica do ensino público secular e vários de seus líderes da vida política. Um grande avanço, pois na metade do século 19, missionários protestantes eram proibidos de entrar no Brasil e só conseguiram se fossem membros de embaixadas ou da Marinha.¹³⁸

¹³⁶ Idem, p.55.

¹³⁷ OLIVEIRA, Raimundo Ferreira de. Op.cit, p.157.

¹³⁸ Jornal **Mensageiro da Paz**. Edição Histórica dos 90 anos da AD no Brasil, Rio de Janeiro, n.1388, jun.2001. p..03.

Da citação infere-se uma leitura do papel providencial da proclamação da República para o estabelecimento e liberdade de atuação da AD. A Igreja Católica foi colocada como um empecilho que teve suas forças diminuídas por aquela intervenção divina na História do país. Oliveira encontrou no catolicismo sinais de “degeneração” moral e espiritual contrapondo-se ao que denominaram “adoração” Mariana, purgatório e transubstanciação do pão e do vinho na celebração da santa ceia:

A decadência doutrinária, moral e espiritual da Igreja [católica], começou quando milhares de pessoas foram por ela batizadas e recebidas como membros, sem terem experimentado uma real conversão bíblica. Verdadeiros pagãos porque eram introduziram-se no seio da Igreja trazendo consigo os seus deuses, que, segundo eles, eram o mesmo Deus adorado pelos cristãos.

(...) Enquanto se desenvolvia a adoração a Maria, os cultos da Igreja de Roma perdiam cada vez mais os elementos espirituais e a perfeita compreensão das funções sobrenaturais da graça de Deus. Formas pagãs, como a ênfase sobre o mistério e a magia, influenciaram essa igreja. O sacerdote, o altar, a missa e as imagens de escultura assumiram papel de preponderância no culto. A autoridade era centralizada numa igreja dita infalível e não na vontade de Deus expressada pela sua Palavra.¹³⁹

Apesar de não identificar a Igreja Católica como mais uma daquelas religiões dirigidas por forças demoníacas, a AD não reconheceu como confiáveis as práticas e ensinamentos encontrados no catolicismo. Além dos livros publicados, a CPAD recentemente lançou uma revista destinada ao público interessado em Apologética.¹⁴⁰ Mas há algum tempo apologistas assembleianos já participavam da publicação de outra revista dentro da mesma temática, apesar desta não estar dentro do quadro de publicações da CPAD. É a revista Defesa da Fé, publicada pelo Instituto Cristão de Pesquisas (ICP) desde 1996, em Jundiaí, São Paulo. Trata-se de uma edição interdenominacional que conta com a colaboração intelectual de igrejas como a Assembléia de Deus (Belém), Batista, Comunidade Cristã de Jundiaí, Presbiteriana do Brasil e Quadrangular. O ICP foi fundado em 18 de novembro de 1984 por Paul Carden e Paulo Romeiro (um dos autores da AD) quando obtiveram concessão para representarem no Brasil o *Christian Research Institute*. O ICP já teve vários presidentes ligados à AD. Natanael Rinaldi (também um de nossos autores) é o presidente de honra atualmente. Seguem alguns dos títulos das reportagens de capa da Defesa da Fé desde 1996. Qualquer semelhança com os autores assembleianos analisados no nosso trabalho não será mera coincidência:

1996: Os perigos do esoterismo/ Caso da mãe Dinah, Febre dos anjos no Brasil;

¹³⁹ OLIVEIRA, Raimundo Ferreira de. Op.cit, pp.14,15.

¹⁴⁰ Revista **Resposta Fiel**, lançada em 2002.

1997: Mormonismo não é cristianismo/ Como identificar uma Seita;

1998: Islamismo: desafio à fé cristã/ Deve o cristão ser maçom?/ Congregação Cristã no Brasil: seita ou movimento contraditório?/ Odeiam os evangélicos Maria, mãe de Jesus?;

1999: Seicho-no-iê/ O que é Renovação Carismática Católica?/ Chico Xavier é a reencarnação de Allan Kardec?/ LBV é a religião de Deus?/ Hare Krishna;

2000: Indulgências: Já paguei o preço/ Meninos de Deus e a “sagrada” prostituição/ Cultos afros;

2001: Culto à Iemanjá: a deusa do mar invade os lares brasileiros

2002: Teologia Adventista/ Evangélico maçom: qual deve ser a posição da igreja diante desse problema?

2003: Testemunhas de Jeová/ Espiritismo: quem realmente fala na sessão espírita?/ Testemunhas de Jeová: as divisões da seita que condena a diversidade denominacional/ O corpo de Cristo: o que a Igreja Católica pensa sobre o pão e o vinho na Ceia do Senhor?

A AD empenhou-se em buscar argumentos para pôr em descrédito outras religiões. A crescente complexidade e concorrência do campo religioso brasileiro forçaram uma tomada de postura da AD frente aos ataques e incontáveis ofertas na demanda da nossa religiosidade. Ela não favoreceu críticas duras á concorrentes dentro do sub-campo pentecostal¹⁴¹. Concentrou-se em confrontar aquelas formas de religiosidade que, no seu entendimento, continham um alto grau de “erro” quando comparadas com a mensagem adotada e pregada por seus líderes. Essa confrontação seguiu-se da marca demonizante adjetivada aos “outros” agentes religiosos.

2.2.2 - O discurso apologético da IURD

A IURD propala um discurso no âmbito da Apologética que difere em alguns momentos quando comparado com o da AD. Principalmente no que se refere à natureza dos movimentos religiosos, na AD estes foram mais diversos. Os apologistas iurdianos concentraram suas análises nos cultos afro-brasileiros e Igreja Católica. Mas, especialmente os primeiros detiveram um grau maior de constância nos “ataques” da IURD dentro do mercado religioso brasileiro (como atualmente ainda acontece). Apesar de igualar-se aqui com a AD no que se refere à preferência pelas práticas mediúnicas nas suas análises, o esforço em “destruir”

¹⁴¹ A única referência foi à Congregação Cristã no Brasil em Raimundo F. de Oliveira. O autor falou de alguns equívocos doutrinários (uso do véu obrigatório para mulheres, não aceitação de pastores para dirigir a igreja, não pagamento de salário á obreiros, etc) na Congregação. Não chegou a classifica-la como herética, mas disse que “por lhes faltar orientação doutrinária sadia e sólida têm-se feito vulneráveis ao fanatismo e ao extremismo, regra geral combatidos pelas Escrituras Sagradas.” OLIVEIRA, Raimundo F. de. Op.cit., p.142. Além disso, o autor criticou a acirrada tenacidade com que a Congregação se opunha às demais igrejas evangélicas, inclusive à AD.

discursivamente o “Espiritismo” que a IURD propõe-se a fazer, abrange uma amplitude superior aos esforços da AD. A “luta contra o mal” é muito mais acirrada na IURD.

Campos tem uma posição muito interessante sobre o uso da retórica. O homem consegue dar um direcionamento para o seu discurso visando determinado grupo. Usam-se aí as palavras como se fossem armas. A expressão *retórica militarista* utilizada pelo referido autor muito bem exemplifica a natureza do discurso utilizado pelos escritores da IURD: “Esse tipo de retórica tem sido empregada contra o catolicismo e as ‘religiões espíritas’, que no jargão *iurdiano* incluem as várias tendências religiosas afro-brasileiras e kardecistas...”¹⁴² Um sinal dessa idéia pode ser expresso nas seguintes palavras encontradas na Folha Universal:

Assim como ao exercício militar é necessário o conhecimento do inimigo para o efetivo combate que envolve oposição de forças, quando são levantadas informações específicas sobre quem ele é, onde está, como atua, seus armamentos, seu efetivo (número de homens), pontos fracos, dissimulação (o inimigo usa principalmente o engodo para atacar e se defender), apoio logístico (infra-estrutura de combate), comunicação e posição, dentro da ótica guerreira dos exércitos, vamos conhecer o que acontece na luta contra as forças espirituais do mal, contra o diabo e seus anjos.¹⁴³

Iniciaremos falando das investidas em relação ao catolicismo, pois, apesar de estar perdendo espaço para outras crenças, a Igreja Católica ainda mantém para si a maior fatia dos fiéis declarados segundo o último censo (2000) divulgado pelo IBGE. Observemos os seguintes números:

Instituição	Número de adeptos
Igreja Católica Apostólica Romana	124.980.132
Igreja Assembléia de Deus	8.418.140
Igreja Evangélica Batista	3.162.691
Igreja Congregacional Cristã do Brasil	2.489.113
Espírita	2.262.401
Igreja Universal do Reino de Deus	2.101.887

Fonte: IBGE, 2000.

Dentre os comentários direcionados ao catolicismo, um dos que mais chamaram a atenção foi aquele sobre determinadas ações que a Igreja Católica estaria pondo em prática para barrar o crescimento dos evangélicos, em especial os pentecostais. A perda de fiéis do catolicismo nos últimos tempos teria desencadeado um processo de contra-ataque da Igreja

¹⁴² CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. 2ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1999. pp.311,312.

¹⁴³ Como a militar, a luta espiritual contra o mal é árdua. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.08, maio/1992. p.06.

Católica às igrejas pentecostais. O título de um artigo na Folha Universal foi bastante emblemático da visão que os intelectuais iurdianos nutriram da posição católica em relação aos novos “crentes” do Neopentecostalismo: “Neo-pentecostalismo: o fenômeno que está abalando as estruturas do catolicismo no Brasil.”¹⁴⁴ O autor faz um breve histórico do pentecostalismo no Brasil, atentando para o fato de que os pentecostais, ao longo da História, sempre foram alvo da perseguição católica. Mas isso não teria impedido que os pentecostais, devido a sua expansão, rompessem com o elitismo reinante naquela igreja. Chegam a falar de uma “Nova Inquisição” da Igreja Católica, sendo os adeptos das igrejas de matriz pentecostal as grandes vítimas do poderio católico. Denominando os líderes católicos de “jesuítas”, a IURD entendeu existir um complô organizado pela Igreja Católica para denegrir a imagem dos evangélicos. A IURD seria uma das igrejas mais perseguidas, senão a mais perseguida por ter obtido respaldo político de uma parcela significativa da população brasileira. Nas palavras de Luiz Cláudio Almeida para a Folha Universal, os católicos valiam-se de algumas táticas para manchar a reputação e legitimidade das igrejas evangélicas e suas lideranças:

Os jesuítas utilizam três passos para acabar com os pregadores, pastores e líderes evangélicos: desacreditá-los, deixá-los sozinhos e até mesmo a morte, por várias maneiras.

1) Destruir suas reputações, mentindo sobre eles, mudando suas palavras, fazendo-os parecer inimigos do país, colocando-os em problemas com as autoridades ou tentando envolvê-los em escândalos.

2) Campanhas e criação de rumores, segundo os quais seriam pessoas controvertidas, problemáticas ou doentes; chamariam de inimigos aqueles que são contrários às suas opiniões; causadores de divisões; sempre se colocariam em oposição ao Governo; não mostrariam o amor de Deus; teriam suas próprias doutrinas e crenças estranhas, etc.

3) Quando tais líderes crêem realmente em sua chamada divina, não se deixando vencer pelas pressões, ‘coisas estranhas’ começam a acontecer. Atropelamentos, envenenamentos, envolvimento em ações criminosas, acusações diversas e coisas desse tipo, muitas vezes levam líderes evangélicos ao descrédito, à zombaria, à desonra e até à morte.¹⁴⁵

Em seguida a esse comentário, a prisão do Bispo Macedo, ocorrida alguns anos antes, foi dada como um exemplo da força que a Igreja Católica desfrutava por estar infiltrada na política, ciência e cultura do país.

Na esteira das críticas em relação à amplitude da influência católica em nossa sociedade, os escritores iurdianos reclamaram a questão dos feriados religiosos no Brasil que

¹⁴⁴ ALMEIDA, Luís Cláudio. Neo-Pentecostais: o fenômeno que está abalando as estruturas do catolicismo no Brasil. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.166, p.01 (folha 2), jul./1995.

¹⁴⁵ ALMEIDA, Luís Cláudio. A Nova Inquisição. jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.161, p.01 (folha dois), maio/1995.

obedeciam, em sua maioria, aos padrões do catolicismo: “É muito difícil aceitar que governos, que se dizem populares e democráticos, eleitos pelo povo, cuja maioria não é mais católica, se deixem levar pela ilusão e desrespeitem a fé de uma enorme parcela da população que nada tem a ver com o catolicismo.”¹⁴⁶ Mesmo tendo algumas datas comemorativas ao Dia da Bíblia, do Evangélico, entre outros, a IURD demonstrava uma preocupação em estar a frente de qualquer iniciativa que representasse os interesses dos evangélicos, muito especialmente nos assuntos políticos. Sobre a lei que punia os estabelecimentos que cometessem crime sonoro incomodando a paz alheia, a Folha publicou ser essa mais uma estratégia para calar os evangélicos, reconhecidos pelas reuniões pontuadas por muita música e pregação fervorosa com o uso de aparelhagem de som. Criticando a posição de indiferença de determinados deputados evangélicos, o autor do artigo fez uma comparação com os políticos católicos que estavam muito mais mobilizados. Para esse problema foi apontada uma solução – aumentar o número de deputados pertencentes à IURD:

A bancada católica, liderada pelo vice presidente Marco Maciel, ex-seminarista, se reúne uma vez por mês com o bispo auxiliar de Brasília, Raimundo Damasceno, para traçar estratégias de seus interesses. São quase 50 deputados e senadores nessas reuniões. Todos rezam missa e se ajoelham tomando a bênção do bispo. Por isso, nós da Universal temos que nos esforçar para dobrar a nossa bancada pois os nossos deputados quando não produzem, perdem o mandato. O Conselho de Bispos julga periodicamente a ação dos nossos deputados que estão ali para, dentre outras coisas, vigiar as leis que possam prejudicar o povo de Deus.¹⁴⁷

Além da referência, novamente, à participação da Igreja Católica em algo que representasse perigo ou limitasse a atuação dos evangélicos, observamos nessa fala as pretensões da IURD em tornar-se a porta voz de todos os segmentos evangélicos do campo religioso brasileiro como já comentamos nesse mesmo capítulo. Mas sobre política falaremos com mais demora à frente.

A todo momento a ênfase foi maior na perseguição que empreenderia a Igreja Católica contra os evangélicos, do que à própria demonização. Segundo Mariano “...por mais liberdade religiosa de que gozem no Brasil de hoje, muitos fiéis e pastores pentecostais se sentem perseguidos, alvos preferenciais de discriminação e preconceito. Este é um dos componentes constantes de sua identidade religiosa.”¹⁴⁸ No quesito persecutório, os líderes católicos foram uns dos que mais tiveram destaque entre os intelectuais iurdianos. Para estes a Igreja Católica

¹⁴⁶ Os feriados de um país plural. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.288, p.2-A, out./1997.

¹⁴⁷ Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.279, p.3-A, ago./1997.

¹⁴⁸ MARIANO, Ricardo. Op.cit., p.79.

ainda teria outras “cartas na manga” para deter a atuação dos evangélicos. O Movimento Carismático entre os fiéis católicos estaria entre as principais novidades do catolicismo para ir de encontro à penetração pentecostal na sociedade brasileira:

De acordo também com o ex-padre, existem três movimentos da Igreja Católica no sentido de denegrir e acabar com as igrejas evangélicas: o movimento ecumênico, a renovação carismática e o focolares (este último, uma organização de discipulado leigo).

- O ecumênico foi o primeiro movimento criado dentro da proposta católica para fazer frente às igrejas evangélicas tradicionais e visou sempre barrar o crescimento delas. O segundo movimento foi o da renovação carismática, que vem fazendo frente às igrejas pentecostais e neo-pentecostais. Copiando corinho como o das igrejas pentecostais, batendo palmas e montando grupos de evangelização. Na verdade fazem uma verdadeira clonagem. O terceiro movimento é chamado focolares: que atinge a classe média alta. Esse movimento visa fazer frente às igrejas evangélicas tradicionais. É com esses três movimentos que o exército do Vaticano tem preparado seus adeptos para a ‘guerra santa’.¹⁴⁹

A criação das CEB’s (Comunidades Eclesiais de Base) e a ordenação de diáconos foram iniciativas taxadas como medidas preventivas da Igreja Católica para conter a perda de fiéis, principalmente para os segmentos evangélicos:

... como continuou perdendo fiéis, principalmente para as diversas denominações evangélicas, precisou buscar artificios mais sutis, tentando passar uma falsa aparência de modernidade e liberalidade, quando, na verdade, tudo continua como antes, persistindo nas mentiras e heresias com as quais sempre enganou seus fiéis. Dentre essas tentativas, citamos as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), o Movimento Carismático Católico e, recentemente, a ordenação de diáconos. Estes podem pregar, realizar batismos, presidir a casamentos e assumir cargos que lhes sejam confiados pelos bispos, sendo esta uma tentativa apenas aparente de atender ao anseio popular de participação efetiva nos cultos religiosos.¹⁵⁰

Alguns pesquisadores falam que a Igreja Católica realmente implementou algumas medidas para não se deixar enfraquecer pela perda de fiéis e crescente presença dos evangélicos, especialmente os pentecostais, em todos os setores da nossa sociedade¹⁵¹. Os autores concordam que a reação do catolicismo foi um pouco tardia, mas já se faz sentir. Em 1990, um dos temas do congresso anual do Conselho Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)

¹⁴⁹ Nos braços de Jesus. Novo modismo contamina e tenta destruir verdades bíblicas. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.364, p.1-B, mar./abril/1999.

¹⁵⁰ A decadência continua. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.257, p.2-A, mar./1997.

¹⁵¹ MARIANO, Ricardo. Op.cit

SANCHIS, Pierre. O repto pentecostal à “cultura católico-brasileira”. In: **Nem anjos, nem demônios: Interpretações sociológicas do Pentecostalismo**. 2ed, Petrópolis: Vozes, 1996.

ORO, Ari Pedro. **Avanço pentecostal e reação católica**. Petrópolis: Vozes, 1996.

foi o “avanço das seitas evangélicas”¹⁵². Mas apenas em 1991 o CNBB começou a preocupar-se mais oficialmente com os outros promotores de religiosidade do Brasil, incluindo os pentecostais. Em 1991, 1993 e 1994 foram realizados três seminários tendo como pauta de discussão “A diversidade religiosa no Brasil” para proporcionar à Igreja Católica um maior conhecimento acerca do assunto e para angariar informações visando o planejamento de futuras ações.¹⁵³ Oro trabalhou mais especificamente com o tema e vislumbra algumas das reações mais importantes observadas na Igreja Católica¹⁵⁴. A primeira seria o retorno a determinadas práticas devocionais que estiveram adormecidas desde o Concílio Vaticano II tais como: devoção aos santos e veneração de suas imagens nas igrejas; bênçãos especiais para a casa, carro, pessoas, objetos; novenas; terços em família; romarias; missas com intenções especiais; apoio às associações religiosas de leigos; valorização de gestos e símbolos como, por exemplo, as vestes religiosas usadas antes do Concílio, etc. Em segundo lugar estaria o incentivo ao uso dos meios de comunicação de massa procurando alcançar espaço na mídia eletrônica onde os pentecostais adquiriram um dinamismo que surpreende.

Segundo Oro:

... o incremento pentecostal na mídia eletrônica verificado nestes últimos anos soou como um desafio para uma parte do clero e do episcopado que deseja ver a igreja católica ocupando mais espaço na mídia. É nesta perspectiva que algumas rádios e, até certo ponto, a televisão católica Rede Vida foram e estão no ar e que a CNBB se preocupa com a atualização e aprimoração dos ‘seus próprios meios de comunicação, colocando-os efetivamente a serviço da evangelização e prepare seu pessoal para torná-lo mais apto a comunicar melhor’ (Documentos da CNBB, N.45:99).¹⁵⁵

O terceiro modo de reação católica residiria no apoio à Renovação Carismática Católica, uma forma mais ou menos *pentecostalizada* de catolicismo.

Percebe-se que as lutas no interior do campo religioso brasileiro tornaram-se cada vez mais complexas envolvendo um número de atores que ultrapassa a realidade, por exemplo, do início do século passado, quando a Igreja Católica detinha uma posição hegemônica no cenário religioso nacional.

Bem, mas essas reações favoreceram o aumento das críticas iurdianas como podemos notar anteriormente.

Mas, além daquela impressão que a IURD teria de estar sendo perseguida como denominação evangélica e pentecostal, pelas lideranças católicas, estas não escaparam à

¹⁵² MARIANO, Ricardo. Op.cit., p.13.

¹⁵³ ORO, Ari Pedro. Op.cit., pp. 89,90.

¹⁵⁴ Idem, pp.89-119.

¹⁵⁵ Idem, p.107.

atribuição de julgamento demonizante. A representatividade máxima da Igreja Católica, o Papa, foi colocada sob a égide da demonização espelhada na figura do anticristo bíblico. Em um artigo da Folha Universal, que não trouxe o nome do autor, o Papado foi colocado como o posto administrativo que ocuparia o Anti-Cristo depois do “arrebatamento” dos salvos. O escritor fez uma analogia de um cavaleiro citado nos primeiros dois versículos do capítulo 6 do livro de Apocalipse: “No capítulo 6, versículos 1 e 2, o Senhor Jesus abre o primeiro selo e revela o seu arquiniimigo, o anticristo: ‘Vi, então, e eis um cavalo branco e o seu cavaleiro com arco; e foi-lhe dada uma coroa; ele saiu vencendo e para vencer’.”¹⁵⁶ A coroa e o crucifixo em forma de arco que ao Papas carregam seriam um sinal evidente de que aquele personagem citado no Apocalipse seria a figura do papa católico. Seguindo a ótica apocalíptica de que acontecimentos derradeiros do fim da História da humanidade estariam em andamento, um outro texto indica que no final dos tempos um governo único mundial iria estabelecer-se com a finalidade de preparar a chegada do anticristo. Esse contexto “...acabaria por agradar o Vaticano, pois a Igreja Romana sempre foi dona da situação enquanto o sistema de governo era monárquico, dominando os reis e seus respectivos reinados.”¹⁵⁷ Importante agente na dinâmica religiosa nacional, a Igreja Católica foi vista como uma instituição falida institucionalmente e teologicamente enganosa. Lembramos aqui do episódio do “chute na Santa” ocorrido no dia de Nossa Senhora Aparecida, em 1995. A “adoração” das imagens católicas foi duramente censurada pela depreciação pública da imagem da padroeira do Brasil. Recentemente o Bispo que protagonizou o “chute na Santa” escreveu um livro lançado pela Gráfica Universal onde novamente critica a devoção aos santos católicos, considerada uma prática idólatra.¹⁵⁸ Podemos citar ainda lançamentos como: “A deusa do terceiro milênio”¹⁵⁹ e “Conspiração mundial em nome de Deus”.¹⁶⁰ O primeiro é uma crítica à adoração Mariana. No site de divulgação dos livros da Universal Produções o livro é apresentado da seguinte maneira: “Este livro ajuda os leitores que julgam estar obedecendo e agradando a Deus, mas, na verdade, estão indo contra os ensinamentos de sua palavra. A autora deseja alcançar, principalmente, aqueles que dormem à sombra do engano e da mitologia Mariana.”¹⁶¹ O segundo corresponde à discussão sobre determinadas ações negativas da Igreja Católica durante alguns períodos da história.

¹⁵⁶ O anticristo será um papa. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.259, p.2-A, mar./1997.

¹⁵⁷ Nova Ordem Mundial pode ser preparação para o anticristo. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.411, p. 1-B, 2000.

¹⁵⁸ HELDER, Sérgio Von. **Um chute na idolatria**. Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 1999.

¹⁵⁹ SCHULTZE, Mary. **A deusa do terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Universal,

¹⁶⁰ **Conspiração mundial em nome de Deus**. Rio de Janeiro: Universal,

¹⁶¹ Disponível em <http://www.universalproducoes.com.br>. Acesso em 02 nov. 2003.

A questão da “idolatria” foi uma vez mais tratada na Folha Universal. O autor de um determinado texto no referido jornal criticava os festejos do dia de Santo Antônio, o “santo casamenteiro”:

Ora, se alguém pode pedir qualquer coisa a um Deus de amor que não conhece o significado da palavra impossível, por que perder tempo clamando a imagens que nada podem fazer? Jesus mesmo disse: ‘**Se permanecerdes em mim** e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito’ (João 15.7).

Em um país marcado pela idolatria, muitos são os exemplos de formas estranhas de idolatria que o inimigo utiliza para afastar o povo do verdadeiro Deus, por isso o cristão deve estar atento contra essas idolatrias.¹⁶²

Já falamos do privilégio que os intelectuais iurdianos deram às religiões de práticas mediúnicas, ao catolicismo, mas, principalmente às de matriz espírita. Macedo escreveu o livro “Guias, caboclos e orixás: Deuses ou demônios?”, que vendeu mais de três milhões de exemplares. Essa obra foi a expressão mais contundente da liderança da igreja em colocar as religiões mediúnicas num patamar de descrédito e demonização. É um livro inteiro lidando com um discurso altamente demonizante. Não que a AD não tenha se utilizado da mesma referência simbólica, mas a questão do Diabo como inimigo a ser enfrentado alcança mais abrangência e assimilação no discurso de “guerra” iurdiano. Bittencourt, falando sobre o lugar de destaque do demônio como personificação daquele mal contra o qual a IURD lutaria, chama a atenção para a declarada “guerra santa” dessa igreja “contra todas as demais religiões, notadamente aquelas que manipulam poderes sobrenaturais através da magia. Identificado o inimigo, não falta motivação para essa ‘luta’ contra a malignidade invisível e suas pretensas expressões religiosas.”¹⁶³ O espiritismo e todas as suas variantes foram entendidos como portadores de características que denunciavam a presença da ação demoníaca em suas práticas. Tomaremos como base o livro de Macedo, por ser ele o que detém o monopólio teológico das interpretações bíblicas assumidas pela IURD. Mas, pesquisando no jornal Folha Universal, foram muitos os testemunhos de ex-praticantes da Umbanda, Espiritismo kardecista, Candomblé, entre outros, que se livraram da opressão maligna depois que encontraram a IURD e entenderam a verdadeira identidade dos deuses ou entidades que adoravam ou serviam. Além disso, muitos outros artigos indicaram a relação

¹⁶² FERREIRA, Douglas. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.173, p.03, julho/1995.

¹⁶³ FILHO, José Bittencourt. Remédio Amargo. In: **Nem anjos, nem demônios: Interpretações sociológicas do Pentecostalismo**. 2ed, Petrópolis: Vozes, 1996. p.26.

crime/espiritismo como indissociáveis uma da outra¹⁶⁴, e creditaram às práticas mediúnicas a causa de inúmeras doenças de origem psicológica. Identificando o “Espiritismo” como feitiçaria, o fragmento de artigo a seguir fez paralelismos entre mediunidade, crime e doença:

As pessoas que lidam com feitiçaria têm ataques de ira, sentimentos de vingança, prazer em contendas e são inclinadas à avareza e à sede de domínio. Inclinam-se para a bebedeira e para a perversão sexual. A este grupo também pertencem muitos criminosos.

(...) As famílias nas quais se pratica a feitiçaria apresentam bem mais disposição para doenças e anomalias mentais que outras – pesquisas realizadas afirmam claramente que isso é um fato. O espiritismo deve ser considerado neste caso como a causa direta da doença mental. Ele produz opressões, e, em conseqüências delas, as perturbações mentais se manifestam facilmente. O culto a demônios e espíritos opera no campo mental da estrutura humana como agente principal.¹⁶⁵

As religiões mediúnicas obtiveram na literatura iurdiana um espaço especial com o livro de Edir Macedo¹⁶⁶, pois envolveu lutas jurídicas, como deixou implícito a capa da referida obra com os seguintes dizeres: “Finalmente liberado pela justiça”. Macedo inicia suas argumentações procurando como justificativa para a publicação da obra, a bandeira da sua igreja em prol da libertação de pessoas que têm suas vidas presas ao espiritismo e suas ramificações. Dedicou o livro a todos os pais-de-santo e mães-de-santo do Brasil, destacando o fato de que muitos deles sofreram uma transformação na IURD, deixando as velhas práticas. No decorrer do livro vamos ver novamente os conceitos passados pelo autor pautados em passagens bíblicas, além dos testemunhos e da utilização de outros discursos, como o médico, por exemplo, para explicar determinadas patologias que seriam causadas pelo envolvimento com os espíritos.

Lembramos aqui que Espiritismo, para AD e IURD, é basicamente representado por todas aquelas religiões que mantêm a mediunidade como carro chefe de suas experiências religiosas. Para Macedo existiria um “baixo” espiritismo, mais leigo (candomblé, umbanda, quimbanda, macumba), e outro mais sofisticado, ou “alto” espiritismo (kardecista, Bezerra de Menezes, esoterismo, ecletismo, etc). Mesmo aquelas pessoas que procurassem o “alto” espiritismo, mais filosófico, acabariam por envolverem-se com os demônios atuantes no “baixo” espiritismo.¹⁶⁷ O que o apologista iurdiano (como o assembleiano) não admite é a

¹⁶⁴ Na Folha Universal de janeiro de 1994 foram encontradas referências á algumas datas importantes na História da igreja. Entre essas datas estava o ano de 1988, ocasião em que a IURD realizou a sua primeira passeata contra a morte de crianças no Candomblé.

¹⁶⁵ Nas manchetes, o envolvimento com satanáis. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.35, p.12, nov./1992.

¹⁶⁶ MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** 15.ed., Rio de Janeiro: Universal, 2000.

¹⁶⁷ Idem, p.82.

comunicação com os mortos praticada através da mediunidade, que seria bíblicamente proibida:

Tanto no Antigo Testamento quanto no Novo, encontramos versículos bíblicos, mostrando a desaprovação de Deus a essas práticas enganosas e diabólicas.

‘Com deuses estranhos o provocaram a zelos, com abominações o irritaram. Sacrifícios ofereceram aos demônios, não a Deus; a deuses que não conheceram, novos deuses que vieram há pouco, dos quais não se estremeceram seus pais. Olvidaste a Rocha que te gerou; e te esqueceste do Deus que te deu o ser.’

Deuteronômio 32.16-18

‘Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem: em meu nome, expelirão demônios...’

Marcos 16.17

‘Então, regressaram os setenta, possuídos de alegria, dizendo: Senhor, os próprios demônios se nos submetem pelo teu nome!’

Lucas 10.17¹⁶⁸

Ao mesmo tempo que o autor recorria a referências bíblicas que implicavam em denominar as práticas mediúnicas como demoníacas, houve o aparecimento de versículos que pautavam o combate e a exterminação desses espíritos demoníacos. É a luta contra o mal. Para Macedo todos aqueles movimentos religiosos simpáticos à mediunidade eram canais de comunicação que o Diabo encontrava para se apoderar e destruir homens, mulheres e até crianças. Nesse universo simbólico, a idéia de demonização foi utilizada para formar os limites de ilegitimidade do “outro” que era construído. E veremos no decorrer do trabalho que esse “outro” não se limitou apenas às outras religiões, mas expandiu-se praticamente por tudo o que envolveu a vida cotidiana na AD e IURD, especialmente na última.

Espiritismo kardecista, Umbanda, Quimbanda, Candomblé, esoterismo, entre outros, foram todos incluídos no rol da demonização. As entidades e orixás cultuados aí foram identificados no discurso de Macedo como verdadeiros anjos decaídos:

No Brasil, em seitas como vodu, macumba, quimbanda, candomblé ou umbanda, os demônios são adorados, agradados ou servidos como verdadeiros deuses. No espiritismo mais sofisticado, eles se manifestam mentindo, afirmando serem espíritos de pessoas que já morreram (médicos, poetas, escritores, pintores, sábios, etc).

(...) No candomblé, Oxum, Iemanjá, Ogum e outros demônios são verdadeiros deuses a quem o adepto oferece trabalhos de sangue, para agradar, quando alguma coisa não está indo bem ou quando deseja receber algo especial.

Na umbanda, os deuses são os orixás, considerados poderosos demais para serem chamados a uma incorporação. Os adeptos preferem chamar os ‘espíritos desencarnados’ ou ‘espíritos menores’ (caboclos, pretos-velhos,

¹⁶⁸ Idem, pp.17,18.

crianças, etc) para os representarem e, a estes, obedecem e fazem os seus sacrifícios e obrigações.

Na Quimbanda, os deuses são os exus, adorados e servidos no intuito de alcançar alguma vantagem sobre um inimigo ou alguma coisa imoral, como conquistar a mulher ou o marido de alguém, obter favores por meios ilícitos, etc.

No Kardecismo e nas demais ramificações espíritas ou espiritualistas, os demônios se apresentam como espíritos evoluídos, ou ainda em evolução, que precisam de doutrina.¹⁶⁹

O enfoque nessas religiões segue uma linha principal que converge para os cultos afro-brasileiros. Quando o autor fala da maneira como os demônios se apoderariam das pessoas, os rituais de iniciação típicos da religiosidade afro-brasileira foram citados como a porta de entrada para a atuação dos demônios na vida das pessoas vitimadas por esse primeiro contato. De início vem a consulta, e logo após “as obrigações e os presentes àqueles que atendem pelo nome de orixás, caboclos e guias; na realidade, demônios.”¹⁷⁰ “Entrar na gira” , “fazer cabeça” - essas etapas equivaleriam ao desenvolvimento a que o adepto teria de se submeter nos cultos considerados demoníacos por Macedo. Aqui se percebe uma certa generalização dos rituais de iniciação das religiões afro-brasileiras. Mas, mesmo se fossem distinguidos, não fariam muita diferença no referencial demonizante que o escritor iurdiano utilizaria para identificá-los.

Os perigos que essas “seitas” representariam ainda seriam tão graves que, se uma pessoa tivesse apenas visitado um “centro”, por exemplo, sem participar de nenhum ritual, já estaria propensa à influência demoníaca na sua vida. Macedo chamou de tolos os que optavam por procurar esse tipo de serviço religioso: “Os demônios ficam ansiosos para entrar em um corpo e quando alguém cai na tolice de ir a um centro, onde eles estão fazendo suas ‘chamadas’, na certa ficará enredado com um ou mais deles.”¹⁷¹ Se os locais que serviam de espaço físico para as atividades durante aqueles cultos já eram alvo de interditos, as pessoas que freqüentavam esses locais e que norteavam suas experiências religiosas naquelas práticas oriundas do “Espiritismo” foram também apresentadas como um foco de propagação das influências demoníacas. Até alguém que, quando criança, por algum motivo, fosse levado em alguma rezadeira poderia, nessa ocasião, ter sido oferecido aos demônios. O problema do preconceito aqui se torna muito delicado, pois esse tipo de comentário suscitaria um certo isolamento em relação àquelas pessoas praticantes de religiões mediúnicas. Macedo, na introdução do seu livro, colocou que o objetivo do livro era esclarecer aquelas pessoas que

¹⁶⁹ Idem, pp.14,15.

¹⁷⁰ Idem, p.37.

¹⁷¹ Idem, p.40.

viviam enganadas pelo diabo nas religiões que professavam contato com o mundo dos mortos. Apesar de concordar que se deve combater o pecado e não o pecador, devendo amar este, essa parte do discurso iurdiano torna-se bastante problemática.

Semelhante ao discurso da AD, Macedo também acreditou que a prática mediúnica poderia ser desencadeante de processos patológicos no corpo e na mente das pessoas que recorriam aos espíritos: “As doenças mentais são quase sempre provocadas pelos demônios que possuem a pessoa e procuram levá-la à loucura. Toda pessoa que se envolve com o espiritismo sofre dores de cabeça, tonteiras, desmaios, etc. Diz-se, muito acertadamente, que o espiritismo é uma fábrica de loucos.”¹⁷² Em vários trechos do referido livro encontramos a loucura como marca dos cultos afro-brasileiros e outras ramificações do Espiritismo. O autor ainda apropriou-se de discursos médicos para dar mais força à sua argumentação, além de acusar as religiões mediúnicas de promoverem o atraso no desenvolvimento do nosso país:

Quantos manicômios existem que estão cheios de pessoas fisicamente sãs, mas espiritualmente mortas?
Os maiores médicos do Rio de Janeiro já chegaram à conclusão de que o espiritismo é a maior fábrica de loucos que existe.
(...) Basta uma visita aos consultórios psiquiátricos para verificarmos que os pacientes, muitas vezes jovens e inteligentes, são pessoas que foram desgraçadas por essa praga, perante a nossa sociedade. Se o povo brasileiro tivesse os olhos bem abertos contra a feitiçaria, a bruxaria e a magia, oficializadas pela umbanda, quimbanda, candomblé, kardecismo e outros nomes, que vivem destruindo as vidas e os lares, certamente seríamos um país bem mais desenvolvido.¹⁷³

Outras formas de religiosidade foram analisadas pelos intelectuais da IURD. Apenas um livro específico sobre “seitas” foi lançado. O apologista número um da igreja, o pastor J. Cabral (já falecido), foi o autor¹⁷⁴. Ele também escreveu sobre a New Age no ano seguinte ao lançamento daquele primeiro livro.¹⁷⁵ Não obtivemos acesso a essas duas obras, mas nas páginas da Folha Universal, e em lançamentos recentes da igreja alguns agentes do campo religioso brasileiro foram alvo de críticas.

O movimento Nova Era foi tomado como um prenúncio de uma “nova ordem mundial” que estaria preparando o mundo inteiro para o cumprimento de uma das “profecias” do livro de apocalipse. Na eminência do final dos tempos confirmar-se-ia a existência de um

¹⁷² Idem, p.97.

¹⁷³ Idem, pp.61,62.

¹⁷⁴ CABRAL, J. *Seitas e heresias*, Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 1994.

¹⁷⁵ _____. *A Nova Era à luz da Bíblia*, Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 1995.

único governo mundial aglutinador do poder político e religioso sob a regência da paz. Esse governante seria o “anti-cristo”:

Os teólogos evangélicos alertam para uma espécie de ‘conspiração’ da Nova Era para controlar o mundo, criando uma nova ordem mundial através de um plano, e tendo como pontos principais de sustentação: estabelecer uma nova religião mundial e uma nova política social; entronizar o ‘Messias da Nova Era’ introduzindo o número 666; a ajuda de ‘espíritos cósmicos’ na inauguração da Nova Era aclamando o messias da Nova Era como mestre desse mundo; a conclamação de paz mundial, amor e união como as bandeiras da religião; o ensino da Nova Era abrangendo todo o mundo; líderes da Nova Era tentando demonstrar que Jesus não era o Cristo; a integração do Cristianismo e outras crenças na religião mundial; eliminação dos princípios cristãos; divulgação dos princípios da Nova Era entre as crianças nas escolas; a Humanidade sendo levada a crer que o homem é Deus; a unificação da ciência e da religião; a exterminação de todos os cristãos que resistirem ao plano.

Por mais que julguemos mirabolantes o plano da Nova Era para a regência mundial, as nações do mundo estão sendo preparadas para receber o governo do anticristo.¹⁷⁶

A opinião dos intelectuais da IURD em relação aos da AD são idênticas quanto à New Age. Os autores assembleianos não chegaram a falar em um plano determinado atribuído à Nova Era para o final dos tempos, mas discutiram os ensinamentos que consideravam contrários à interpretação bíblica: “Na verdade esse movimento é moderno na aparência, com tradição e uma visão muito incomum do mundo, do homem, da vida, de Cristo. É uma forma de vida perigosa, à luz da Bíblia, porque contraria tudo o que ela ensina.”¹⁷⁷ A Maçonaria, por outro lado, foi tratada com menos gravidade pela IURD, e de uma forma mais enfática pela AD. Esta entendeu a Maçonaria como um movimento religioso e sincrético¹⁷⁸. Apesar de reconhecer a boa procedência dos adeptos e das realizações políticas dos maçons ao longo da História do Brasil, o autor assembleiano não recomendou a participação de crentes nas atividades maçônicas por tratar-se de uma organização pagã, sincretista e idólatra: “Se podemos crer na afirmação de Jesus, segundo a qual ninguém pode servir a dois senhores, sem devotar mais atenção a um do que ao outro, haveremos de concordar com a impossibilidade de o crente ser fiel a Deus e à sua Igreja, e ser fiel à sua loja maçônica ao mesmo tempo.”¹⁷⁹ A IURD também não aconselhou a participação de evangélicos na Maçonaria. Por entender tratar-se de uma sociedade secreta que implicava em juramentos e

¹⁷⁶ Nova Ordem Mundial pode ser preparação para o anticristo. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.411, p. 1-B, 2000.

¹⁷⁷ RINALDI, Natanael; ROMEIRO, Paulo. Op.cit., p.129.

¹⁷⁸ OLIVEIRA, Raimundo F. Op.cit., pp.205-228.

¹⁷⁹ Idem, p.221.

compromissos a serem respeitados, o crente não poderia ter nada a esconder e nem dividir seu tempo com algo que atrapalhasse seu ministério na igreja. O que chama a atenção é que não entendem a Maçonaria como um movimento religioso da maneira como fez a AD, mais conservadora nesse sentido. Para o autor iurdiano: “A maçonaria é uma instituição filantrópica de auxílio mútuo. Existem muitas lendas, superstições e mitos ligados à maçonaria.”¹⁸⁰

Quando falamos do combate a igrejas de movimentos religiosos evangélicos, a IURD foi mais incisiva que a AD. Pelo exposto sobre a busca de um lugar de prestígio no cenário religioso brasileiro e entre os sub-campos evangélico e pentecostal, não foi surpresa os intelectuais iurdianos demonstrarem com mais afinco os “disparates” teológicos de outras denominações, apesar de não darem nomes aos alvos. Em um testemunho publicado pela Folha Universal em 2000, uma pessoa criada num lar evangélico e freqüentadora de uma igreja também evangélica contava os benefícios que encontrou na Universal por ter aprendido aí a agir com fé e conseguir de Deus os benefícios que não adquiria na “outra” igreja. Esse testemunho foi parte da descrição de um dos sermões do Bispo Macedo proferido na reunião de louvor e adoração que acontece aos domingos pela manhã¹⁸¹. Nesse texto ele alertava sobre as limitações “espirituais” que a religiosidade pura e simples acarretava. Por “coincidência” veio aquele testemunho logo em seguida. Em outra ocasião nos deparamos com um artigo que criticava a prática litúrgica de algumas denominações evangélicas.¹⁸² A querela aqui recaiu sobre o fato de alguns evangélicos adotarem uma determinada doutrina que legitimava o “cair ao chão”, literalmente, daqueles fiéis que sentissem uma carga forte do “poder divino” na hora dos cultos¹⁸³. Foram colhidas opiniões de diversos segmentos do meio evangélico, inclusive da AD, que condenavam essa prática. Por sua vez, os pastores iurdianos recorreram ao demônio para explicar a novidade. Vejamos o que disse o apologista Pr. J. Cabral:

O grande fundamento da fé cristã está em levantar, e não em cair. Ao falar com Ezequiel, por exemplo, o Senhor o mandou se colocar de pé (Ezequiel 2.1-3). Vejamos ainda Isaías 32.9; Ezequiel 11.1; Marcos 10.49; Efésios 5.14 e Tiago 5.15. No antigo Testamento não há qualquer base para se estabelecer a fanerose como sinal da presença de Deus e o Senhor Jesus e seus discípulos nunca ensinaram essa lição, pelo contrário, nos ensina que quem derruba é o diabo, que quer nos ver sempre prostrados, no chão.¹⁸⁴

¹⁸⁰ TOLEDO, Ramon A. Um cristão pode ser maçom? **Revista Plenitude**, Rio de Janeiro, n.69, p.07, 1999.

¹⁸¹ Religiosidade não leva o homem a Deus. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.419, p.12-A, abril/2000.

¹⁸² “Cair pelo poder de Deus”. **Revista Plenitude**, Rio de Janeiro, n.62, pp.34-37, maio/1998.

¹⁸³ Segundo o artigo acima citado, o nome da doutrina seria *fanerose*. Ela seria de origem norte-americana, surgida aproximadamente há 30 anos. Essa novidade teria chegado ao Brasil em 1985 trazida por um casal americano no Rio de Janeiro.

¹⁸⁴ Idem, p.37.

Completo ainda o Bispo Paulo Guimarães acerca do tema:

‘Como é que a gente pode ver se a pessoa é batizada ou não com o Espírito Santo? É aquela fala em línguas? Claro que não! Até os demônios falam em línguas ! É quando ela ‘cai pelo poder de Deus?’ Ora, ela cai na miséria; doente; arrasada; se prostitui; usa drogas; ainda nos vícios, satisfazendo aos desejos da carne. Adianta estar dentro da igreja e com a vida destruída? Cair não quer dizer nada; a pessoa cai, sim, quando está endemoninhada, pois quando tem o Espírito Santo se levanta, pois Ele levanta os prostrados; o diabo, porém, é quem derruba’, diz o bispo Paulo Guimarães, da Igreja Universal do Reino de Deus, veemente.¹⁸⁵

Nos demoramos um pouco mais aqui porque recentemente um pastor foi desligado da AD por, entre outros motivos, adotar na sua igreja essa prática do “cair pelo poder de Deus”. Trata-se do pastor Ouriel de Jesus e a *World Revival Church* (Igreja do Avivamento Mundial Assembléia de Deus), em Boston, E.U.A. Esse pastor esteve filiado à CGADB (Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil) até o dia 29/10/2003 quando foi homologado o seu desligamento do corpo de ministros dessa Convenção. Transcrevemos a seguir a notícia veiculada no site oficial da CGADB:

De acordo com os últimos acontecimentos ocorridos naquela igreja [*World Revival Church*], principalmente do lançamento do livro "O Triunfo Eterno da Igreja", onde o referido pastor alega ter recebido de Deus as revelações do "Livro selado por 7 selos", do "Livrinho comido por João" e das "Coisas inefáveis vistas por Paulo no paraíso", o presidente da CGADB, Pr. José Wellington Bezerra da Costa, solicitou pareceres da Comissão de Apologética e do Conselho de Doutrinas da CGADB, os quais repudiaram tais afirmações e as práticas litúrgicas daquela igreja. Estes pareceres foram publicados no Jornal Mensageiro da Paz n° 1422 - Novembro/2003. Nesta quarta-feira, 29/10/2003, a Mesa Diretora da CGADB homologou o desligamento do Pr. Ouriel de Jesus do rol de ministros da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil.¹⁸⁶

Esse episódio confirma a não aceitação por parte dos líderes da AD daquela doutrina, que a IURD também não reconheceu. Talvez mais tarde, com o desenrolar dos fatos, essa poderá ser uma ponta para se discutir os efeitos das novas frentes teológicas entre os assembleianos, geralmente mais conservadores.

Fazendo uma comparação entre os discursos de AD e IURD notamos que ambas não são simpáticas á algumas formas de religiosidade no campo religioso brasileiro,

¹⁸⁵ Idem, p.38.

¹⁸⁶ Disponível em <http://www.cgadb.com.br>. Acesso em 30 out. 2003.

principalmente os cultos afro-brasileiros e espíritas. Os escritores iurdianos foram mais objetivos e pontuais, direcionando suas críticas principalmente ao catolicismo e às religiões mediúnicas. Mas, de uma forma geral, o ato de negar e desprestigiar a religiosidade do diferente foi um mecanismo altamente presente no discurso do pentecostalismo tradicional da AD e na neopentecostal IURD para se colocarem na dinâmica mercadológica da religião na pós-modernidade. O montante de críticas desfavoráveis à variedade crescente de experiências religiosas na nossa sociedade abre uma discussão que é característica marcante entre os pentecostais – o anti-ecumenismo.

2.3 - O anti-ecumenismo assembleiano e iurdiano

Os intelectuais das duas denominações publicaram pareceres contrários à união dos vários credos. As iniciativas ecumênicas da Igreja Católica foram temas constantes das discussões. Pelo estudo que elaboramos sobre a visão das duas denominações em relação às outras religiões, ou movimentos religiosos, a idéia do anti-ecumenismo não nos causa espanto. Os valores demonizantes e depreciativos atribuídos por AD e IURD àquelas “outras” instâncias produtoras de “outros” bens simbólicos no campo religioso foram denunciadores do caráter anti-ecumênico do pentecostalismo. Por exemplo, para Macedo:

De fato, existem milhares de religiões, igrejas, seitas e movimentos que reúnem falsas doutrinas ou ensinamentos para confundir cada vez mais o ser humano (Mateus 24.11). Há uma ação diabólica neste mundo, criando falsos ensinamentos para enganar as pessoas. A maior ação do diabo acontece dentro das religiões, onde ele se disfarça; parece anjo de luz, fala bonito e diz mentiras que parecem verdades, para enganar, se for possível, até os escolhidos (Mateus 24.24).¹⁸⁷

Na AD, em uma de suas publicações que falaram sobre o ecumenismo, um autor expressou a seguinte opinião sobre a tentativa da união das várias verdades inerentes à cada religião:

A Bíblia é muito clara ao afirmar que não pode existir nenhuma contradição. A presença da verdade significa que o outro lado está errado. Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? E que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que parte tem o fiel com o infiel? E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? Porque vós sois o templo do Deus vivente (2 Co 6.14-16).
Todas as religiões do mundo não podem ser igualmente verdadeiras. Devemos escolher, porque as diferenças são tão profundas quanto a luz e as

¹⁸⁷ MACEDO, Edir. **Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus**. v.3, Rio de Janeiro: Universal, 2000. pp.31,32.

trevas, Deus e Satanás, céu e inferno. Distinções doutrinárias são importantes, muitas vezes contraditórias e logicamente necessárias.¹⁸⁸

Conforme as falas que temos observado até agora podemos sinalizar que os pensadores assembleianos construíram um discurso que impediu uma aproximação entre o movimento pentecostal, e evangélicos em geral, com certas denominações e movimentos religiosos. Para Oliveira¹⁸⁹ o ecumenismo seria impossível de ser aceito por vários motivos. Primeiro porque ele estaria sendo apoiado pela Igreja Católica que pretenderia, com as idéias ecumênicas, reconquistar para si os rebanhos perdidos com a Reforma Protestante. Em seguida veio o fato de a AD não considerar correto congregar sob o “mesmo rebanho” pessoas “convertidas” e “não convertidas”. Em terceiro lugar o autor chamou a atenção para a vocação missionária da igreja: “Insistimos na necessidade do cumprimento da ordem missionária de Jesus, o que só será possível se virmos os homens como Cristo os viu, pecadores perdidos, sujeitos ao Inferno, não importando a que religião pertençam (Lc 19.10.)”¹⁹⁰ Por fim, a demonização foi conclamada novamente para servir de base para o entendimento de que a política ecumenista estaria sendo um sinal de que o fim dos tempos estaria chegando. Seguindo uma lógica apocalíptica, o ecumenismo favoreceria o aparecimento de uma “superigreja que, após o arrebatamento da verdadeira e triunfante Igreja, dará suporte espiritual ao governo do Anticristo, da Besta e do Falso Profeta, durante a Grande Tribulação.”¹⁹¹ Ainda em outra publicação¹⁹², a AD reforçou o seu apoio ao anti-ecumenismo. O autor expôs suas argumentações justificando a não concordância com a proposta ecumênica da Igreja Católica. Inicialmente ele pronunciou-se da seguinte forma:

Como não querer andar com pessoas que têm o mesmo Deus?
Assim ecumenismo é um assunto fascinante e desafiador. Sabemos que discutir a questão ecumênica requer, antes de tudo, despir-se de qualquer preconceitos ou qualquer outro tipo de resistência. Mas acima de tudo, precisamos ser sinceros e claros em nossas convicções e posições.¹⁹³

¹⁸⁸ LUTZER, Erwin E. **Cristo entre outros deuses: uma defesa da fé cristã numa era de tolerância**. Rio de Janeiro: CPAD, 2000. pp. 31,32.

¹⁸⁹ OLIVEIRA, Raimundo F. de. Op.cit., pp. 246-251.

¹⁹⁰ Idem, p.249.

¹⁹¹ Idem, p.251.

¹⁹² Revista **Defesa da Fé**. Ver páginas 37, 38.

¹⁹³ MELONIO, Eloy. Ecumenismo – Quando a união representa um risco. Revista **Defesa da Fé**, São Paulo: ICP, p. 184, Edição Especial do ano 2000.

Apesar de saber que se tratava de um assunto delicado, o autor, como a maioria dos pentecostais (inclusive AD e IURD) foi militante¹⁹⁴ quando deixou claras suas posições e crenças, sempre refutadas biblicamente:

‘Que harmonia [pode haver] entre Cristo e o Maligno? Ou que união, do crente com o incrédulo?’ (2 Co 6.15)

Quem será a autoridade final em assuntos doutrinários no ecumenismo, uma vez que, imagina-se, católicos romanos e evangélicos podem um dia estar, não necessariamente unificados, mas pelo menos, ‘andando juntos’? Para o evangélico, a Bíblia é a única autoridade. Para o católico romano, nem tanto, porque aceita outras fontes com força autoritária igual ou superior à Bíblia.¹⁹⁵

A IURD não fugiu muito à regra. Oro¹⁹⁶ fala do caráter exclusivista do Pentecostalismo e a conseqüente falta de tolerância religiosa e a pouca inclinação ao ecumenismo. Encontramos inúmeras posturas desfavoráveis ao ecumenismo. Os pareceres colhidos de outros líderes de igrejas aliados à IURD, além dos apologistas iurdianos, corroboraram as opiniões vistas entre os intelectuais assembleianos. Em 97, num artigo da revista *Plenitude*¹⁹⁷ foram citados várias visões do movimento ecumênico. O principal apologista da IURD, pastor J. Cabral, considerou o ecumenismo uma ação da Igreja Católica para agrupar para si novamente os fiéis perdidos com o advento do protestantismo considerando impossível a união dos credos sem ignorar as questões de fé. Bispo Rodrigues, um dos fundadores da igreja concordou com os escritores da AD quando identificou no empenho em unir as crenças como uma preparação para a chegada do governo do “anti-Cristo”:

... o ecumenismo pregado pela Igreja Católica está preparando as pessoas para a unificação de todas as religiões, aos pés do Vaticano. Segundo ele [Bispo Rodrigues], é uma artimanha de Satanás e uma preparação para a Grande Tribulação, a respeito da qual Jesus Cristo nos alerta na Escrituras Sagradas. Já se tem falado na ONU, Organização das Nações Unidas, que as religiões que não aderirem ao ecumenismo serão tratadas como ‘seitas’, e os que não concordarem serão considerados ‘contrários o bem comum’. Isso significa que aqueles que os perseguirem julgarão fazer um bem à humanidade.¹⁹⁸

¹⁹⁴ MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. Campinas: ANPOCS, 1996, p.82.

¹⁹⁵ MELONIO, Eloy. Ecumenismo – Quando a união representa um risco. Revista **Defesa da Fé**, Op.cit., p.186.

¹⁹⁶ ORO, Ari Pedro. Op.cit., p.50.

¹⁹⁷ Ecumenismo – todos os caminhos levam a Deus?. Revista **Plenitude**, Rio de Janeiro, n.61, pp. 31,32, maio/1997.

¹⁹⁸ Idem, p.32.

A visão que predomina é aquela apocalíptica e a que coloca a Igreja Católica sob qualificações persecutórias em relação aos evangélicos. Na Folha Universal um pastor foi bem mais enfático: “Imaginem: o macumbeiro, o muçulmano, o budista, o mórmon, o católico, etc., sob o mesmo teto, adorando o seu ‘deus’. Que bagunça! O Senhor Deus não é Deus de confusão.”¹⁹⁹

AD e IURD, estando sob a influência desse arcabouço de idéias construíram para si uma realidade que esteve comprometida com a relação pontuada pelo estranhamento que tiveram mediante o “outro” representado aqui pelas outras religiões e pela possibilidade de unificação com elas.

A IURD defende que já existe um certo espírito ecumênico, ainda que sensível, entre os protestantes e evangélicos em geral apesar dos entraves institucionais:

Se o ecumenismo entre as igrejas evangélicas, sob o aspecto institucional, ainda enfrenta algumas dificuldades, em relação ao povo evangélico as coisas têm sido muito mais fáceis. Há muito tempo vem ocorrendo um forte intercâmbio entre os membros das nossas igrejas.

A música evangélica tem contribuído muito para isto. Cantamos hinos e entoamos cânticos semelhantes. Os programas evangélicos veiculados nas emissoras de rádio e TV, assim como a literatura distribuída pelas livrarias evangélicas, têm feito com que as diferenças sejam cada vez mais atenuadas.²⁰⁰

Já a AD não se mostrou muito tolerante à aproximação com todos os segmentos evangélicos. A CGADB veio á público em 97 contrariar determinadas práticas e crenças do Neopentecostalismo como a maldição hereditária²⁰¹ e a exacerbação da prosperidade material como sinal de bênção divina.²⁰²

Quando a questão foi ecumenismo, AD e IURD assemelharam-se em um ponto: a irredutibilidade em uma aproximação com aqueles segmentos do campo religioso brasileiro que estiveram ligados à proposta ecumênica católica. As críticas veladas da igreja católica aos evangélicos desde a fundação das primeiras igrejas no Brasil deve ter sido um pressuposto

¹⁹⁹ CARDOSO, Pr. Renato. Babilônia se prepara para o ataque. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.148, p.03, fev./1995.

²⁰⁰ SUED, Josef. Ecumenismo entre protestantes. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.148, p.03, fev./1995.

²⁰¹ Segundo Macedo, os demônios atuam em famílias por gerações seguidas através dos laços de hereditariedade. Ou seja, a atuação demoníaca passaria de pai para filho e assim sucessivamente: “O fato de nunca ter ido a uma reunião espírita e de professar uma religião cristã não impede que os demônios se apoderem das pessoas. Em muitos casos, um espírito foi o ‘senhor’ do corpo do pai ou da mãe que faleceu e procura agora se apossar do filho ou da filha para continuar a sua obra maligna.” MACEDO, Edir. Op.cit., p.39.

²⁰² Conselho de Doutrina. Jornal **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1333, p.02, abril/1998. Segundo o parecer desse conselho (um órgão da CGADB), a crença na maldição hereditária anularia o sacrifício de Cristo na cruz a favor da humanidade e a responsabilidade individual dos homens pelos seus atos. Em relação à teologia da prosperidade, alegam que esta “faz de Deus o servo, e do homem o Senhor, em que o importa são os fins e não os meios;”

muito forte para o combate dos intelectuais assembleianos e iurdianos ao ecumenismo sob a liderança da igreja católica. Mas, em outro ponto, AD e IURD distanciaram-se. A AD foi muito menos maleável quanto à idéia de uma união entre as igrejas evangélicas. Levando o exclusivismo ao máximo, os escritores assembleianos fizeram circular nos impressos da AD um discurso que não considerava apropriado nem o diálogo com denominações evangélicas que, à princípio, partilhavam de uma exegese bíblica muito parecida com a da referida igreja. Já a IURD, mais articulada politicamente, e visando a coesão dos evangélicos brasileiros para a obtenção de uma maior representatividade, estimulou ela própria o estabelecimento de uma rede de apoio entre as igrejas evangélicas pelo viés ecumênico.

De modo geral, pudemos observar que os discursos de AD e IURD mostraram-se “radicais”, cada um na sua medida, no sentido de desqualificarem determinadas formas de religiosidade.

Analisamos até agora a questão de alteridade relacionada ao não reconhecimento de legitimidade á outros movimentos de cunho religioso. O próximo capítulo estenderá essa discussão para diversas áreas na sociedade onde os intelectuais julgaram merecer um pronunciamento das respectivas igrejas.

Cap. III Nós e o mundo

O ambiente pós-moderno trouxe aquelas características que descrevemos na introdução desse trabalho. A crescente pluralidade e relativização de conceitos e comportamentos que permeiam a pós-modernidade foi alvo de análise entre intelectuais assembleianos e iurdianos. A resposta que ambos deram à nova realidade foram parecidas.

A AD admitiu que um novo momento surgia na História da humanidade. Mas viu na pós-modernidade uma série de implicações que punham em descrédito as prerrogativas bíblicas adotadas pela igreja. Couto, em um artigo muito interessante para a revista *Obreiro*²⁰³, enumerou determinadas implicações daquelas tendências pós-modernas, chamando a atenção de que não existiu um corte depois da modernidade para se instalar a nova visão de mundo pós-moderna. A primeira tendência, segundo o autor, seria a prevalência de uma “visão naturalista” sobre os fenômenos. Desde o surgimento do homem, todos os eventos seriam frutos de uma sucessão mecânica da natureza cientificamente explicada. Logo, a atuação do transcendente não obteria mais respaldo. Para o autor: “A partir daí os resultados são nefastos. Isto porque os valores morais passam a ser relativos, dependendo do contexto e das convenções sociais do momento, por não haver espaço para os princípios imutáveis estabelecidos por Deus e que devem ser observados em qualquer época ...”.²⁰⁴ A “prevalência do multiculturalismo” seria outra tendência da pós-modernidade que serviria para quebrar os valores presentes na realidade cristã do nosso país. Por fim, o autor identificou uma nova postura de viver a religiosidade que chamou de “religião pessoal”. Essa seria outra consequência do ambiente pós-moderno. O homem estaria buscando para si um tipo de religião que correspondesse aos seus gostos particulares, e não em igrejas já estabelecidas: “Aqui, a idéia é de uma religião excludente, particular, onde o homem é o centro e o fim de tudo, de modo que ele constrói para si um tipo de religiosidade que lhe interessa e satisfaça o seu pragmatismo.”²⁰⁵ Para outro autor, as mudanças provocadas no âmbito cultural às portas do terceiro milênio traziam “transtornos estruturais” para a humanidade. A falta de parâmetros para uma vida regada por valores cristãos como a adotada pelas doutrinas da AD era um dos sinais de que a igreja estava em meio a uma nova realidade. Ele não chega a denominar de pós-modernidade, mas esse “novo tempo” trazia as mesmas características desta:

²⁰³ COUTO, Jeremias do. O obreiro e a pós-modernidade. Revista **Obreiro**, Rio de Janeiro, n. 09, pp.36-39, out./1999.

²⁰⁴ Idem, p.38.

²⁰⁵ Idem.

Os sociólogos John Naisbitt e Patrícia Aburdene analisam a realidade atual como dominada desde já pelo novo milênio. Eles entendem que ‘já estamos sob seu domínio. O ano 2000 funciona como ímã para a humanidade, exercendo influência sobre os anos 90 e conferindo maior peso à década. Ele está amplificando emoções, acelerando mudanças, elevando a consciência, compelindo-nos a um reexame de nós mesmos, nossos valores e instituições’.²⁰⁶

Os intelectuais entenderam que o ambiente pós-moderno requeria algumas posições da igreja. Na década de noventa intelectuais e lideranças promoveram discussões que colocavam em pauta que atitudes a igreja deveria tomar frente às mudanças que a sociedade experimentava. Em 93 um pastor defendeu uma forma de agir da AD que levasse em conta as transformações que o mundo sofria:

À medida que o tempo vai passando, o homem vai descobrindo novas respostas ao meio-ambiente, gerando com isso mudanças que irão caracterizar a sua própria era.

(...) A igreja precisa acordar para as novas realidades que se apresentam dia após dia, diante dela. O nosso mundo está em constante mutação e exige de nós acompanhamento à altura dessas mudanças. ‘Se te fatigas correndo com homens que vão a pé, como poderás competir com cavalos?’, Jr 12.5. Acompanhar a evolução do mundo não significa de forma alguma aceitar o mundanismo, pois a igreja do Senhor deve continuar combatendo o pecado e usando da autoridade concedida por Deus para delatar a iniquidade, com João Batista: ‘...não te é lícito’, Mc 6.18.

Acompanhar a evolução do mundo na sua forma cultural e transitória significa abrir um maior espaço para a atuação do Espírito Santo, significa conquistar simpatia e receptividade das pessoas ao invés de antipatia e indisposição com relação à mensagem do Evangelho. Significa capacidade de correr na mesma velocidade alcançando as pessoas a tempo de lhes oferecer valores mais significativos do que os oferecidos por um sistema de vida sem Deus.²⁰⁷

Sem esquecer o caráter conservador do pentecostalismo tradicional, o autor clama por uma abertura da denominação aos novos tempos. O equilíbrio seria a situação ideal para a igreja transitar na pós-modernidade. Nem muito liberal, nem muito radical – essa foi a idéia básica defendida pelos intelectuais. Em outro artigo do jornal oficial da AD²⁰⁸, um autor chamava a atenção para a configuração observada nas igrejas evangélicas brasileiras: de um lado os crentes de direita, mais conservadores, e, do outro, os crentes liberais. O modelo correto não estaria em nenhuma dessas direções, mas numa postura equilibrada, não deixando

²⁰⁶ CABRAL, Elienai. É o fim do século ou do mundo? Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1320, p.24, mar./1997.

²⁰⁷ FRANCISCO, Valdemir José. A igreja e o tempo presente. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p.03, nov./2003.

²⁰⁸ ZIBORDI, Ciro Sanches. A sabedoria está no equilíbrio. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1299, p.03, jun./1995.

sobressair nem o “autoritarismo” de direita e nem a “libertinagem” de esquerda. Sobre a ala mais conservadora ele colocou que: “(...) prevalece o autoritarismo dos ministros e não a autoridade outorgada por Deus. Sem exercer o amor, contribuem para a desgraça de muitas pessoas, preferindo ensinar doutrinas de homens.”²⁰⁹ Em relação ao liberais foram considerados excessivos os meios pelos quais essas igrejas alcançavam um número cada vez maior de adeptos. Esses excessos estariam na demasiada contextualização ao mundo, acomodação a ele, em outras palavras. Ele finalizou dizendo que: “Não quero dizer com isso que o crente deve ser uma pessoa presa, que viva a dizer: ‘A minha religião não permite’. O crente tem a liberdade para fazer o que quiser, tendo a Bíblia como o seu limite (1Co 6.12).”

Falar em equilíbrio na AD soou como um denunciador das novas exigências que a igreja se deu conta. Mas, mesmo tendo ciência disso não abandonou o discurso de igreja formada por um padrão moral e de costumes diferenciadores da sociedade em geral, mantenedores importantes de sua identidade. Em 99, por ocasião de um encontro de líderes assembleianos, o presidente da CGADB, que ainda é o mesmo (José Wellington Bezerra da Costa), pronunciou-se da seguinte maneira:

Após abrir o encontro com oração, pastor José Wellington Bezerra da Costa, falou da contextualização da igreja, dizendo que Deus criou uma forma especial para as Assembléias de Deus no Brasil, diferente de qualquer outra no mundo, porque já conhecia a nossa cultura. A manutenção dessa vontade soberana, fez da Assembléia de Deus brasileira o maior movimento pentecostal conhecido. Em sua prédica, traçou um resumo da história das ADs, falando ainda dos perigos e modismos que tentam descaracterizar a verdadeira doutrina bíblica presente entre o povo assembleiano. Pastor José Wellington disse que a mensagem simples dos precursores: ‘Jesus salva, cura e batiza no Espírito Santo, é uma tricotomia que deu certo.’²¹⁰

Na fala do pastor observamos a estratégia em classificar a AD como uma igreja diferenciada já desde os primeiros tempos por conter aquelas características elencadas no breve histórico que traçamos: a presença de pessoas mais pobres (humildes nesse sentido), as condutas ética e estética irrepreensíveis, etc. Na visão de Costa, as inovações que interpelavam o campo religioso brasileiro com a pós-modernidade não trariam para a AD benefícios reais porque descaracterizariam aquela identidade que sempre forçou um reconhecimento quase instantâneo de quem pertencia à AD ou não. Os apelos assembleianos foram contrários a novos modelos de apropriação daqueles símbolos sagrados já muito

²⁰⁹ Idem.

²¹⁰ Contextualizados à palavra de Deus. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1351, pp. 04-05, out./1999.

solidificados no compósito imaginário da igreja, e que serviam de escudo para manter um “norte” identitário que fizesse frente aos percalços que as transformações relativizantes no cenário da religião traziam.

Os intelectuais iurdianos também reconheceram na pós-modernidade alguns pontos negativos. Em contrapartida veremos que um deles qualificou a IURD como uma igreja pós-moderna. O teólogo J. Cabral identificou determinadas características, entre outras, que acompanhariam a pós-modernidade:

Não subordinação às grandes instituições; religiosidade prática com ênfase na individualidade; ruptura com certos valores e princípios moldados na ética legalista, burguesa e conservadora; abertura para o novo, o diferente e inusitado; abandono de métodos rígidos e burocráticos, e apego ao simples, claro, objetivo e direto, são algumas características do espírito da pós-modernidade.²¹¹

Dentro dessas atribuições, a IURD estaria incluída na pós-modernidade por comportar em si essas características.

Observamos na última citação uma análise mais simplista do que seria a pós-modernidade quando comparada com a discussão feita pelos assembleianos. O autor iurdiano anteriormente citado chegou a falar em um rompimento entre modernidade e pós, quando colocou que: “Métodos rígidos, forte burocracia, apego às tradições e preocupação com títulos, diplomas e honras, fazem parte do espírito da modernidade. A pós-modernidade rompe com tudo isso. A IURD é assim.” Mas, apesar de enxergarem traços da dinâmica “pós-moderna” na igreja, os intelectuais iurdianos não absolveram a realidade contemporânea do seu lado nocivo. O próprio J. Cabral, que entendeu a IURD como pós-moderna, viu o fenômeno da secularização²¹² como uma das conseqüências da nossa sociedade centrada nos progressos tecnológicos e atravessada por idéias filosóficas que facilitariam a descrença em Deus:

O sistema econômico e social de nosso país piora a cada ano que passa. A administração adotada pelos nossos governantes é elitista, contempla apenas uma parte da sociedade, enquanto a imensa maioria do povo continua convivendo com as mazelas de sempre, como a fome, o desemprego, o subemprego, a falta de cidadania e a violência urbana, entre outras. Toda essa estrutura, se por um lado leva o homem a refletir sobre Deus, a se preocupar com o seu lado espiritual, por outro favorece também o fenômeno da secularização...²¹³

²¹¹ CABRAL, Pr. J. Uma Igreja pós-moderna. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.198, p.03, jan./1996.

²¹² A secularização, para o autor, referiu-se ao abandono literal do sagrado pelo homem.

²¹³ CABRAL, Pr. J. Secularização. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.229, p.02-A, ago./1996.

Macedo entendeu a pós-modernidade como um conjunto de pluralidades e complexidades que teriam tornado a sociedade “perversa e incrédula” pela ação de idéias que consideraram a razão dona da verdade, esquecendo-se de Deus.²¹⁴ Uirpy Benício, um dos colunistas do jornal Folha Universal, falou de uma crise espiritual que o mundo “moderno” incutiria nas pessoas²¹⁵. Por influência de filosofias e teorias como as de Freud, Nietzsche e Marx, a atualidade do mundo estaria envolta por um paradigma que tornou os homens alienados de sua verdadeira natureza que seria a da criação divina:

Em decorrência da adesão dessas filosofias agnósticas é que considerável segmento de nossa sociedade encontra-se mergulhado na **maior crise espiritual** que conhecemos e que tanto nos atormenta, atingindo por sua profundidade os alicerces da própria vida humana, pessoal e coletiva. O caos econômico e financeiro em que se encontra o mundo exemplifica o que estamos afirmando, onde uma política perversa, falaciosa, absolutamente irreligiosa, sem o mínimo sentimento cristão de amor pelos necessitados leva ao pânico o trabalhador, ameaçado pelo desemprego e pela recessão, enquanto uma sucessão de escândalos, numa despudorada onda de corrupção e cinismo, jamais presenciada na vida pública, vai corroendo a integridade da humanidade que, desamparada, põe em dúvida a razão de sua existência.²¹⁶

Ainda encontramos um outro artigo que trouxe no título uma referência ao “vazio existencial” que a “modernidade” teria trazido à humanidade. Novamente os avanços científicos e tecnológicos, além da ordem econômica capitalista, foram acusados de promoverem um afastamento das pessoas de suas afetividades pessoais, familiares: “A tecnologia não trouxe só facilidades, que, aliás, aqui não se pretende criticar, mas a frieza das máquinas, da vida moderna, deixou as pessoas mais individualistas. Cada um por si, Deus por todos. Jesus já previa, há quase dois mil anos, que, nos últimos tempos, o amor de muitos esfriaria.”²¹⁷ É interessante notarmos aqui a prioridade em fazer aparecer a questão política na fala dos autores como algo que precisasse de conserto.

Quando trataram da pós-modernidade, intelectuais da AD e IURD assemelharam-se em atribuir àquela adjetivos depreciativos por representar conceitos que colocariam o homem distante do tipo ideal entendido pelas interpretações bíblicas das duas denominações. Mas observamos que o foco de discussão dos intelectuais de uma e outra igreja distancia-se em certo momento. Enquanto a AD preocupou-se em delinear estratégias para enfrentar a pós-

²¹⁴ MACEDO, Bispo. FéXRazão. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.184, p.02, out./1995.

²¹⁵ BENÍCIO, Uirpy. A crise espiritual do mundo moderno. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.20, p.12, agos./1992.

²¹⁶ Idem.

²¹⁷ O vazio que o mundo moderno traz. Jornal **Folha Universal**, n.376, p.2-A, junho/1999.

modernidade, a IURD já se lançava como uma representante pós-moderna entre as igrejas. Foi a apropriação realizada dos momentos diferentes em que surgiram as duas denominações além dos modelos que adotaram para seguir segundo uma exegese bíblica e visão de mundo.

A IURD surgiu em um contexto bem diferente do que os pioneiros assembleianos enfrentaram. Gunnar e Vingren lidaram com uma população predominantemente migrada da zona rural do nordeste, e católica, devocional. Tanto os fundadores da AD quanto os fiéis que alcançaram não tinham prestígio econômico, nem social e nem “intelectual”. A humildade, no sentido de pobreza e simplicidade, era a marca registrada da AD. Segundo Freston, a IURD nasceu em um momento histórico bem diferente. O Neopentecostlismo, ou o pentecostalismo de terceira onda para Freston, apresentou algumas especificidades no contexto de sua fundação:

O país é outro, e o pentecostalismo da terceira onda adapta-se às mudanças do período militar: o aprofundamento da industrialização; o inchamento urbanos causado pela expulsão de mão-de-obra do campo; a estrutura moderna de comunicações de massa que, no final dos 70, já alcança quase toda a população; a crise da Igreja Católica e o crescimento da umbanda, e a estagnação econômica dos anos 80..., a terceira onda é sobretudo de igrejas cariocas fundadas por pessoas cidadinas de nível cultural um pouco mais elevado e de pele mais clara.²¹⁸

Essa configuração imprimiu na IURD um perfil que em muitos pontos não foi igual ao da AD, e vice-versa. Destacamos na IURD, por ser a mais “nova”, uma apropriação diferenciada do “mundo”, produzindo sentidos que não estabeleceram interditos variados aos seus adeptos, destacaram o uso da fé como instrumento para receber todas as bênçãos divinas, além de imputarem às forças malignas as mazelas da sociedade como um todo (aí reside um dos pontos que iremos destacar neste capítulo: a diferença de ênfases que AD e IURD irão dar em um traço característico do cristianismo: a figura do Diabo).

Os anos noventa (“recorte” temporal adotado para a pesquisa), formaram um período especial para as duas denominações. A IURD adquiriu uma visibilidade dificilmente vista entre as igrejas pentecostais em decorrência do seu rápido crescimento, em todos os níveis. Na AD (observando os debates na sua imprensa escrita), questões sobre a manutenção de uma identidade assembleiana foram prolíferas. O que discutiremos daqui em diante será a forma como AD e IURD comportaram-se como denominações religiosas durante um período tão problemático para as duas igrejas. Serão analisadas as mais diversas questões baseadas nas impressões encontradas nos materiais de divulgação das duas denominações. Antes, porém,

²¹⁸ FRESTON, Paul. Uma breve história do pentecostalismo brasileiro. In: **Nem anjos, nem demônios: Interpretações sociológicas do Pentecostalismo**. 2ed, Petrópolis: Vozes, 1996. p.131.

gostaríamos de pontuar aqui algumas estratégias ligadas a uma série de fatores presentes na forma como os impressos de AD e IURD eram agilizados textual e graficamente. A estética e o conteúdo desses materiais atentavam para a dinâmica do público que iria lê-los. Chartier coloca o leitor como sendo portador de diferentes “competências” na hora de ler e apropriar-se de uma determinada leitura. A esse detalhe deve estar atento quem vai editar qualquer material impresso: “Trata-se, portanto, antes de mais nada, de sinalizar como os objetos tipográficos encontram inscritos em suas estruturas a representação espontânea, feita por seu editor, das competências de leitura do público ao qual ele os destina.”²¹⁹ Observamos que AD e IURD não estiveram alheias à esse “detalhe”. Vamos tomar o exemplo dos jornais, certamente os veículos informativos de maior circulação nas duas denominações. O Mensageiro da Paz, jornal oficial da AD, segundo o que pudemos observar nos originais, era feito para uma parcela de leitores que seguia a característica conservadora da igreja. Eram pessoas interessadas em assuntos voltados para a compreensão bíblica e em notícias sobre a dinâmica dos templos assembleianos espalhados pelo país, e apenas isso. Esses leitores eram mais comprometidos com a denominação e preferiam assuntos específicos dentro de uma lógica religiosa mesmo. Se fôssemos abrir uma edição do Mensageiro da Paz durante os anos noventa iríamos encontrar uma redação simples, com temas que não fugiam da esfera teológica, com alguns testemunhos, aconselhamentos e pronunciamentos de líderes das mais diversas partes do Brasil. A periodicidade era mensal, e a parte artística de fotografia e ilustrações era tímida. Bem diferente desse modelo, o jornal Folha Universal, da IURD, dispensava recursos que pretendiam alcançar um grupo de leitores mais amplo. Em relação às pessoas que freqüentam seus templos, a IURD é aquela igreja que apregoa um discurso muito mais relativizante que a AD em relação a aspectos comportamentais e estéticos, o que, aliás é uma das características mais marcantes do Neopentecostalismo. Somado a isso, a IURD não exige tanto de seus fiéis aquele compromisso denominacional que a AD sugere. Logo, o que observamos nas páginas da Folha Universal foi um universo muito mais diversificado de assuntos que seguiam as tendências de um público heterogêneo e não essencialmente ligado à igreja. A periodicidade era semanal, algo que lembra o ritmo frenético da pós-modernidade. Nesse periódico, além daqueles textos que tratavam de temas bíblicos, encontramos sessões que discutiam política, comportamento, vida feminina, negócios, notícias ao redor do mundo, esporte, entre outros. O vocabulário também era bastante simples, de fácil compreensão. De forma geral, os materiais de divulgação da AD foram direcionados á um público específico,

²¹⁹ CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: **Práticas da leitura**. São Paulo:Estação Liberdade, 1996. p.97.

restrito. No caso da IURD a estratégia foi ao encontro daquele público mais diversificado que contava com aqueles membros ligados oficialmente à igreja, mas também com um grande número de pessoas que estavam apenas, ou inicialmente, de passagem, em busca dos benefícios prometidos mediante as ofertas e sacrifícios.

Antes ainda de entrarmos propriamente nas especificidades de AD e IURD em relação ao que publicaram sobre os mais diversificados assuntos, faz-se necessário voltarmos e lembrarmos o modo como as duas igrejas entendem-se na sociedade em que estão inseridas.

O Pentecostalismo anda de mãos dadas com uma visão espiritualista e maniqueísta do mundo em geral. Na introdução falamos do significado da palavra “mundo” para assembleianos e iurdianos. Ou seja, “mundo”, seriam todas aquelas instâncias da sociedade que não seguissem as recomendações bíblicas adotadas pelas igrejas, cada uma a seu modo. Tudo o que estivesse ligado a essa concepção era considerado ilegítimo, ruim, por fim, mundano. Logo, qualquer coisa que lembrasse o “mundo” deveria ser mantido a longa distância, deveria ser combatido, pois não era parte da vontade divina para o homem. Para os escritores iurdianos e assembleianos, a sociedade viveria sob o domínio desse espírito mundano. Um Bispo da IURD, escrevendo sobre a firmeza moral que um crente deveria ter em seu caráter colocou: “O mundo em que vivemos jaz no maligno, onde existe muita negatividade e é dominado pelo diabo...Ou creio na palavra de Deus como revelação d’ Ele para a minha vida ou não creio em nada.”²²⁰ No jornal oficial da AD, uma coluna direcionada ao público jovem exemplificava a maneira do jovem portar-se frente ao “mundo”:

Pela leitura da Bíblia, vemos que o mundo é um sistema de idéias e modos de viver que são maus, contrários a Deus, dirigidos pelo diabo, e tem como destino o inferno. O verdadeiro discípulo de Jesus já foi salvo do mundo, e deve recusar-se a viver de acordo com ele, deve afastar-se e permanecer sempre contrário a ele. Não existe o que se chama por aí de ‘crente mundano’. Deus diz que ‘Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele’ (1Jo 2.15).²²¹

Diversos setores da vida social e cotidiana foram tomados como pontos para análise entre intelectuais assembleianos e iurdianos. Essas análises, como veremos, partiram de um ponto de vista, de uma família de sentidos que influenciaram de forma decisiva nas formações discursivas observadas entre esses autores. A rejeição às coisas do “mundo” será comum a ambas as igrejas. Mas veremos que foi mais radical em uma, e menos em outra. Por outro

²²⁰ GUIMARÃES, Bp. Paulo. Sem meio termo. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.252, p.3-A, fev./1997.

²²¹ PRATNEY, Winkie. Não viva como vive o mundo. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p.08, out./1990.

lado, a culpa lançada ao “diabo” também será mais forte em uma do que na outra. O que veremos no discurso de AD e IURD, serão maneiras de enxergar o mundo profundamente impregnadas por sentidos que construíram por serem pentecostais, logo, portadoras de todas aquelas características já mencionadas, inerentes ao Movimento Pentecostal. O lugar de onde AD e IURD interpretaram a dinâmica do social foi determinante para os valores que propagaram aos seus fiéis. Aqui endossamos o pensamento de Teves, segundo a qual: “O local de onde parte o olhar é espaço antropológico. Aquele que olha o faz a partir de uma perspectiva e de um imaginário social.”²²²

Iniciaremos falando do quesito costumes e identificações tradicionais do pentecostalismo (estética principalmente: roupas sem grandes retoques, cabelos compridos para as mulheres, etc.). Mariano dedicou um capítulo de seu livro sobre as mudanças estéticas que o neopentecostalismo trouxe. Ele citou também as querelas internas que a maior relativização das tradições de usos e costumes causavam na AD.²²³

3.1 - Dos costumes e tradições pentecostais

Um fator de grande importância, de forma geral, marca o início da identidade pentecostal: é a conversão. A partir do momento que uma pessoa passa por essa experiência, ela já é considerada como alguém que deve ser, por excelência, diferente, porque agora sua vida toma outro rumo:

A experiência da conversão marca o início de uma nova vida onde o passado é renegado e a opção exclusiva por ser *crente* implica ‘viver como um crente’. A valorização negativa do passado em contrapartida com a valorização positiva do presente leva cada um dos *escolhidos* a realizar sua identidade religiosa no outro, naquele que teve a mesma experiência de conversão e que optou pelo mesmo ‘caminho estreito’.²²⁴

No quadro de representações “partilhado” entre os assembleianos e iurdianos, o significado que adquiriu a sociedade vigente foi afetado pelo entendimento que estes fiéis tiveram sobre a concepção da palavra “mundo”, como já vimos.

A AD, uma das primeiras representantes do Movimento Pentecostal no Brasil, vem discutindo nos últimos anos a questão da permanência de uma identidade assembleiana homogênea. Essa discussão, cada vez mais presente, denunciou a formação de segmentos com

²²² TEVES, Nilda. O imaginário na configuração do imaginário social. In: TEVES, Nilda. **Imaginário Social e Educação**. Rio de Janeiro: Gryphus: Faculdade de Educação da UFRJ, 1992. p.13.

²²³ MARIANO, Ricardo. Op.cit., pp.187-223.

²²⁴ NOVAES, Regina Neves. **Os escolhidos de Deus: pentecostais, trabalhadores e cidadania**. São Paulo: Marco Zero, 1985. (Cadernos do ISER, n.19) p.68.

opiniões diferentes entre si sobre o referido tema dentro da AD. De um lado tivemos a ala mais liberal e, do outro, os mais conservadores.

Os costumes e tradições adotados no estabelecimento da AD como denominação pentecostal em 1911 não são mais os mesmos. Mariano, escrevendo sobre o pentecostalismo clássico, onde a AD está incluída, escreveu sobre as mudanças que esse primeiro momento do Movimento Pentecostal no Brasil experimentou ao longo dos anos. A AD já está há mais de noventa anos e sentiu essas transformações. Entre elas estava a diminuição daquela rejeição ao “mundo exterior promovendo (não sem retrocessos, lutas internas e cismas) sucessivas acomodações à sociedade inclusiva.”²²⁵ Quando o assunto foi manter uma identidade assembleiana pelo viés dos costumes e tradições os debates acaloraram-se.

No intuito de manter seguras distâncias em relação a esse “mundo”, o corpo de dirigentes que pensou o arcabouço doutrinário da AD prescreveu determinadas normas que guiaram o fiel para um comportamento diferenciado na sociedade: “Desde já, o ‘estilo pentecostal’ marca diacriticamente com sua presença o clima cultural popular, tanto da casa quanto da rua.”²²⁶ Esse estilo força uma marca de separação com o que não corresponde às “verdades” bíblicas aceitas e postas em prática na igreja. Na AD, a identidade do crente é construída a partir de algumas particularidades morais e de costumes, que estão inseridas no que acreditam ser uma boa ética cristã, ou ainda, uma ética assembleiana. Para esses fiéis uma “ética divina” teria a capacidade de transformar sobrenaturalmente os homens que se encontram perdidos no “mundo”²²⁷.

Vários encaminhamentos, portanto, foram dados pelos intelectuais e lideranças da AD para a formação de uma conduta assembleiana a ser observada com muita atenção na sociedade. Inúmeras questões foram colocadas. Entre elas estavam os padrões estéticos de identificação assembleiana: cabelos compridos para as mulheres, saias, terno, gravata e cabelos curtos para os homens, etc.

A ala mais conservadora da igreja não era (e não o é ainda) simpática às inovações que penetravam nas igrejas da AD espalhadas por todo o país. Em um dos artigos publicados nos primeiros anos do período em questão, um pastor assembleiano protesta contra a falta de observância na forma correta dos crentes vestirem-se dentro e fora do templo, descaracterizando o que seria uma marca registrada para um membro da AD:

²²⁵ MARIANO, Ricardo. Op.cit., p.24.

²²⁶ SANCHIS, Pierre. O repto pentecostal a cultura católico – brasileira. In: **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do Pentecostalismo**. 2ed., Petrópolis: Vozes, 1996. p.57

²²⁷ MARIZ, Cecília Loreto. Libertação e Ética: uma análise do discurso de pentecostais que se recuperaram do alcoolismo. In: **Nem anjos, nem demônios: Interpretações sociológicas do Pentecostalismo**. 2ed., Petrópolis: Vozes, 1996. pp. 204-224. p. 205.

Entre os itens que fazem parte da santidade está a roupa. Evidentemente que não é só a roupa, mas a roupa ‘também’. O que tem se ensinado é que Deus não olha para isto, que ele quer somente o coração. Mas a Palavra de Deus mostra que ele se interessa por este assunto ‘sim’. Boa parte de 1 Coríntios 11 trata do cabelo da mulher e do uso do véu na igreja.

(...) Os filhos de Deus devem saber que estão vivendo em um mundo corrompido, que se corrompe cada vez mais. Não devem acompanhar a moda. Devem ditar a moda própria para filhos santos de um Deus Santo, especialmente na época em que estamos vivendo, de completa permissividade.”²²⁸

Outro autor endossou a opinião do pastor citado anteriormente:

A nova geração, com as devidas exceções, continua aberta a inovações e costumes que nunca foram nossos. Na música, na comunicação, no vestir, etc. É verdade que as igrejas em geral passam por uma crise de autenticidade, e isto de certa forma traz maus resultados, pois cristãos insatisfeitos formam os famosos grupos de louvor e adoração, onde pouco a pouco a influência desses grupos passam para a forma de culto das igrejas geralmente trazendo consigo heresias enlatadas sob versão de novas revelações, que implicam em insubordinações, costumes estranhos e rebeldia à sã doutrina e aos costumes santos.²²⁹

Em determinado artigo encontramos uma exposição clara e um pouco mais específica sobre os males que as inovações nos costumes estariam trazendo à igreja:

A proibição do uso de traje masculino para a mulher está bem claro na Bíblia, como em Dt 22.5. Aí está dito que tal coisa é abominação ao Senhor. Compreendemos que as transformações sociais, políticas e religiosas têm em muito influenciado o vestuário e outros elementos do porte dos povos, mas o verdadeiro cristão deve ser diferente, para merecer este nome.

(...) Agora para maior vexame do sexo masculino, muitos homens estão se vestindo como mulheres que não têm temor de Deus, inclusive usando brinquinhos e ‘rabo de cavalo’. Já houve tempo em que os homens eram mais homens e as mulheres mais mulheres. É o ‘tempo do fim’, predito pelas Santas Escrituras, de multiplicação da iniquidade, de confusão, de mudança dos tempos e das leis como princípios (Dn 7.25).²³⁰

O que esteve sempre em pauta nesses interditos foi o bom exemplo (segundo uma ética bíblica) que o assembleiano deveria demonstrar para a sociedade como sinal da transformação de vida que ganhava quem experimenta o ato de conversão: “ O cristão, como

²²⁸ SANTOS, Pr. Jonathan Ferreira dos. A roupa certa para o lugar certo. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1257, p.16, out./ 1991.

²²⁹ SOARES, Jossy - Coordenador nacional do Projeto Pés Formosos/GPEU – Grupo Pentecostal de Evangelização Universitária). Ponto de Vista: A identidade assembleiana. **Jornal Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1324, p.07. Maio de 1997.

²³⁰ FERREIRA, Jairo Fontes. O traje cristão segundo os padrões bíblicos. **Jornal Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p.16, nov./1991.

sal da terra e luz do mundo, não só deve ser diferente, mas seu comportamento como cristão deve ser um referencial para a sociedade.”²³¹

Sobre esse aspecto do comportamento que um assembleiano, como cristão, deve adotar, acrescenta Machado: “No caso específico da ética pentecostal, a ênfase na sobriedade dos trajés e a severa restrição às relações extraconjugais, aos vícios e até à participação nas chamadas festas profanas faz com que a adesão à comunidade religiosa transcenda o nível da experiência religiosa.”²³²

Um número significativo de interditos e prescrições fez parte do *corpus* doutrinário da AD. Mas a adesão não foi necessariamente literal a todas as alternativas de uma conduta diferenciada por parte dos fiéis.

A AD de 1911 (ano de sua fundação), em comparação com a AD atual, não é mais a mesma. A complexidade crescente da sociedade influenciou em mudanças também no campo religioso e no interior da própria igreja. Além disso, ainda outras transformações ocorrem o tempo todo na forma como os preceitos doutrinários ganham legitimidade entre as pessoas que fazem parte dessas igrejas, tanto AD, quanto IURD. O movimento de fabricar um corpo de regras, e este ser praticado na íntegra pelos indivíduos que o recebem, passa por outros caminhos que podem produzir efeitos de sentido que não os pensados pelo projeto original. Esses caminhos são traçados pelos consumidores desses símbolos de identidade assembleiana ou iurdiana.

Não podemos falar de uma identidade pura, homogênea. O texto, a imagem, possuem um autor, um divulgador, mas também um usuário. Quem recebe esses símbolos impregna neles sua marca, sua realização. Certeau, falando sobre a originalidade que está por trás das criações que estão para além das normas estabelecidas, coloca que o sujeito pode fabricar significados que deslocam-se dos sentidos pré-determinados, esboçando interesses e desejos diferentes. Os fiéis da AD não estão excluídos dessa perspectiva. São detectados pormenores numa “arte de fazer” implicitamente carregada de “táticas” sutis que remetem a diferentes maneiras de vivenciar a doutrina e os costumes.²³³ As formulações doutrinárias propaladas pelo corpo dirigente tencionaram formar adeptos que se moldassem perfeitamente ao cumprimento de determinadas regras comportamentais. Mas a correspondência que esses sujeitos vão efetuar aí depende de muitas facetas no processo de significação.

²³¹ RENOVATO, Edinaldo. **Lições Bíblicas (jovens e adultos)**. Terceiro trimestre, Rio de Janeiro: CPAD, 2002. pp. 01-64. p.03.

²³² MACHADO, Maria das Dores Campos. Op.cit., p. 28.

²³³ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 2ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 97.

A AD, inserida em uma contemporaneidade tão plural como a nossa não poderia ficar imune. O caráter complexo que adquiriu o seu rebanho de fiéis provocou uma nova tomada de postura. Observamos embates entre os que queriam manter a antiga ordem, e aqueles que propuseram uma vivência menos radical dos costumes e tradições da igreja. Já citamos anteriormente fragmentos de artigos publicados no *Jornal Mensageiro da Paz* onde os autores expressaram a necessidade da AD voltar às origens e conservar seus padrões de identificação que outrora eram bem definidos (principalmente na aparência). Mas idéias mais liberais também ganharam espaço. A própria igreja já reconhecia que não existiam mais vozes puras, começando pelo seu grupo de líderes:

A igreja não pode ficar engessada por um sistema ‘sacralizado’ que funcionou em tempos passados, mas que no presente se mostra obsoleto, arcaico, e que tem servido muitas vezes como barreira para se chegar a Cristo. Precisamos reconhecer que muitos ensinamentos até então considerados como ‘imutáveis’ para uma espiritualidade sadia, na prática não funcionam e servem até como antídoto, levando o cristão a uma vida amargurada, repressiva e derrotada.

(...) Uma igreja fechada para mudanças ficará superada no tempo e no espaço, continuará andando a pé, enquanto satanás continuará usando de todos os recursos que se apresentarem para enganar, roubar, matar e destruir o homem, coroa da criação.²³⁴

Um outro autor, falando sobre o conceito de vaidade na igreja, relativizou as identificações externas no uso da roupa e corte de cabelo, por exemplo, que em outros tempos as mulheres assembleianas eram “obrigadas” a seguir:

Como vimos, ser vaidoso na Bíblia significa ser falso, idólatra ou inútil e nunca ser cuidadoso com a beleza.

(...) Quanto ao fato de andar limpo, bem arrumado, cheiroso, com roupas adequadas desde que decentes, nada tem a ver com vaidade. Antes, é um cuidado com o corpo que é templo do Espírito Santo.

As mulheres têm sido alvo de perseguição nesse aspecto, enquanto os homens podem usar ternos caros e gravatas requintadas. Para os machistas não é conceituável que a mulher esteja por cima, já que a beleza lhe proporciona este status, por se tratar de atração, algo que chama atenção, portanto superior. Eu fico com a Bíblia e suas recomendações de que não devemos atar fardos pesados nos ombros dos crentes.²³⁵

Na década de noventa foi proeminente a atuação de posições discordantes entre si sobre a efetiva obediência ao arcabouço de costumes e tradições da AD. No início da década

²³⁴ FRANCISCO, Pr Valdemir José. A Igreja e o tempo presente. *Jornal Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, n. 1282, p.03, nov./1993.

²³⁵ JESIEL, Pr Padilha. O que é vaidade? *Jornal Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, n.º.1349, p.11, jun./1999.

em questão, a CGADB tinha como uma das principais discussões em pauta a questão dos usos e costumes na AD. Em 1994, num encontro de líderes da igreja (ELAD), a não observância dos padrões tradicionais assembleianos de identidade foi colocada pela maioria como a causa do não crescimento da AD como acontecia em décadas passadas. O presidente da CGADB da época advertia quanto à emergencial conservação dos bons costumes e o não uso da televisão pelos assembleinos, entre outros assuntos.²³⁶ Já alguns anos depois, o então presidente da CGADB expressou uma opinião já menos radical. Questionado sobre o que estava mudando na AD brasileira, Wellington respondeu:

Como tudo é evolutivo e tudo está se modernizando, é bem verdade que essa influência chegou à igreja. . Só que nós, os mais velhos, procuramos manter a igreja estável na parte espiritual, não admitindo qualquer mudança na parte doutrinária.(...) A igreja está mudando no aspecto social, mas no espiritual permanece a mesma.²³⁷

A estilização de uma identidade assembleiana mostrou-se um processo complexo e de difícil controle para os líderes da igreja. Eles estavam cientes das limitações que enfrentavam para manter uma homogeneidade identitária entre os fiéis da AD, além dos desafios que a sociedade pós-moderna oferecia para a manutenção de uma unidade.

A IURD, ou o Neopentecostalismo em geral, vieram para quebrar de forma mais chocante aqueles modelos estéticos de santidade outrora imediatamente associados aos “crentes”. A IURD é uma bela representante desse novo comportamento entre os pentecostais.

Levando-se em conta aspectos teológicos que visavam regradar uma conduta comportamental, AD e IURD não tiveram grandes diferenças nas suas posições. O aspecto estético realmente foi (e ainda o é) um dos que mais distanciou as duas igrejas. Segundo Freston:

Quanto à ética comportamental, a receita Universal de vida redimida diverge da pentecostal tradicional em apenas dois aspectos: em áreas como vestuário e embelezamento feminino as expectativas são mais liberais; e em nenhuma outra área há controles disciplinares. Trabalhando com um conceito de *camadas* (mero assistente, membro, obreiro, pastor), abandonando a tradição pentecostal de usar um código de vestimenta como porteira da comunidade e abrindo mão dos controles disciplinares, a IURD atrai para seus cultos um tipo humano que não se vê na AD.²³⁸

²³⁶ COUTO, Jeremias. Caminhos da Assembléia de Deus na primeira metade dos anos 90. **Revista Obreiro**, Rio de Janeiro, n. 71, p.33. 1996

²³⁷ **Revista Obreiro**. Rio de Janeiro, Encarte Especial – entrevista com José Wellington Bezerra da Costa. p. 3. 1998.

²³⁸ FRESTON, Paul. Uma breve história do pentecostalismo brasileiro. In: **Nem anjos, nem demônios: Interpretações sociológicas do Pentecostalismo**. 2ed, Petrópolis: Vozes, 1996. p.137.

Essa afirmação vem ao encontro daqueles embates que observamos na AD e o que encontramos entre as publicações irudianas em relação aos sinais externos indicadores de uma santidade pentecostal.

Quem vai a uma reunião iurdiana não encontra homens impecavelmente vestidos de terno e gravata (com exceção dos pastores e obreiros) com a Bíblia nas mãos. Muito menos, mulheres com cabelos longos, sem maquiagem, e usando saias. A liberalização das tradições legalistas dos pentecostais clássicos principalmente, é a marca da IURD. Em um artigo da Folha Universal essa questão foi colocada da seguinte maneira:

Alguns anos atrás o crente em Cristo Jesus era caracterizado apenas pelos ternos escuros e pela Bíblia debaixo do braço. No caso da mulheres, a imagem pintada era a daquela irmã de coque na cabeça, saia longa e mangas de camisa compridas. Esse visual era o que simbolizava os evangélicos. O tempo passou a linguagem do simbolismo transformou-se. Hoje o conteúdo é o que importa. Identificar um cristão apenas pela roupa não é mais possível.²³⁹

Os interditos que visavam uma aparência denunciadora de santidade pentecostal eram direcionados especialmente para as mulheres. Na IURD, uma revista é dedicada a elas.²⁴⁰ Nela encontramos dicas de beleza e moda para as fiéis iurdianas. Entre os intelectuais notamos um esforço em quebrar com aquela imagem tradicional do “crente”. Edir Macedo, quando falou da “ vaidade ” feminina deixou bem explícita a visão que passava à igreja:

Não há absolutamente nada de errado quando a mulher se maquia, arruma o cabelo com adereços, corta, pinta, enfim, faz tudo o que acredita ser o melhor para ter uma aparência bonita. Aliás, é dever de toda mulher, especialmente se ela é de Deus, procurar ter a melhor aparência possível para se apresentar na igreja ou em qualquer outro lugar.²⁴¹

Quanto à vestimenta masculina, não encontramos nada. Se por um lado as inovações aconteceram, a mulher continuou sendo alvo de certas recomendações ainda. A liberalização daqueles costumes antigos foi positiva, mas não sem nenhum tipo de admoestação. Alguns escritores chamaram a atenção para o fato do cuidado que as mulheres deveriam ter em vestirem-se e maquiarem-se com discrição e modéstia para não chamarem a atenção para a sensualidade do corpo. Para Edir Macedo: “A vestimenta sensual e exótica é condenável pela Palavra de Deus, uma vez que ele excede o bem-senso, além de expor um caráter totalmente

²³⁹ Linguagem e Evangelização. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.310, p.6-B, março/1998.

²⁴⁰ Revista **Ester** (Ester é o nome da mulher do Bp Edir Macedo).

²⁴¹ MACEDO, Edir. **O perfil da mulher de Deus**. Série Perfil, Rio de Janeiro: Universal, 2000. p.37.

ao inverso de Deus.”²⁴² Mais a frente o mesmo autor e principal componente teológico da IURD comparou a mulher que se vestia de forma sensual como portadora de um “espírito demoníaco chamado de pomba-gira.”²⁴³ No principal jornal da denominação encontramos as seguintes indicações:

A maioria das mulheres não consegue ficar fora da moda. Nem mesmo as evangélicas escapam das tendências que mudam a cada estação. No entanto, é preciso muita cautela e vigilância na hora de escolher o ‘modelito’, principalmente no que diz respeito ao comprimento. Minissaias, tops, shortinhos estilo Carla Perez ou microvestidos, não combinam com perfil de uma mulher cristã.

Há quem discorde dessa opinião e ache bobagem se preocupar tanto com a aparência. Segundo o pessoal do ‘não tem nada a ver’, o que vale é o coração. É verdade, Jesus olha para o interior, mas o homem não tem essa capacidade divina, e o que ele vai julgar é o exterior mesmo... O papel da mulher que segue a Deus não é o de servir de tentação.²⁴⁴

A IURD mostrou-se bem mais flexível quando o assunto foi estética pentecostal. Aliás o termo flexibilidade é palavra de ordem no Neopentecostalismo. Já a AD, como já exposto anteriormente, não ficou imune a inovações nos padrões de vestimenta, mas ainda é uma das mais conservadoras em relação ao assunto²⁴⁵.

As mulheres aqui ganharam destaque nas discussões realizadas entre assembleianos e iurdianos. Foram vistas como uma parcela de fiéis que precisavam de determinados “conselhos” para comportarem-se na igreja e na sociedade quando o assunto foi boa aparência cristã. Se aí elas tiveram um lugar privilegiado, cabe perguntarmos que posição ocupavam na dinâmica das duas denominações, e, principalmente, qual o entendimento que AD e IURD repassaram aos fiéis acerca do papel da mulher nos seus materiais de divulgação impressos.

3.2 - Do papel da mulher

Não quero iniciar aqui uma discussão muito aprofundada sobre gênero, porque esta ainda não é a minha especialidade. Quero debater apenas a visão que circulou na esfera “intelectualizada” das duas denominações acerca do sujeito feminino. Visão essa que era colocada como modelo por tratar-se de uma visão expressa por escritores renomados e que tinham espaço nas principais publicações das duas igrejas.

O entendimento que intelectuais da AD e IURD propagaram sobre o “lugar” da mulher na sociedade e na igreja não diferiram em muitos campos. Ambas mostraram-se

²⁴² Idem, p.38.

²⁴³ Idem.

²⁴⁴ Sobriedade e discrição não saem da moda. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.323, p.8-A, jun./1998.

²⁴⁵ MARIANO, Ricardo. Op.cit., p.205.

restritivas a uma participação ministerial mais efetiva das mulheres nos cargos mais importantes da hierarquia administrativa das duas igrejas (pastorado, bispado).

Iniciaremos falando da IURD, que, à primeira vista, pareceu menos fechada nesse quesito pelo fato de termos notícia da ordenação de algumas pastoras iurdianas.²⁴⁶ Apenas num primeiro momento, porque o espaço que foi delegado às mulheres não mostrou grandes inovações além da presença de algumas pastoras iurdianas.

Macedo escreveu sobre o perfil que uma “mulher de Deus” deveria apresentar, chamando a atenção para que, se a mulher não seguisse os apontamentos bíblicos adotados pela igreja, esta poderia ser usada pelo Diabo, figura timbrada na IURD.²⁴⁷ Além de Macedo, alguns outros artigos foram escolhidos para confirmar a posição da igreja em relação à mulher.

O discurso que encontramos foi aquele que imputou ao sexo feminino um lugar de submissão e de co-ajudadora dos homens na cotidianidade e nas atividades da igreja. Utilizando passagens bíblicas, os autores legitimavam aquelas atribuições indissociáveis da personalidade feminina segundo uma vontade divina para a humanidade:

(...)* O casamento é considerado com leviandade por muitos, sendo até mesmo objeto de zombaria. Sua origem divina, seu propósito maior e suas possibilidades para o bem ou para o mal são menosprezados. O casamento é relatado nas escrituras com símbolo da relação existente entre Deus e o seu povo. Rm 7:1-4, Hb 13:4, 2Co 11:2, Os 2:19-20.

***Quanto tempo deve o casamento durar?** Rm 7:2, 1Co 7:39

***Como a esposa deve considerar o marido?** Ef 5:22,23

***E como deve o marido considerar a esposa?** Ef 5:25-23

***Por que deve a esposa se sujeitar ao marido?** 1Pe 3:1.²⁴⁸

Em seu livro sobre o perfil da mulher, Macedo justifica a submissão feminina como sendo parte de um ato de amor. Mesmo se o marido de uma iurdiana não fosse “convertido”, a sujeição à vontade masculina continuaria prevalecendo:

²⁴⁶ Segundo Campos, a prática de ordenar pastoras na IURD foi um fenômeno que, a partir de determinado momento da história da IURD, deixou de ser praticado. A igreja tornou-se um empreendimento dirigido por homens. Baseado em Weber (1991:333), o autor encontrou no desenvolvimento do cristianismo uma oposição. Entre os cristãos primitivos a relação homem-mulher na dinâmica religiosa era mais igualitária. “Entretanto, logo a seguir, com a cotidianização e regulamentação das relações congregacionais, tomam-se sempre atitudes contra os fenômenos inspiracionais, considerados contrários à ordem e mórbidos nas mulheres.” A partir desse momento a atuação da mulher no cenário religioso foi muito mais relativizada. Esse seria a condição da IURD. Campos citou a frase de uma pastora muito emblemática dessa realidade: “ ‘A IURD cresceu muito, deu oportunidade a muitos homens e o trabalho da mulher ficou atrofiado.’ ” Ver: Campos, Leonildo Silveira. Op.cit., pp. 450-451.

²⁴⁷ MACEDO, Edir. Op.cit.

²⁴⁸ Família, bênção de Deus. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.7, p.02, maio/1992.

No reino desse mundo, a palavra submissão significa servidão. Os mais fracos são obrigados a se submeter aos mais fortes. No Reino de Deus, no entanto, submissão significa grande prazer em servir pelo amor...

(...) Aí está o grande valor da mulher de Deus: ela se submete ao seu marido movida pelo Espírito do amor que há dentro dela, pois esse amor não é seu, mas vem de Deus, para ser transferido aos demais, especialmente ao seu marido, que é parte do seu corpo.

Quando a mulher é de Deus e seu marido não é cristão, mesmo assim ela deve se submeter a ele por amor, e não porque seja obrigada ou por estar escrito na Bíblia.²⁴⁹

A mulher do Bispo Macedo, Ester R. Bezerra, escrevendo para a Folha Universal, exaltou a função aglutinadora da mulher na manutenção das relações familiares quando colocou que: “(...) a incumbência do lar cabe à mulher sábia; ela sustenta sua casa com orações e jejuns, permitindo que tudo corra bem com a família. Paciência e determinação são a base da sabedoria que Deus lhe dá através do Espírito Santo.”²⁵⁰ As mulheres foram conferidos espaços de atuação mais centrados na casa e na família. Não que os intelectuais não aprovassem o sucesso profissional e político das mulheres, por exemplo, mas o que nos interessa aqui é observar a seguinte questão. Os pensadores da igreja atribuíram importância à mulher naquelas áreas, digamos, mais domésticas. Já a aprovação do pastorado ou do bispado feminino para gerir templos e fiéis não foi apreendida como algo positivo. Permaneceram alguns estereótipos na cultura neopentecostal, ainda que com algumas conquistas da ala feminina como a existência de pastoras iurdianas.

Na introdução de seu livro a respeito da mulher, Macedo já admitiu que não era muito comum ver as mulheres no púlpito da sua igreja. E completou dizendo: “Não creio no ministério de um homem solitário.”²⁵¹ Daí já vislumbramos um primeiro indício, vindo da autoridade máxima da IURD, de que a mulher não tinha oportunidades reais para exercer um alto posto na hierarquia da referida denominação, apesar de nomearem algumas pastoras.

Recorrendo novamente aos escritos de Macedo, nos deparamos com um material produzido a respeito do perfil masculino da igreja. Mais especificamente falando dos pastores da igreja e suas esposas, o Bispo colocou com clareza o lugar em que elas deveriam recolher-se:

Muito embora o homem de Deus para realizar a Sua obra, o mesmo já não acontece com a sua esposa. A esposa do homem de Deus não tem a mesma autoridade do seu marido – embora ele tenha recebido o óleo sobre a sua

²⁴⁹ MACEDO, Edir. Op.cit., p.40.

²⁵⁰ BEZERRA, Ester R. A mulher sábia. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.9, p.07, maio/1992.

²⁵¹ MACEDO, Edir. Op.cit., p.09.

cabeça -, a não ser sobre os seus filhos e sua casa. A sua função específica é para que o marido tenha uma auxiliar unguida, no mesmo espírito dele.²⁵²

Quando o assunto foi a atuação dos pastores nas igrejas, a figura masculina foi o único referencial: “Na igreja existem o pastor e as ovelhas... O pastor simboliza o homem que ofereceu sua vida integralmente a Deus...O único direito é não ter direito a nada, pois se lançou para a seara de Deus e colocou-se à sua disposição. O homem de Deus deve possuir essa característica.”²⁵³ Podemos inferir que, apesar da menor carga de legalismos sobre as mulheres e a atuação de algumas pastoras iurdianas pelo país (eventos sempre problemáticos para o pentecostalismo clássico e conservador da AD), a IURD não trouxe grandes mudanças no mando masculino da administração eclesiástica. Nesse ponto ela não se revelou uma igreja tão “pós-moderna” assim.

A AD nesse sentido é bem mais conservadora. O pastorado feminino inexistia ainda hoje. Na introdução citamos o caso de uma mulher dirigente de congregação no Rio de Janeiro. No entanto, não encontramos referência alguma a evangelistas ou pastoras.

Basicamente, as idéias dos intelectuais assembleianos não se distanciaram da visão de mulher auxiliadora e submissa ao marido, além de mantenedora da paz no lar. Em um ou outro caso observamos uma posição que defendia a abertura à atividade feminina no corpo de obreiros das igrejas (auxiliar, diácono, presbítero).

Usando a máxima do livro bíblico de Gênesis, citado também por Macedo, um autor descrevia o intento divino para com o ser feminino depois de ter criado o primeiro homem:

‘Far-lhe-ei uma adjutora’, Gn 2.18.

A mulher tornou-se então o apoio, o auxílio, a companhia do homem, produzindo nele uma nova motivação e inculcando nele uma nova perspectiva de vida. Isto tudo e mais o seu esforço, a sua coragem, a sua determinação calaram forte no agrado do homem, pelo que ele exclamou: ‘Esta é agora carne da minha carne e osso dos meus ossos. Esta será chamada a varoa desde que do varão foi tomada.’²⁵⁴

Dessa concepção da mulher como um sujeito auxiliador de outro que detém um poder maior, a submissão também foi colocada como objetivo de vida para a mulher cristã. Vale lembrar aqui que a palavra submissão para intelectuais iurdianos e assembleianos não remeteu ao homem o papel de opressor. O homem deveria amar a sua mulher como Cristo amava a Igreja, da qual era seu “cabeça”. Novamente entre os escritores assembleianos encontramos

²⁵² MACEDO, Edir. **O perfil do homem de Deus**, Série Perfil, Rio de Janeiro: Universal, 2001. p.77.

²⁵³ SUHET, Bp Renato. O pastor e a ovelha. **Jornal Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.28, p.04, out./1992.

²⁵⁴ VAZ, Miguel. Mulheres necessárias. **Jornal Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p.02, nov./1991.

aquela interpretação da submissão feminina como algo natural, divino, logo, sem qualquer conotação machista:

Há quem entenda ser a submissão um princípio incondicional, ilimitado, inquestionável; não parece justo que diante de agressões, violência, escárnio e insulto que venham coisificar a mulher, anulando-a como pessoa humana, seja ela obrigada a manter a submissão. Tal pensamento é um verdadeiro desrespeito ao princípio norteador do seu papel de coadjutora, ditado por Deus (Gn 2.18).

A submissão não é um dado cultural, mas supracultural...

(...)O Livro Sagrado permanece intocável. Por isso, a submissão da mulher é mandamento divino que deve ser seguido.²⁵⁵

Até aqui nada de diferente da IURD. Mas, se nesta igreja encontramos a presença, ainda que pequena, de pastoras, na AD não obtivemos qualquer notícia nesse aspecto. Embora as pastoras iurdianas não exerçam o seu pastorado guiando algum rebanho de fiéis, isso já significou um passo na busca feminina em ocupar espaços na liderança com grande maioria masculina.

Entre os intelectuais assembleianos a idéia de valorização da mulher apareceu seguindo as tendências de emancipação feminina no espaço público. Mas quando o assunto foi alongar as fronteiras dessa valorização para o corpo de evangelistas e pastores principalmente, da igreja, muitas ressalvas foram colocadas.

No primeiro capítulo desse trabalho citamos em uma nota a figura de uma mulher que era dirigente de uma congregação em um dos ministérios da AD²⁵⁶. Antonieta Rosa, em uma entrevista para a revista *Obreiro*, expressou seu descontentamento com as poucas chances que a AD dava as mulheres para as atividades de liderança na igreja. Perguntada se na AD existia discriminação contra as mulheres, Antonieta respondeu:

Normalmente, como se apresenta a mulher do obreiro? A esposa do pastor fulano... Mas nem o nome dela é citado. Acho que dentro disso há uma discriminação. Outra coisa: a mulher não pode sentar na plataforma em quase todas as AD's. Felizmente não são todas. A não ser por um convite especial para pregar. Fica realmente discriminada. A oportunidade que é dada normalmente é limitada e, às vezes, cortada. Por que a nossa denominação não separa diaconisas, não faz missionárias e não prepara obreiras? Claro que isso não seria feito de qualquer maneira, mas dentro de um propósito e dentro dos valores cristãos.²⁵⁷

²⁵⁵ APOLINÁRIO, Abner. A submissão da esposa. *Jornal Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, p.67, junho/2000.

²⁵⁶ Obreiros são todos aqueles que detêm algum título na hierarquia da igreja. Para alguém chegar a ser dirigente de uma congregação, ele precisa ser presbítero na escala administrativa da AD. Notamos que, apesar de comandar uma congregação, Antonieta não possuía o título de Presbítero, era somente uma obreira.

²⁵⁷ Encarte Especial. Revista *Obreiro*, Rio de Janeiro, p.26, fev./1998.

Essa última frase da citação nos dá indícios da prerrogativa que comandou as falas quando houve uma abertura à presença feminina. Quando uma participação mais efetiva da mulher foi defendida, o choque com aquela interpretação bíblica do homem como líder por mandamento divino, sempre acontecia.

Encontramos um autor que escreveu para o Mensageiro da Paz²⁵⁸ e para a revista Obreiro²⁵⁹ sobre o tema mulher (Fernando Grangeiro de Menezes). Ele opinou de uma forma bastante favorável ao ministério feminino na igreja, demonstrando ser um dos mais liberais nesse sentido. Inclusive na cidade onde era pastor presidente em 1997, Boa Vista (Roraima), algumas mulheres também dirigiam congregações de grande porte. Apesar disso, esse autor também destacou que não estava defendendo, naquele momento, a consagração de mulheres ao pastorado:

Porém, o que o nosso comentário contesta, é a indignidade da discriminação sofrida pela mulher no exercício de seu potencial como obreira. Indignidade que tem, às vezes, se tornado maligna. Não! Não estamos defendendo separação de pastoras, mas uma atuação efetiva e bíblica da mulher, ocupando seu espaço num evangelismo agressivo e utilizando todo o seu potencial espiritual, quase sempre ignorado.²⁶⁰

A posição desse autor foi muito interessante. Entre todos os que tivemos contato, esse foi o que mais chamou atenção pela utilização que fez das mulheres em seu campo de trabalho.

Podemos notar, ainda que de modo muito sensível, uma maior relativização do monopólio masculino na liderança pentecostal da AD. Machado, escrevendo sobre a participação da mulher na mídia pentecostal não deixou de assinalar uma maior abertura da AD em discutir a questão feminina nos postos importantes de gerência da igreja:

Sem dúvida alguma trata-se do início de um processo importante que requer uma revisão na relação da Mulher com o sagrado e, portanto, de seu lugar na hierarquia religiosa. Esse debate no interior da igreja já existe e começa a se tornar público através dos seus veículos de comunicação. Registramos uma matéria na imprensa confrontando abertamente as posições de dois pastores sobre a liderança feminina nesta igreja. Enquanto o Pastor Israel Sodré escreve contra o exercício feminino dos ministérios pastoral e presbiteral, argumentando que “não havia mulheres entre os 70 discípulos”, o Pastor Fernando Grangeiro defende o melhor aproveitamento das fiéis lembrando que

²⁵⁸ MENEZES, Fernando Grangeiro de. Pela valorização da mulher cristã. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1288, p.18, jul./1994.

²⁵⁹ _____. Qual o lugar das mulheres na obra de Deus? Revista **Obreiro**, Rio de Janeiro, n.01, pp. 98-102, jan./1997.

²⁶⁰ _____. Pela valorização da mulher cristã. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1288, p.18, julho/1994.

‘ sete entre 10 missionários que hoje estão no campo são mulheres. Por isso, é hora de agir dentro de um quadro realista. Importa é que elas sejam santas e lavadas pelo sangue de Jesus. Ou aceitamos os fatos bíblicos que registram feitos de verdadeiras heroínas da fé em Deus ou perdemos a oportunidade do Senhor em usar mulheres santas, como acontece em nosso meio.’ (Seara, ano 40, n.1, dezembro de 1996, p. 48)²⁶¹

Traçando aproximações e distanciamentos entre autores de AD e IURD, por mais estranho que pareça, observamos na IURD uma produção discursiva que apresentou um nível um pouco mais acentuado de estereótipos sobre a mulher. Não estamos afirmando que os intelectuais iurdianos foram os ícones de machismo pentecostal, mas em algum momento suas falas apresentaram determinados apontamentos sobre a mulher que nos surpreenderam pela posição de vanguarda que a igreja reclama para si. Edir Macedo foi o principal autor. Quando falava sobre o comportamento do casal cristão com a compreensão de ambos do lugar que ocupavam, Macedo escreveu do ministério feminino no lar: “O ministério da mulher de Deus é cuidar do marido, dos filhos e da casa. Podemos conferi-lo nas Escrituras.”²⁶² Somando esses comentários, Macedo incluiu nas suas argumentações o exagero do uso das palavras pela mulher, que, na sua concepção bíblicamente fundamentada, deveria “ponderar” o seu poder de comunicação:

Poucos conhecem o poder da palavra, menos ainda daquela que sai da boca de uma mulher. É verdade que a palavra de uma mulher tem muita força quando é dirigida para um homem. Nesse caso, a coisa se torna muito séria. A Bíblia diz que a língua é como uma fagulha que põe em brasas uma grande selva. A palavra de uma mulher tem tanta influência que o diabo a usou para fazer o homem cair. Ela não precisa participar de movimento feminista para tentar impor os seus direitos, pois estes ela já os tem quando usa a sua língua.²⁶³

Quando falou do “perfil do homem de Deus”, Macedo dedicou um tópico a falar das atitudes que a companheira desse homem deveria apresentar:

‘ As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da Igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. Como, porém, a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido.’

Eu sei que muitas mulheres adorariam ver estes versos arrancados da Bíblia, pois não agüentam se submeter aos maridos; e são estas mesmas que, não suportando a obrigação de terem que se submeter, procuram extravasar a índole autoritária dentro da igreja onde o marido é o responsável.

²⁶¹ MACHADO, Maria das Dores Campos. **S.O.S. Mulher – a identidade feminina na mídia pentecostal**. Trabalho apresentado na mesa redonda MR11 "Mulher, gênero e poder religioso". VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, São Paulo, 22 a 25 de setembro de 1998. p.17

²⁶² MACEDO, Edir. **O perfil da mulher de Deus**. Série Perfil, Rio de Janeiro: Universal, 2000. p. 57.

²⁶³ Idem, p.43.

(...) A intenção de Paulo ao dizer que não permitia que a mulher falasse na igreja é justamente por essa razão! Ele bem que conhecia a índole da mulher, e o perigo de fracasso para o homem que se deixa influenciar pela autoridade de sua mulher nesse aspecto de liderança na obra de Deus, e em muitos outros aspectos.²⁶⁴

De uma forma bem própria e incisiva, Macedo deixou bem claro o pensamento que nutria a respeito do papel da mulher de um homem que dirigisse uma de suas igrejas.

Quando o assunto foi a mulher, AD e IURD expressaram opiniões que, de maneira geral, não foram muito conflitantes entre si. No assunto que trataremos a seguir, ambas não tiveram nenhum ponto de discórdia quando emitiram suas impressões a respeito da mídia.

3.3 - Da mídia

Aqui iremos tratar da visão que AD e IURD compartilharam dos meios de comunicação, a mídia em geral, que tantas vezes tratou os pentecostais de forma pejorativa.

Em relação à IURD já é conhecida a grande utilização que essa igreja fez, e ainda o faz, da comunicação, possuindo, inclusive, uma emissora de alcance nacional e internacional como a Rede Record de televisão.

Na opinião dos intelectuais iurdianos, a imprensa gerida por pessoas do “mundo” foi um ambiente profícuo para a atuação maligna:

Os meios de comunicação e a televisão, principalmente, trazem uma contaminação. Não é pecado ver televisão ou ler um jornal, mas a verdade é que as notícias que esse mundo apresenta para nós, trazem medo, uma incerteza, a dúvida e, conseqüentemente, a falta de fé. As palavras trazidas a nós pelos veículos de comunicação, são totalmente contrárias à palavra de Deus...

As novelas e os modismos também exercem uma influência negativa nas pessoas. A prostituição, o homossexualismo, as drogas, são moda para este mundo.

(...) Se vivemos em um mundo que possui conceitos invertidos, a pessoa que deixa-se guiar por ela, torna-se um fantoche. O diabo conseguiu distorcer o conceito do bem e do mal de uma forma tal que a pessoa se diz livre sendo escrava.²⁶⁵

Seguindo a máxima de luta contra o mal, a imprensa, principalmente a televisiva, foi colocada sob a égide da demonização. Percebe-se na fala anteriormente citada o destaque para as TV's. Isso não ocorreu de forma gratuita. No capítulo I desse trabalho traçamos um breve histórico da IURD. Nele pudemos observar os embates que essa igreja teve com a imprensa

²⁶⁴ MACEDO, Edir. **O perfil do homem de Deus**, Série Perfil, Rio de Janeiro: Universal, 2001. pp. 78-79.

²⁶⁵ SUHETT, Bp Renato. Inversão de valores. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.35, p.04, nov./1992.

em geral depois da compra da Record. A IURD e Macedo foram alvos de críticas que colocaram em dúvida, principalmente, os métodos que propiciavam à igreja sua rápida expansão, além da sua presença tão acentuada na mídia, entre outras questões. Mas, em especial, a Rede Globo foi uma das que mais atacaram a IURD. Campos, falando sobre a importância que teve a aquisição da Record pela igreja e as consequências dessa novidade no contexto midiático nacional, colocou que:

Os conflitos posteriores entre a Record e a Rede Globo de Televisão, e a enorme quantidade de críticas a essa Igreja apresentada pela imprensa nos últimos anos, somente confirmam a importância daquela compra. Isto porque, pela primeira vez no Brasil, um grupo religioso, então considerado ‘marginal’ pela religiosidade oficial (protestante ou católica), passou a deter o controle de tão importantes meios de comunicação social.²⁶⁶

Dentre as principais investidas da Rede global podemos citar a minissérie *Decadência*, o exaustivo trabalho de divulgação e discussão em torno do episódio do “chute na santa”, e a divulgação de vídeos com declarações comprometedoras de Macedo sobre os métodos de arrecadação da Igreja.²⁶⁷ *Decadência* foi ao ar em 1995. Essa minissérie tinha como personagem principal um pastor, interpretado pelo ator Edson Celulari, que apresentava trejeitos particulares aos pastores da IURD, principalmente traços que o aproximava da figura de Edir Macedo. Em outubro do mesmo ano, durante o feriado de Nossa Senhora da Aparecida, um Bispo da Universal, criticando a “idolatria” que praticava a Igreja Católica as imagens dos santos tocou com os punhos e os pés uma imagem da padroeira do Brasil. A Globo interpretou os gestos como chutes e socos, e repetiu inúmeras vezes as imagens daquele episódio em seus telejornais. Em 22 de dezembro, vem a público uma fita cedida por um ex-Bispo da IURD e desafeto de Macedo, Carlos Magno de Miranda, onde o líder da igreja aparecia em situações comprometedoras. Entre elas ele deu “dicas” de como arrecadar recursos dos fiéis: “Para lubrificar sua ‘máquina registradora’, entre outras pérolas, Macedo dizia a seus subalternos: ‘Você tem que chegar e se impor. (...) Você nunca pode ter vergonha. Peça, peça, peça. Quem quiser dá, quem não quiser não dá. (...) Ou dá ou desce.’”²⁶⁸

Esses eventos provocaram uma reação da IURD, que a todo momento tecia críticas à Rede Globo e seu império de comunicação. Em uma delas a igreja rebatia indagações da Globo sobre o dinheiro captado pela igreja através dos fiéis:

²⁶⁶ CAMPOS, Leonildo Silveira. O Marketing e as estratégias de comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus. Revista *Estudos de Religião*, São Paulo, n.15, p.21, dez./1998.

²⁶⁷ MARIANO, Ricardo. Op.cit., pp.81-90.

²⁶⁸ Idem, p.86.

Mais uma vez a Rede Globo lança seus tentáculos contra a Igreja Universal do Reino de Deus, batendo forte na questão das ofertas. Afinal, qual é a igreja, instituição religiosa, filantrópica, de assistência social, beneficente, etc., que não faz o seu trabalho por intermédio da contribuição financeira de terceiros?

(...) Por outro lado fica o consolo de saber que quem fala mal do outro com o propósito de difamar, revela temores, preocupações, inveja ou ódio que carregam em si motivos ocultos, sempre disfarçados, muito bem arraigados, ou será que alguém neste país acredita que ao difamar a Igreja Universal, a Rede Globo estaria lutando em prol da defesa da moral, dos bons costumes, dos carentes e oprimidos, da verdade e da justiça? Ah, bem!²⁶⁹

Um livreto foi escrito por um dos principais articuladores da IURD, Bispo Carlos Rodrigues, sobre a relação da igreja com a mídia.²⁷⁰ A Rede Globo é a que mais marca presença na discussão do autor. Citaremos apenas um dos vários comentários sobre aquela emissora de TV: “Os padrões morais e dignidade estão sendo cada vez mais desvalorizados pela Globo, que faz abertamente apologia ao homossexualismo, ao adultério, à luxúria, entre outras coisas.”²⁷¹ Dado o devido destaque à Globo como sendo uma das principais rivais no campo “ideológico” e televisivo, a imprensa em geral, voltamos a lembrar, foi entendida pelos intelectuais como fazendo parte das coisas do “mundo”. Não foi proibido aos fiéis prestigiar a TV, mas eles viram na maioria das programações indícios da presença demoníaca.

A AD não diferiu do pensamento da IURD em relação à mídia, considerando-a também como espaço propenso à atuação demoníaca. É interessante ressaltar que a ênfase dada pela IURD na questão de demonizar a imprensa foi mais freqüente.

A relação da AD com os meios de comunicação sempre foi problemática no sentido de terem existido, no passado, muitas medidas proibitivas na utilização dos meios de comunicação. Até pouco tempo atrás as lideranças ainda discutiam sobre a legitimidade ou não da permanência da proibição da televisão dentro das casas dos assembleianos.²⁷² Ela fazia parte do grupo de interditos doutrinários da AD por estar incluída no “mundo”, por acreditarem que suas atrações repassavam valores contrários ao que uma boa ética bíblica recomendaria. Atualmente não encontramos no estatuto da AD restrições quanto à TV.

²⁶⁹ Maledicência. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.176, p.02, ago./1995.

²⁷⁰ RODRIGUES, Bp Carlos. **A Igreja e a mídia**. Rio de Janeiro: Universal, 1999. 47p.

²⁷¹ Idem, p.22.

²⁷² Em uma das edições da revista **Obreiro** de 1995, destacava-se uma reunião de líderes da AD onde o assunto “uso da televisão” foi discutido na pauta sobre os costumes assembleianos. As opiniões dividiram-se. A busca pelo equilíbrio nesse momento era problemática. Uma das sugestões apontava para o relançamento da “Resolução de Santo André”, um documento aprovado pela CGADB em 1975, que reafirmava as doutrinas e costumes da AD, entre eles a proibição ao uso da TV.

Doutrinas e costumes, a crise do equilíbrio. Revista **Obreiro**, Rio de Janeiro, n.65, p.31, 1995.

O meio de comunicação mais visado foi a televisão, como no caso da IURD. Na opinião expressa para o jornal oficial da denominação, as programações de TV foram julgadas como malélicas para a sociedade em geral segundo algumas justificativas:

(..)Alegam que as novelas e outros programas apenas refletem o meio ou a época, sem exercer sobre eles qualquer influência. Se a sociedade tivesse outro comportamento, dizem, a mídia refletiria outra realidade. Para estes o conteúdos dos programas televisivos teriam outra temática, com outros valores.

Isso é simplificar demais os fatos. É pintar com cores exageradas apenas um lado da verdade. É claro que os autores transpõem para a tela o que eles vêem e assimilam do cotidiano. Mas o fazem sem o mínimo pudor, com cenas grosseiras e pornográficas, além da linguagem vulgar, alimentando situações que subvertem totalmente os padrões de comportamento.

(...)Não há como negar em tudo isso a atuação das forças malignas. A demonologia, em suas mais variadas acepções religiosas, ganha espaço na mídia e adentra os lares sem a menor cerimônia, com toda a carga espiritual que isto implica.²⁷³

Essa citação foi uma das poucas onde observamos a presença da figura demoníaca relacionada à imprensa. Outros autores falaram da falta de conhecimento que a imprensa tinha em relação aos “crentes” quando estes eram motivo de reportagem. Um deles reclamava a titulação “igreja” utilizada na imprensa como muito generalizante, não reconhecendo as diferenças históricas das igrejas. Em outro ponto a imprensa foi criticada por não atentar para a diferença das práticas de reza e oração, esta última particular dos evangélicos.²⁷⁴ Uma imparcialidade da imprensa também foi cobrada por um dos autores assembleianos. Quando da prisão do Bispo Macedo, a opinião expressa sobre o jornalismo da Rede Globo foi a seguinte:

Pelo que se vê, generalizar parece ser o jeito que a emissora arrumou para comprometer a família evangélica brasileira. Quando do episódio do bispo Edir Macedo, a mesma rede de televisão procurou também generalizar. E generalizou tendenciosamente. Mudou o título ministerial do fundador da Igreja Universal do Reino de Deus. Começou a tratá-lo de pastor, numa tentativa de desmoralizar os ministros evangélicos brasileiros. Ora, se o homem é conhecido como bispo, por que não tratá-lo de Bispo? Ambos os títulos, bíblicamente, não se equivalem? Sim! Mas o grande público não faz esta distinção, nem tem a obrigação de fazê-lo.²⁷⁵

Observamos entre os intelectuais assembleianos uma postura menos agressiva em relação à defesa da integridade da igreja frente às críticas da imprensa:

²⁷³ A influência dos meios de comunicação. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1271, p.13, fev./1993.

²⁷⁴ MESQUITA, Pr Antônio Pereira. Modelos insensatos. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1352, p.07, dez./1999.

²⁷⁵ Por uma imprensa imparcial. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1266, p.07, set./1992.

Que ‘providências rigorosas’ deveremos então tomar? Certamente não serão aquelas que tomariam os não-evangélicos, partindo para desavença pessoal. Isso não condiz com a atitude de mansidão e humildade a que nos exorta Jesus (Mt 11.29).

Assim, além de orar, devemos escrever aos órgãos de imprensa sobre a notícia, divulgada de forma inexata, manifestando nossa desaprovação.²⁷⁶

Fora dessa relação de embate com os meios de comunicação, a AD tem despertado nos últimos anos para uma presença mais efetiva nos meios de comunicação, muito especialmente a televisão. As idéias contrárias ao uso da TV foram aos poucos sendo sufocadas pela quantidade crescente de outras igrejas ganhando espaço e obtendo resultados na mídia televisiva. Menezes escreveu sobre a falta de utilidade das discussões em torno da TV que na primeira metade dos anos noventa acirraram os ânimos das lideranças assembleianas: “Se analisarmos a enxurrada de problemas espirituais que forçam as portas da doutrina da igreja, descobriremos que as causas não estão na televisão e, sim, em outros aspectos da vida cristã.”²⁷⁷ A modernização das táticas de evangelização foi um dos temas preferidos em 1996. Um dos pastores assembleianos escreveu sobre os rumos que a igreja teria que saber traçar com a chegada do ano 2000. Entre eles estava a utilização mais inteligente dos meios de comunicação como porta para a evangelização: “Através de todos os meios de comunicação disponíveis, do carro de som à Internet, alcançaremos o nosso povo com a mensagem poderosa do evangelho.”²⁷⁸ O primeiro programa televisivo oficial da AD foi ao ar em 12 de outubro de 1996, pela extinta Rede Manchete, às 10hs45min.²⁷⁹ Presa aos antigos modelos de rejeição ao “mundo”, a AD, até certo ponto, teve seu crescimento prejudicado pela falta de inserção na mídia, que foi sendo conquistada pelos segmentos neopentecostais, mais “anteados” com as possibilidades dos meios de comunicação de massa.

3.4 - Do dinheiro e da prosperidade

No tópico anterior discorremos sobre a relação de AD e IURD com a mídia. A IURD ocupou espaços privilegiados nos noticiários. E qual foi o principal tema dessas notícias? Os meios pelos quais era efetuada a arrecadação de dinheiro. A questão “dinheiro” dentro das igrejas pentecostais despertou desde sempre desconfianças. Aí reside um dos pontos que vão

²⁷⁶ NASCIMENTO, Arioaldo Batista do. Providências contra a imprensa. Jornal **Messageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1328, p.07, dez./1997.

²⁷⁷ MENEZES, Pr Fernando Grangeiro de. Televisão: uma questão de sinceridade. Jornal **Messageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1291, p.18, nov./1994.

²⁷⁸ FERREIRA, Pr Israel Alves. Os desafios da Assembléia de Deus na virada do milênio. Jornal **Messageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1306, p.28, jan./1996.

²⁷⁹ Alcançando vidas através da TV. Jornal **Messageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1317, p.04, dez./1996

deixar mais claramente em lados opostos AD e IURD. Veremos que esta manifestou uma atitude menos inibidora na busca pelo sucesso financeiro de seus fiéis, e isso não se deu gratuitamente.

A IURD possui na sua estrutura de interpretação bíblica uma influência muito decisiva para a sua dinâmica: a Teologia da Prosperidade, marca do Neopentecostalismo.

Os pentecostais clássicos, como a AD, mantiveram durante um bom tempo aqueles estereótipos advindos da sua prática ascética em relação ao “mundo”. Aproveitar os prazeres mundanos não era o primeiro interesse já que a mensagem central era a espera por um lugar melhor de viver depois do advento da salvação e a ida para um paraíso celestial. Essa dinâmica religiosa favorecia a conversão de adeptos carentes, financeiramente falando: “desde o princípio o pentecostalismo atraiu sobretudo as camadas pobres e marginalizadas e sobre esta foi se difundindo.”²⁸⁰ Mas o nosso país passou por transformações que modernizaram a economia e as relações de trabalho. Aquela população pentecostal foi ascendendo socialmente e forçando as portas fechadas do pentecostalismo. Ela foi requerendo novas formas de viver a religiosidade dentro desse movimento. As igrejas fundadas a partir dos anos 70, representantes do Neopentecostalismo, vieram responder às expectativas daqueles crentes que, agora com maior poder aquisitivo, estavam desejosos por poderem participar daquelas atividades antes proibidas pelo tradicionalismo conservador do pentecostalismo clássico. A Teologia da Prosperidade foi uma das inovações. Segundo Mariano²⁸¹ ela surgiu nos E.U.A., em 1940, com o movimento da Confissão Positiva (uma dos nomes da Teologia da Prosperidade), de Kenneth Hagin. Apenas em 1970 constituiu-se em doutrina entre os grupos evangélicos carismáticos dos E.U.A. Nesse país ela é conhecida por *Health and Wealth Gospel* (Evangelho da Saúde e Riqueza).

Um televangelista, Oral Roberts, foi quem criou a idéia de “Vida abundante” e iniciou em suas pregações os ensinamentos da teologia da Prosperidade, mas apenas na década de 70 esse movimento doutrinário obteria uma maior projeção com Kenneth e Glória Copeland, também evangelistas.

A teologia da prosperidade é aquela linha teológica que, basicamente, propaga o seguinte: “Deus criou o mundo pela palavra e o cristão tem condições de trazer à existência bênçãos e prosperidade ao confessar a palavra em voz alta, com fé e ‘em nome de Jesus. Saúde perfeita, prosperidade material, triunfo sobre o Diabo e vitória sobre todo e qualquer

²⁸⁰ MARIANO, Ricardo. Op.cit., p.148.

²⁸¹ Idem, pp. 151-160.

sofrimento’ ...”²⁸² O fiel, por meio da fé, teria a possibilidade de apropriar-se de tudo o que já seria seu, sempre lutando contra os demônios que querem sonegar os benefícios herdados pelos homens segundo o que estaria prometido na Bíblia e pelo sacrifício expiatório de Jesus Cristo. Tomar posse do que é seu por direito – essa é a tônica da teologia da prosperidade. Doenças, pobreza, crises de relacionamento, entre outros transtornos, não seriam realidades que deveriam fazer parte da vida de um cristão que colocasse sua fé em ação. O Neopentecostalismo assimilou essa doutrina e fez dela o seu carro chefe, inclusive, obviamente, a IURD. Um dos Bispos da Universal escreveu sobre a legitimidade do crente em obter tudo o que desejasse: “Existem cristãos que ainda não conhecem o Deus que crêem. O salário desejado, a cura e outras bênçãos, Deus já deu, o problema é que a pessoa não tomou posse, pois se ela não consegue nem pensar que Deus pode dar, quanto mais se apossar da bênção.”²⁸³

Como já vimos anteriormente, a IURD foi uma das igrejas que mais abertamente propôs uma acomodação ao mundo. A adoção das práticas da teologia da prosperidade confirmou mais uma vez essa constatação. Em um dos artigos da Folha Universal foram explicadas as motivações que desencadeavam o sucesso financeiro dos fiéis iurdianos:

Tal qual a árvore boa que dá bons frutos, a Igreja Universal do Reino de Deus está cheia de testemunhos de prosperidade. De que maneira tantas pessoas conseguiram bênçãos financeiras? Com fé e muito trabalho, é a resposta delas. Para o cristão não existe o ‘não posso’ nem o ‘isso é difícil’; ele pode todas as coisas se crer conforme Filipenses 4.13: ‘Tudo posso naquele que me fortalece’. Esse deve ser o seu lema, ensina o bispo Macedo.

Essa prosperidade alcançada por muitos pode ser também classificada de fé em ação.²⁸⁴

Macedo, o principal articulador teológico da IURD, escreveu de forma sistemática sobre o poder da fé na vida do fiel para que conquistasse o que quisesse. Vejamos o seu pensamento.²⁸⁵

A fé foi classificada por Macedo segundo duas tipologias: a fé natural e a sobrenatural. A primeira seria aquela que já nasce com todo ser humano, que o faz acreditar nos resultados dos empreendimentos que realiza. Já a fé sobrenatural seria aquela que escaparia à razão, que

²⁸² SOUZA, Etiane Caloy B. de. Op.cit., p.135.

²⁸³ SUHETT, Bp Renato. Crer para ver. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.31, p.04, out./1992.

²⁸⁴ O perigo das falsas doutrinas da prosperidade. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.355, p.1-b, jan./1999.

²⁸⁵ MACEDO, Edir. **Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus**. v.1, Rio de Janeiro: Universal, 1998. pp. 89-96.

vinha da parte do ser transcendente Deus. Esta fé funcionaria como o canal de ligação entre o homem e Deus. Este, por ser “espírito”, não teria chances de ajudar sua criação (os homens), se não existisse o poder da “fé sobrenatural”, através da qual haveria a possibilidade de uma comunicação. O poder dessa fé, por sua vez, só poderia obter resultados se fosse acompanhado por outra atitude expressa por uma palavra muito conhecida do discurso iurdiano: o sacrifício: “A fé sobrenatural ou bíblica é sempre acompanhada pelo sacrifício. Essa qualidade de fé foi primeiramente, executada pelo próprio Deus-pai, quando sacrificou Deu Único Filho...”²⁸⁶ Nas palavras do Bispo ainda, o exercício da fé através do sacrifício exigiria um comportamento firme por parte do fiel para que não limitasse a concretização dos milagres divinos. Para isso deveria acreditar sem sombra alguma de dúvida no valor que o seu sacrifício adquiriria perante a figura divina para a resolução dos seus problemas. Para Macedo:

... a fé requer atitude; ela não pode estar em um nível puramente teórico, em hipótese alguma!

(...) Naturalmente que o sacrifício feito pela fé não é uma barganha com Deus, mas o fato é que a fé pura e com qualidade exige uma atitude concreta. Ela exige coragem para tomar atitudes contrárias à própria razão; exige coragem para se obedecer à Palavra de Deus;...²⁸⁷

Por fim, o homem deveria crer piamente no poder da fé e oferecer a Deus sacrifícios para que pudesse alcançar tudo o que desejasse, pois todas as coisas já eram suas por direito, bastava apenas tomar posse através da fé sobrenatural aliada aos sacrifícios. Mas o que vai nos chamar a atenção é a natureza desses sacrifícios seguindo as idéias da teologia da prosperidade.

Macedo falou dos vários tipos de sacrifício: do corpo, jejum e outras formas de abstinência. Mas os que mais se destacaram foram os sacrifícios do dízimo e das ofertas. Oro fala da importância que o dinheiro ganhou na dinâmica do neopentecostalismo.²⁸⁸ Para este autor, uma das características das igrejas neopentecostais seria a presença de um “pentecostalismo empresarial”. Segundo esse pensamento, e tomando aqui o exemplo da IURD, as igrejas neopentecostais seguiriam uma lógica capitalista. Nesse contexto, uma das práticas utilizadas pelas denominações seria a seguinte: “... colocam no mercado serviços e bens simbólicos que são adquiridos mediante pagamento...”²⁸⁹ Esse pagamento seriam aqueles sacrifícios que na maioria do tempo são identificados nos templos iurdianos com as ofertas e o dízimo. Durante uma das visitas que fizemos a um templo da IURD, no decorrer da reunião

²⁸⁶ Idem, p.90.

²⁸⁷ MACEDO, Edir. **Os mistérios da fé**. Rio de Janeiro: Universal, 2001. p.49.

²⁸⁸ ORO, Ari Pedro. Op.cit., pp. 70-88.

²⁸⁹ Idem, p.70.

observamos que, quem se mobiliza a sacrificar o seu dinheiro recebia promessas de bênçãos²⁹⁰ para sua vida durante o apelo dos pastores para quem quisesse ir à frente do altar para entregar suas ofertas ou seus dízimos.²⁹¹ Apesar de não ser um culto direcionado exclusivamente à questão prosperidade, as ofertas e os dízimos não deixaram de ser praxe.

Segundo Macedo, de acordo com a natureza do sacrifício que o fiel oferecesse a Deus (aqui, o dinheiro personificado no dízimo e nas ofertas voluntárias), uma intensidade de milagres seria realizada. As benéficas seriam condicionadas. O dízimo foi mais valorizado porque, além de ter sido uma lei divina, era a expressão de fidelidade do homem ao seu “Senhor” supremo. Nas palavras de Macedo: “O dízimo significa que Deus está em primeiro lugar na vida do dizimista, enquanto que a oferta é uma espontaneidade que vai depender do amor do ofertante para com Deus e Sua obra.”²⁹²

Podemos articular dessas observações de Macedo o lugar de importância que a teologia da prosperidade e, por consequência, o dinheiro, tiveram na dinâmica da IURD. Um viés interessante de ser analisado é aquele das campanhas promovendo um chamamento aos empresários já estabelecidos e àqueles que pretendiam trabalhar em um negócio próprio. A IURD promoveu “correntes”²⁹³ de prosperidade para quem quisesse solucionar alguma questão financeira. Geralmente essas reuniões aconteciam nas segundas-feiras (essas reuniões ainda são realizadas), e eram um momento reservado para aqueles evangélicos que já eram empresários e para aqueles que necessitavam de apoio para abrir suas primeiras empresas. Em um dos artigos da Folha Universal foi ressaltada a função organizadora na vida financeira daqueles fiéis que compareciam à reunião:

Durante a reunião dos empresários, todos são motivados a determinarem a vitória. Muitos são os depoimentos e inúmeras são as bênçãos alcançadas pela fé que remove montanhas. É justamente essa fé sobrenatural que transforma e renova para uma vida mais digna. É devido a esse resgate que muitas pessoas que viviam na sarjeta, completamente arrasadas por problemas econômicos se recuperam, e de novo prosperam.²⁹⁴

²⁹⁰ Lembrar aqui que as bênçãos constituem-se naqueles bens simbólicos oferecidos na igreja, tais como: trabalho, prosperidade financeira, saúde, etc.

²⁹¹ Ficha de observação: IURD- templo central de Florianópolis: Avenida Mauro Ramos, n.184, em 15/04/2003. Reunião: Sessão do descarrego: 12hs.

²⁹² MACEDO, Edir. **Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus**. v.1, Rio de Janeiro: Universal, 1998. p.99.

²⁹³ A IURD realiza várias “correntes” durante a semana. Elas são uma espécie de campanha de oração e sacrifícios visando a obtenção de alguma bênção por parte de Deus. Atualmente elas obedecem a seguinte configuração: 2ª-feira: Prosperidade; 3ª-feira: Descarrego e reunião da cura; 4ª-feira: Reunião dos Filhos de Deus; 5ª-feira: Família; 6ª-feira: Libertação; Sábado: Terapia do amor; Domingo: Louvor e Adoração.

²⁹⁴ Fé contra a crise. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.67, p.41, Jun./1999.

A relação dos intelectuais iurdianos com o dinheiro não foi uma das mais problemáticas. A acomodação ao contexto sócio-econômico “mundano” tão combatido pelo pentecostalismo clássico teve um de seus ápices na utilização, sem nenhum constrangimento, dos recursos que a acumulação de capital pôde oferecer culminando no crescimento da IURD nos setores religioso e político, além de iniciativas na área de amparo social.

A AD não apresentou diferenças quanto ao entendimento que teve acerca do dízimo comparada à IURD. Mas veremos que a forma agressiva da IURD implementar nas suas práticas a teologia da prosperidade foi tratada com negatividade pelos intelectuais assembleianos, seguindo o traço conservador da denominação.²⁹⁵

A AD, como já vimos anteriormente, nos anos noventa passou por uma longa discussão tendo em vista a permanência de uma identidade assembleiana. A questão dos costumes foi vislumbrada na ocasião. Nesse ponto do trabalho analisaremos as posturas da AD frente às novidades doutrinárias que eram introduzidas no Brasil pelas igrejas neopentecostais que então começavam a incitar a curiosidade da mídia e a arrebanhar muitos adeptos vindos, inclusive, de outras igrejas pentecostais.

Os intelectuais da AD também reconheceram na prática de doar dez por cento de todo o rendimento de alguém como um mandamento divino. Um periódico trimestral utilizado nas manhãs dominicais de estudo bíblico nas igrejas da AD coloca o seguinte sobre o dízimo:

‘Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos’ (Ml 3.10).

Verdade Prática:

O dízimo é uma prática bíblica pela qual um cristão fiel, reconhecido e dedicado, põe à parte, para a causa do Senhor, pelo menos dez por cento de sua renda.²⁹⁶

O ato de dizimar, de fazer ofertas voluntárias em dinheiro, foi visto como uma ação normal dentro da maneira de ser assembleiana. Os formadores de opinião dessa igreja não enxergaram nada de reprovável. O dinheiro dado à igreja pelos fiéis, disseram os escritores, além de ajudar na manutenção da igreja, serviria de canal de bênçãos para quem dizimasse ou ofertasse: “Meu amado irmão, se você não é dizimista, um contribuinte para Deus, não pagando o dízimo que não é seu, mas do Senhor, faça uma experiência: pague o dízimo do

²⁹⁵ Vale lembrar aqui que, quando falamos em conservadora ou liberal, não estamos efetuando juízo de “boa” ou “má” denominação sobre as duas igrejas. Queremos apenas entender as especificidades que aproximam e distanciam ambas.

²⁹⁶ CABRAL, Elienai. **Lições Bíblicas**, 4º trimestre, Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p.46.

Senhor e as ‘janelas do céu se abrirão para você’ (Mt 3.10).”²⁹⁷ De acordo com o mesmo autor dessa citação, o não cumprimento dessa doutrina bíblica significaria um ato pecaminoso.

A forma de captação financeira da AD, basicamente, teve a mesma origem que a IURD, o dízimo e as ofertas voluntárias. Mas os intelectuais assembleianos criticaram aquelas igrejas que reservavam um longo espaço nos seus discursos e liturgia para falar sobre a prosperidade, em todos os sentidos, especialmente o dinheiro. Foram críticas ferrenhas aos que adotavam a teologia da Prosperidade, e aos que, dentro mesmo da própria AD, pensavam em assimilar aqueles preceitos combatidos.

Natanael Rinaldi, um dos maiores apologistas da AD, expressou seu parecer, que era o da igreja, sobre aquela teologia que dava ao homem a chance de aproveitar as facilidades de uma vida financeira estável e sem problemas.²⁹⁸ Para Rinaldi, a teologia da prosperidade contrariava os ensinamentos originais do pentecostalismo e da Bíblia Sagrada. A alegada busca pela prosperidade financeira e física não atendia à proposta bíblica de convencer o homem do pecado, a “mensagem da cruz”:

Jesus justificou a necessidade da sua partida para o Céu, a fim de que o Espírito Santo aqui na Terra, dentre outras, é a de convencer o mundo do pecado, e da justiça e do juízo. O homem está endurecido pelo pecado... Ora, se nós nos tornarmos agradáveis aos homens, pregando que o Evangelho traz prosperidade material e saúde física, atraímos, com certeza, grandes multidões, mas não estamos sendo fiéis à Bíblia, Mc 16.15,16. Estamos dando paliativos, estamos esquecendo o principal e a razão precípua da existência da Igreja na terra.

As multidões precisam de Jesus: o Senhor e Salvador, sem o qual ninguém se salva da condenação do pecado (At 4.12; 16.30,31); e não se salvando, se perderá eternamente.²⁹⁹

Esse autor teceu críticas muito claras à IURD seguindo esse pensamento contrário à escola da prosperidade. Em certa altura do seu texto ele pôs em dúvida a veracidade dos testemunhos emocionados veiculados todos os dias na Rede Record. Complementou colocando em discussão a credibilidade bíblica das campanhas que a IURD sempre realizou através das várias correntes de milagres. Rinaldi foi mais fundo quando citou uma frase de outro pastor em seu artigo: “É como afirma o pastor Joaquim de Andrade: *‘Edir Macedo construiu um império às custas dos dízimos, das ofertas e do ensino da Teologia da Prosperidade...Daí, as correntes de oração de Jericó, do trabalhador, do desafio da*

²⁹⁷ APOLÔNIO, Pr José. “Janelas dos céus abertas”- bênçãos para o dizimista. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p.20, julho/1991.

²⁹⁸ RINALDI, Natanael. A falácia da doutrina da prosperidade. Revista **Obreiro**, Rio de Janeiro, n.02, pp.11-16, maio/1997.

²⁹⁹ Idem, p.15.

prosperidade, dos dizimistas, dos empresários, etc.”³⁰⁰ Nenhum parecer assembleiano foi maleável à aceitação da prosperidade como principal eixo no campo discursivo de exegese bíblica da igreja.

A prosperidade material alardeada pelo neopentecostalismo foi vista com muita contrariedade pelos intelectuais assembleianos. Dentro desse universo, a pobreza constituiu-se uma das pautas que mais causaram discussão. Isso porque, segundo a ótica da teologia da prosperidade, a pobreza é vista como um sinal de que algo está errado: ou falta de fé por parte daqueles que não possuem crença suficiente para adquirirem a promessa de paz e segurança herdadas de Deus, ou a ação demoníaca. Segundo Macedo:

O Senhor Jesus Cristo não nos prometeu apenas uma vida eterna, mas também suprir todas as nossas necessidades, tanto materiais quanto espirituais.

Ele afirmou:

‘O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância’.

Jo 10.10

Se você é cristão e não está vivendo abundantemente de acordo com as promessas do Senhor Jesus, alguma coisa está errada.³⁰¹

O Bispo Carlos Rodrigues, um dos mais influentes na IURD, emitiu uma opinião que vinha ao encontro daquela última constatação de Macedo:

‘Porque os pobres, sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes;...’ (Mateus 26.11). É claro que, ao usar essas palavras, o Senhor Jesus não estava exaltando a pobreza nem legitimando essa condição de vida como necessária espiritual ou politicamente à sociedade; apenas usou um argumento comum para justificar a ação da mulher que, profeticamente, anunciava sua iminente morte e sepultamento (Mateus 26.12).

Infelizmente, muitos usam as palavras de Cristo para pregar a conformidade com a pobreza, ou para não dar a ela a devida atenção.³⁰²

Os intelectuais iurdianos não admitiram que alguém que fosse fiel àquelas atitudes de fé pregadas pela igreja a respeito da prosperidade fosse pobre. Bem diferente dessa visão foi a opinião dos escritores assembleianos. No início da década de noventa, quando o movimento neopentecostal começava a aparecer nos noticiários, a teologia da prosperidade foi comentada em uma tradução de um autor dos E.U.A., país de onde veio essa doutrina. Esse texto colocou aquela teologia, entre outras qualificações, como sendo um insulto aos evangélicos do “terceiro mundo” que, na sua grande maioria eram, e continuam sendo, os “pobres”: “Milhões

³⁰⁰ Idem, p.13.

³⁰¹ MACEDO, Edir. **O avivamento do espírito de Deus**. Rio de Janeiro: Universal, 2001. p.19.

³⁰² RODRIGUES, Bp Carlos. Sempre teremos os pobres? Jornal **Folha Universal**, n.429, p.3-a, jun./2000.

de crentes zelosos no Terceiro Mundo e do Bloco Oriental são ‘fiéis até a morte’ e nada têm desses bens materiais. Estão eles enganados ou fracos na fé? Eles entendem muito mais sobre a cruz do que de carro do ano e a única riqueza de que eles se ufam é a vida eterna.”³⁰³ Abraão de Almeida, alguns anos depois, continuava a rebater a máxima de que o crente não deveria experimentar qualquer espécie de privação neste mundo. De início já fez críticas implícitas às igrejas neopentecostais:

Vivemos hoje em tempos de profundas mudanças, inclusive no campo fértil da Teologia. Há doutrinas belas, multicoloridas, que atendem anseios de honra, de glória e de riquezas de muitos. Interpretações forçadas das Escrituras têm sugerido aos crentes que estes são pequenos deuses que desde já devem reinar, ou que o verdadeiro crente nunca adoecer, sendo a doença sinal de pecado. Ainda há os que afirmam que o cristão deve ser próspero também nas riquezas deste mundo, sendo a pobreza econômica o resultado da falta de fé.³⁰⁴

Mais à frente o autor justifica que as revezes enfrentadas aqui fazem parte da vida, até mesmo da vida de um crente fiel. Segundo ele:

Nas suas últimas instruções aos discípulos, advertiu Jesus: ‘Se o mundo vos odeia, sabei que, primeiro do que a vós, me odiou a mim. Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu... Se eles me perseguiram, também vos perseguirão...No mundo tereis aflições’, Jô 15.18-20 e 16.33. (...) O apóstolo Paulo afirma que o sofrimento como resultado da nossa dedicação a Cristo produz em nós a virtude da paciência, ou perseverança (Rm 5.4), e esta, por sua vez, gera a experiência, ou prova, que a NIV (*New International Version*) traduz por caráter. Daí a razão pela qual o crente deve alegrar-se também no próprio sofrimento, sabendo que este resultará finalmente na sua maturidade espiritual.³⁰⁵

O sucesso das denominações neopentecostais³⁰⁶ no Brasil com suas maneiras inovadoras de interpretar a mensagem bíblica serviu de ponte para desencadear vários debates entre os intelectuais da AD. O objetivo, segundo esses autores, era proteger a igreja daquelas novidades doutrinárias que consideravam negativas. O Conselho de Doutrina da CGADB, em julho de 97, fez uma análise das propostas que surgiam naquelas novas igrejas e emitiu, no ano seguinte, seu parecer no Mensageiro da Paz:

1. As lideranças deverão continuar a basear sua doutrina e prática nos preceitos bíblicos, como historicamente já o tem feito, desde sua origem no

³⁰³ TAYLOR, Malcolm. A falácia da doutrina da prosperidade. Jornal **Mensageiro da Paz**, Traduzido por Miguel Vaz. Rio de Janeiro, n.1252, p.15, jun. /1991.

³⁰⁴ ALMEIDA, Abraão de. É bíblico o sofrimento do crente? Revista **Obreiro**, n.09, p.72, out./1999.

³⁰⁵ Idem, p.75.

³⁰⁶ Eram as igrejas neopentecostais. Entre elas a IURD.

Brasil, utilizando-se de versões autorizadas e já consagradas pelo uso e pelo tempo;

(...) 3. Cada liderança deverá, diante de fatos inusitados, procurar orientar a Igreja sob seus cuidados, e que cada crente ofereça a Deus ‘culto racional e com entendimento’, evitando que o misticismo e distorções semelhantes, tão advertidas pelas Escrituras, venham fazer parte da liturgia regular dos nossos cultos.

4. Diante do exposto no item anterior, as lideranças deverão advertir seus liderados, como reprovável e não recomendável adoção dos princípios e livros editados ligados a:

(...) 4.3 – a **Teologia da Prosperidade**, que faz de Deus o servo, e do homem o Senhor, em que o importante são os fins e não os meios;

4.4 – o **Neopentecostalismo**, que deixando o alvo primeiro da espiritualidade, que é o espírito humano, para daí, corrigir a alma e bem ordenar o corpo, inverte tais prioridades, privilegiando o TER do misticismo irresponsável e inconseqüente, que improvisa para beneficiar o que é material, em detrimento do SER gerado pelo fundamentalismo bíblico, que reconhece a Soberania Divina que nos aperfeiçoa, mesmo em meio as adversidades.³⁰⁷

Os artigos do jornal da denominação exaltavam esta iniciativa do Conselho de doutrina em discutir sobre o que estava acontecendo no pentecostalismo de então. Um dos autores escreveu sobre esse momento na AD: “A diversidade doutrinária que vai metamorfoseando a igreja moveu os conselheiros no sentido de ‘levar os pastores’ a discutir os temas ligados às questões polêmicas do momento: a doutrina da salvação, predestinação, maldição hereditária, teologia da prosperidade...”³⁰⁸ Outro autor, nessa mesma linha de pensamento, criticou alguns pregadores ícones da teologia da prosperidade, além de concluir que a AD deveria manter-se na mesma posição que a firmou como uma denominação pentecostal:

A Assembléia de Deus não precisa de uma ‘nova unção’, mas conservar a unção que recebeu; o Espírito Santo (1Jo 2.27). Se temos a unção que nos ensina (1Jo 2.6), não precisamos que Kenneth Heggan e Benny Hinn nos ensine, ou de passarmos pela escola Rhema ou pelos ‘neopentecostais’.³⁰⁹

Não podemos afirmar se a real preocupação dos intelectuais assembleianos residia apenas naquele sentido do “erro” bíblico que contestavam em relação à teologia da prosperidade. Não podemos descartar que a concorrência no mercado religioso com as denominações neopentecostais, que ofertavam bens simbólicos altamente atrativos, existiu, e representava um “problema” com o qual a AD deveria saber lidar.

³⁰⁷ Conselho de Doutrina. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1333, p.02, abr./1998.

³⁰⁸ OLIVEIRA, Joanyr. A Assembléia de deus e a miscelânea doutrinária. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1325, p.07, ago./1997.

³⁰⁹ SILVA, Pr José Apolônio da. É tempo de gritar. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1325, p.07, ago./1997.

Passaremos para aquele assunto em que a IURD esteve anos-luz à frente da AD: o jogo político.

3.5 - Da política

Os pentecostais deram seus primeiros passos na política com a Igreja O Brasil para Cristo³¹⁰. Em 1960 ela elegeu os pastores Levy Tavares e Geraldino dos Santos como deputados federal e estadual respectivamente. Mas dentre todos os ramos do pentecostalismo, a igreja que alçou os vãos mais altos no empreendimento político foi a IURD, definitivamente.

Bem, mas a entrada dos pentecostais na vida política do nosso país seguiu uma tendência que teve início, mais uma vez, com os evangélicos norte-americanos e espalhou-se pela América Latina. Segundo Campos³¹¹, no final dos anos 70, evangélicos carismáticos e pentecostais norte-americanos uniram-se para fazer retomar no país o conservadorismo visando combater a onda de liberalismo que se instalava na América representada por determinados eventos que consideravam perigosos: secularismo, feminismo, ecumenismo, etc. Essa agregação de evangélicos encontrou na política o melhor canal para promover as novas diretrizes sociais que pretendiam com o objetivo de transformar as práticas culturais de então. Essa nova postura disseminou-se por toda a América através da mídia religiosa, até chegar ao Brasil ainda nos anos 70. A partir daí o comportamento político dos pentecostais ganhou fôlego. Primeiramente foi o pioneirismo da igreja O Brasil para Cristo. Mas, posteriormente, o exemplo mais bem elaborado encontraremos na IURD. Isso porque, no mesmo período em que chegavam ao Brasil aquelas idéias dos evangélicos norte-americanos, os segmentos neopentecostais surgiam aqui abandonando os estereótipos históricos dos pentecostais clássicos saindo da indiferença ao clima cultural vigente e lançando-se naqueles campos antes impensáveis para os pentecostais num claro sinal de que aquela rejeição ao “mundo” das primeiras igrejas pentecostais sinalizava sinais de mudança. A inserção deles na política como resposta às demandas do laicato e aos interesses das igrejas foi um passo importante para transformar a posição política de todo o sub-campo pentecostal. A IURD e a AD enquadram-se nesse movimento. Aquela por tomar uma postura mais agressiva e

³¹⁰ Essa igreja pertence à segunda onda do pentecostalismo brasileiro para Feston. Ou ainda ao deuterpentecostalismo para Mariano. A característica mais marcante dessas igrejas foi a centralidade da cura em suas práticas.

³¹¹ CAMPOS, Leonildo Silveira. Os “políticos de Cristo” – uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil. In: Reunião Anual da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), 26, 2002, Caxambu. Texto preparado para o GT Religião e Sociedade.

participativa na política, e esta por, lentamente, ir quebrando barreiras impostas pelo pensamento anti-política que acompanhou a igreja desde a fundação. Vamos analisar então o tom dos discursos dos intelectuais das duas denominações encontrados nos materiais impressos acerca do tema política na década de noventa, que se constituiu num momento de redefinição do papel dos pentecostais no cenário da força política nacional.

Desde os primeiros anos de atuação a IURD já aplicava aquelas tendências de participação político-partidária originadas no ciclo de evangélicos norte-americanos e que se difundiu por toda a América Latina, um grande bolsão de igrejas pentecostais. Em 1986 a IURD elegeu, pelo Rio de Janeiro, o pastor Roberto Lopes deputado federal com a maior votação do PTB naquele estado.³¹² Essa seria a primeira incursão na política que experimentaria um sucesso cada vez mais crescente com o passar dos anos e o refinamento das estratégias políticas por parte da liderança e intelectualidade iurdiana. Prova disso é que nas eleições subseqüentes o número de candidatos iurdianos eleitos aumentou. Em 1990 foram eleitos três deputados federais e três estaduais. Na eleição de 1994 a igreja elegeu doze deputados – seis estaduais e seis federais, além de um cargo na Secretaria Estadual do Trabalho no Rio de Janeiro. No pleito de 1998 foram eleitos 17 deputados federais.³¹³ Em 2002 a IURD conseguiu eleger 22 deputados federais, o senador Bp Marcelo Crivella, além do vice-presidente José de Alencar, filiado ao PL, partido implicitamente representativo da IURD.³¹⁴

A idéia de uma ação política mais efetiva por parte daqueles candidatos vinculados à igreja não encontrou espécie alguma de interdição entre os escritores iurdianos. J. Cabral pronunciou-se a favor da inserção do pensamento político nas igrejas, e em qualquer cidadão, ressaltando a abrangência que a política teria na sociedade. Segundo Cabral:

Todos os cidadãos estão diretamente envolvidos com a política, quer queiram, quer não. Haverá sempre alguém governando, gerindo os destinos das pessoas, e estas, mesmo que não tenham se envolvido diretamente no processo político, nem por isso estará alheias ou neutras...
 (...) Outro erro, mais grave ainda, é achar que a igreja deva ficar fora do processo político, com a desculpa de que a religião deve estar alienada de qualquer processo político. Por que a igreja deveria se alienar desse processo, quando está em jogo o poder que vai governar o seu destino?
 (...) Se a igreja pode e deve influenciar na vida das pessoas quanto a questões tão profundas como a salvação, ensinando-as a terem uma conduta cristã e viverem com dignidade a sua fé, por que não pode fazê-lo com

³¹² MARIANO, Ricardo. Op.cit., p.56.

³¹³ CAMPOS, Leonildo Silveira. Op.cit.

³¹⁴ Quando visitamos o site não encontramos qualquer referência à IURD, mas sabe-se da real influência dos dirigentes iurdianos aí. Disponível em <http://www.pl.org.br>. Acesso em 1º dez.2003.

questões menores, ainda que importantes, como as que envolvem a política?³¹⁵

Diferente dos pentecostais clássicos, a IURD destacou-se no cenário do pentecostalismo brasileiro pela sua atuação na política visando uma inserção cada vez maior dos seus políticos naquelas instâncias que regiam os destinos da nação detendo o poder decisório sobre as mais diversas áreas.

No final dos anos oitenta um dos bispos da igreja foi designado para cuidar das estratégias e mobilização política da IURD, o Bp Carlos Rodrigues. Ele escreveu um livreto sobre a política.³¹⁶ Nele exaltava a participação política da IURD ao mesmo tempo em que direcionava críticas aos políticos estabelecidos que, na sua opinião, estavam destruindo a moralidade do país além de não oferecerem à população as mínimas condições de sobrevivência. Rodrigues nos dá apontamentos sobre aquele intento da igreja em querer um espaço cada vez maior na política nacional tendo em vista pôr em prática o seu discurso moralizador visando deter para si a imagem de que seus políticos são os que permitem as melhores atuações no Congresso por carregarem consigo uma ética espelhada nas primícias divinas.

Segundo Rodrigues, a classe política brasileira era formada por um grupo de políticos que: “Formam uma corrente de imoralidade, falta de princípios, falta de ética, e se transformam todos, em verdadeiros ladrões não somente do dinheiro, mas também da credibilidade e da confiança do povo.”³¹⁷ No jornal oficial da denominação vários artigos também colocavam em descrédito as atuações dos políticos não ligados à igreja. Em um editorial do ano de 1996 o governo foi criticado por mostrar-se indiferente aos problemas nacionais em nome da estabilização da economia:

Há um fantasma rondando o país... a indiferença do governo brasileiro diante das questões sociais.

(...) Há também uma grande indiferença quanto ao desemprego, que aumenta a cada dia; ao baixo salário mínimo; o número também galopante das pessoas desabrigadas, que pelo aumento irresponsável dos aluguéis, tiveram que ir morar embaixo de um viaduto; à impunidade...

(...) Quem ganha com esse esforço pela estabilização do plano Real? Certamente não é a população, para quem se imagina, o governo estaria voltado.³¹⁸

³¹⁵ CABRAL, Pr J. A igreja e a política. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.219, p.02, jun./1996.

³¹⁶ RODRIGUES, Bp Carlos. **A Igreja e a política**. Rio de Janeiro: Universal, 1998.

³¹⁷ Idem, p.29.

³¹⁸ A indiferença. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.213, p.02, maio/1996.

Em outra ocasião, a política brasileira seria prejudicada por aqueles políticos que se valiam de determinados meios “ilícitos” para gerir os negócios da política nacional. Segundo o texto, esses maus políticos:

São freqüentadores assíduos dos terreiros de macumba, dos centros espíritas, do candomblé, da magia, buscando orientação através de vidências, de búzios, de numerologia, de jogos de carta. E quem sofre com isso é o Brasil. É o povo brasileiro. São as instituições nacionais. É o orçamento que se vê vilipendiado por estes filhos das trevas, que tudo fazem sob as ordens satânicas, submissos a um ser objeto, que somente se satisfaz em fazer o mal, em roubar e destruir.³¹⁹

Utilizando-se uma vez mais da demonização, a IURD propôs-se a combater aquela política “ruim” executada por políticos sem um caráter que pudesse melhorar os destinos do país. Logo, o que se observou no discurso dos intelectuais iurdianos foi a supervalorização daqueles parlamentares que compartilhariam uma moralidade cristã, pentecostal, e mais especificamente, que seriam ligados à IURD.³²⁰ O Bp Rodrigues qualificou a IURD como uma espécie de celeiro de bons políticos:

A política na sua essência é o caminho à boa convivência. Foi estabelecida pelos gregos na época de Péricles e seu objetivo era a criação de leis igualitárias.

Hoje podemos observar o distanciamento da idéia original. Mas esse quadro desalentador não diz respeito aos candidatos da Igreja Universal do Reino de Deus, que se mostraram dignos da confiança de todo o povo da igreja e também daqueles que não o são...

Deus, ao longo da história, levantou líderes, juizes, governadores, príncipes e reis, com o intuito de cuidar do Seu povo...

Na Igreja Universal do Reino de Deus, o Senhor levanta pessoas cheias do Seu Espírito, mesmo sem nunca terem tido um contato estrito com a política, e as coloca lá, para que se cumpra o que está escrito na Sua Palavra:

‘Pelo contrário, Deus escolheu as cousas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as cousas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as cousas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus’.

1Coríntios 1.27-29.³²¹

³¹⁹ Nas eleições de 1994, vamos também nos livrar dos políticos que compactuam com o diabo. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.91, p.04, jan./1994.

³²⁰ Apesar de existir o que chamam de uma bancada evangélica na Câmara dos deputados, é pouca a mobilização que se observa aí..Numa observação superficial nos parece que a diversidade denominacional representa uma limitação para a efetiva atuação conjunta de todos os políticos ligados a alguma igreja evangélica.

³²¹ RODRIGUES, Bp Carlos. Op.cit., pp. 7-8.

Como foi comum à natureza teológica dos intelectuais que tratamos no trabalho, Rodrigues valeu-se também de passagens bíblicas para imprimir um sentido no seu discurso que remetesse à infalibilidade divina regendo os propósitos políticos da igreja.

De forma geral, percebemos que a IURD inaugurou um novo momento para a dinâmica política nos meios pentecostais. Isso porque, historicamente, a política era considerada coisa mundana pelas primeiras igrejas. A AD foi um exemplo de tomada de posição influenciada pelas transformações que ocorreram no entendimento dos pentecostais mais antigos em relação ao jogo político. As primeiras representações da política como “coisa do Diabo” foram sobrepostas pela necessidade da igreja articular-se politicamente visando uma penetração maior nos âmbitos decisórios do país. Na década de noventa efervesceram os debates em torno do tema política na imprensa assembleiana. Apesar da igreja ainda ter se pronunciado com alguns traços mais conservadores, as lideranças assembleianas e seus intelectuais atentaram para o potencial político que os pentecostais tinham adquirido naquela década com a presença cada vez mais perceptível dos segmentos neopentecostais na política. Junto dessa percepção um discurso menos condenatório da política na vida do fiel foi sendo construído.

Segundo Freston, a AD, em 1987 era a principal apoiadora da então ressurgida Confederação Evangélica do Brasil, substituída pela AEvB em 1991 pela Confederação não querendo submeter-se a uma auditoria pública devido a denúncias.³²² Essa teria sido a primeira incursão da AD no movimento da política do país. No jornal da denominação encontramos a informação de que a estréia da AD na política deu-se a partir de fatores que, segundo a ótica assembleiana, estariam pondo em risco as igrejas evangélicas do país. Em 1986 a igreja teria se interessado mais pelos assuntos políticos por causa de um “...boato de que Tancredo Neves faria do Brasil um país oficialmente católico”³²³ O ano de 86 antecede aquele ano em que a AD seria a principal mantenedora da Confederação Evangélica do Brasil.

Apesar da AD ser uma das igrejas pentecostais que nos últimos anos sempre esteve presente no Congresso, ela não experimentou o mesmo grau vertiginoso de ascensão da IURD no campo político. Os intelectuais tentaram explicar o afastamento da AD em relação à política nos primeiros tempos:

“(...)... hoje o crente se interessa mais por política que em outros tempos, mas nem sempre foi assim. Segundo o deputado Peniel Pacheco, ‘a cultura de não participar da política veio com os primeiros missionários evangélicos. Por influência da Igreja Católica, o governo os ameaçava de

³²² FRESTON, Paul . A igreja universal do Reino de Deus e o campo protestante no Brasil. **Estudos de Religião**. n.15, dez./ 1998. p 11.

³²³ O peso do voto. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1338, p.5, set./1998.

expulsão do país caso falassem de política aos primeiros crentes brasileiros. Como não queriam parar a atividade de evangelização, os pregadores diziam que não se devia participar do processo político e que isso não era recomendável. Talvez o fizessem com sinceridade, pensando nas limitações impostas pelo governo. Mas essa cultura se solidificou e, ao longo dos anos, a maioria dos pastores que conviveu com os missionários adotou essa prática, vindo mais tarde a interpretação de que política é coisa do Diabo.³²⁴

Temos nessa citação uma clara referência aos pioneiros assembleianos Daniel Berg e Gunnar Vingren. Essa informação auxilia no entendimento da influência que norteou alguns posicionamentos na década de noventa que ainda enxergavam na política um local permeado por motivações que não eram condizentes com a ética e a natureza separada dos candidatos “crentes”. Os intelectuais defendiam a candidatura dos evangélicos, mas a dinâmica da política acarretaria em eventos que poderiam manchar a imagem da igreja a qual pertencesse determinado candidato. Couto discorreu no Mensageiro da Paz sobre o erro em identificar candidatos à igreja. Para o autor essa aliança:

... conduz a Igreja à partidarização e a envolve de forma quase direta nas práticas de agremiações políticas. Em nome dessa aliança espúria, Igreja e política, assumem-se em muitos casos compromissos com a prometida troca de votos do rebanho por recursos financeiros e outros interesses pessoais em jogo.³²⁵

No mesmo ano do artigo acima citado, um pastor expressava a contrariedade da AD em liberar a candidatura de pastores a cargos políticos, uma prática muito comum na nossa conhecida IURD pelas campanhas políticas afora. No início do texto aquele autor já expressava sua indignação à corrida de alguns pastores ao pleito eleitoral em todo o país: “É inacreditável o que estamos vendo. *Pastores* às centenas por este Brasil afora abandonando os púlpitos, numa corrida maluca, demagógica, vaidosa e gananciosa em direção às tribunas do Senado, da Câmara...”³²⁶ Segundo o autor, um pastor que realmente tivesse sido “chamado” por Deus nunca trocaria a espiritualidade de uma igreja e seus membros pela hipocrisia e demagogia reinantes na política.

Esses foram os posicionamentos mais contundentes, mas nada que lembrasse o radicalismo dos primeiros tempos da igreja.

³²⁴ Idem, p.04.

³²⁵ COUTO, Jeremias do. Candidatos evangélicos: entre a sinceridade e a demagogia. *Jornal Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, n.1246, p.21, dez./1990.

³²⁶ MENDES, Carlos J. Púlpito versus Tribuna. *Jornal Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, n.1245, p.10, nov./1990.

Muitos intelectuais empenharam-se no esforço em desmistificar o pensamento negativo dos assembleianos em relação à política nos anos noventa. Todos eles, em conformidade com o pensamento pentecostal da IURD, disseram que um candidato evangélico teria muito mais legitimidade que um não evangélico pelas qualidades que uma ética cristã imprimiria ao seu caráter. Mas, diferente da IURD, a AD não colocou nenhuma igreja como parâmetro a ser imitado na fabricação de tipos ideais para um bom político. Talvez esse comportamento deva-se aos respingos causados pelos escândalos envolvendo políticos evangélicos no passado.

Santos defendeu o início de uma conscientização da igreja acerca da importância e legitimidade da política tomando exemplos bíblicos de liderança política que foram bem sucedidos. Para o referido autor, utilizando a velha máxima de analogismos bíblicos, se Deus usou alguns servos seus no trabalho político já antes de Cristo “... porque não usaria homens e mulheres para representar seu povo nos dias atuais? Porque temos que esperar de pessoas descrentes a defesa de nossos interesses, se a Bíblia não nos condena a participar da política?”³²⁷ Ainda para Sônia Costa, a política seria uma instituição divina, e portanto não deveria ocupar um espaço de marginalidade na igreja. Nas palavras de Sônia, desde os primeiros tempos Deus utilizou a política para manter a ordem: “Desde que o homem pecou e foi afastado da presença divina, Deus viu a necessidade de instituir poderes hierárquicos que tivessem autoridade para fazer justiça, protegendo os bons e punindo os maus.”³²⁸ Aqui notamos aquele posicionamento típico da AD em não promover críticas à atuação governamental, qualquer que fosse. A IURD teve um posicionamento muito mais crítico em relação à política vigente da época do que a AD, infinitamente mais crítico. A AD manteve uma postura de defesa colocando-se no lugar de igreja que simplesmente obedecia e orava para que tudo ocorresse da melhor forma possível nos bastidores da política nacional. A IURD também promovia orações pelas autoridades, mas com uma ênfase e destaque muito menor que a AD.

A AD, durante os anos noventa, conquistou significativos resultados no modo de pensar política e deu-se conta da importância que o rebanho dos pentecostais representava para a política e que a igreja não deveria ficar mais tão anônima nos assuntos políticos. Um indício, entre aqueles que observamos no discurso dos intelectuais, esteve na aproximação da CGADB com os parlamentares membros da AD. O encontro aconteceu em 1995, depois das

³²⁷ SANTOS, Anderson Silva. Igreja e política: incompatibilidade? *Jornal Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, n.1307, p.03, jan./1996.

³²⁸ COSTA, Sônia Valeiro da. Poder político, uma instituição divina. *Jornal Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, n.1278, set./1993.

eleições de 94. Apenas cinco dos dez deputados federais compareceram na reunião com as lideranças máximas das AD's no Brasil, mas o evento indicou uma tomada de aproximação e aglutinação para uma efetiva organização denominacional em torno da problemática política.

Considerações finais:

O pentecostalismo no Brasil fincou raízes tão profundas que hoje não podemos fazer uma análise do campo religioso brasileiro sem falar demoradamente do movimento pentecostal. As formas inovadoras de dar sentido ao transcendente que estes agentes empreenderam, e não cessaram ainda nessa tarefa, delinearam um novo espaço, um outro nicho de símbolos religiosos que corresponderam às expectativas de uma parcela significativa da população.

AD e IURD incluem-se nessa narrativa. AD por ser a maior denominação pentecostal do país³²⁹, e a IURD pelo alcance que conseguiu para além das portas de suas igrejas, movendo-se com progressiva desenvoltura entre as esferas midiática e política, ambientes antes não habituados com a presença de “crentes”, antes estereotipados como pessoas caracteristicamente pobres, iletradas e alienadas.

Entre os pentecostais verificamos uma realidade pontuada pela existência de inúmeros caminhos, dentro de um mesmo movimento, para se chegar ao mesmo destino: a relação com o sagrado pontuada por uma concepção avivalista de prática religiosa. Na introdução desse trabalho expomos as diversas fases que se sucederam na dinâmica pentecostal até agora. Todas as igrejas representantes dessas fases estão em ação ao mesmo tempo ainda. A mobilidade teológica encontrada no pentecostalismo em resposta às demandas do campo religioso brasileiro constitui-se em algo que nos faz “saltar os olhos” pelo sucesso e alcance.

AD e IURD, como já dissemos anteriormente, estão entre as igrejas que mais se destacam entre os pentecostais. Juntas, elas arrebanham um número respeitável de fiéis e simpatizantes. Principalmente a IURD, tem um expressivo público que transita pelos seus templos sem maiores comprometimentos institucionais.

Conscientes dessa amplitude, os intelectuais de AD e IURD procuraram manter um fluxo constante de comunicação com seus adeptos e possíveis novos seguidores. Logo, a utilização de veículos que possibilitassem a comunicação entre a cúpula formadora de opinião de AD e IURD e os fiéis, foi decisiva para que ambas as igrejas pudessem posicionar-se frente às questões que mereceram empenho discursivo, durante a década de noventa, visando “esclarecer” “verdades” segundo o julgamento de uma ou outra.

Durante a análise percebemos determinadas nuances entre AD e IURD. A princípio, ambas têm a mesma origem – o movimento pentecostal. Mas já sabemos que esse movimento

³²⁹ Vide tabela na página 45.

experimentou uma dinâmica de desenvolvimento em que ascenderam diferentes ênfases teológicas e doutrinárias. Foi nesse ponto que AD e IURD diferenciaram-se quando expuseram suas opiniões a público.

De forma geral, AD e IURD recorreram à imagem do demônio para qualificar setores como o das outras religiões, comportamento, cotidianidade e cultura em geral. O que nos chamou a atenção foi a frequência com que a demonização foi utilizada pela IURD, confirmando uma das principais bandeiras dessa igreja: a realidade dos “encostos” agindo em todas as áreas da vida do homem. Segundo Gomes, um dos três elementos que mais chamam a atenção de quem vai à Universal são os demônios, além das ofertas e da possibilidade da cura.³³⁰ Na visão cosmológica da IURD os demônios são os responsáveis por todos os problemas que o ser humano enfrenta ao longo da vida. Uma pessoa só poderia se ver livre das influências do diabo se participasse daqueles tratamentos de exorcismo praticados nas igrejas. Para Bittencourt Filho:

O exorcismo seria um autêntico ‘dar nome aos bois’. Seria resposta a problemas desde desemprego até crianças nascidas com lesões irreversíveis. O grande inimigo e causador dos males passa a ter um nome, com a vantagem adicional de que agora se dispõe de um poder maior para enfrentá-lo.³³¹

Macedo, em um dos volumes do Manual de Doutrinas da IURD faz suas observações sobre a figura do demônio. Segundo o Bispo Macedo, os demônios estariam divididos numa estrutura que favorecia a atuação em diferentes áreas do cotidiano e da vida do homem.³³² A primeira classe ocuparia cargos políticos nas mais diferentes esferas. Na classe das “potestades” estariam agindo aqueles demônios que guiariam para o abismo o sistema religioso de determinados países. Nessa altura Macedo não perdeu a chance de fazer uma observação acerca da Igreja Católica: “Os principados (governo nazista) e potestades (governo religioso católico) planejaram as duas grandes guerras mundiais e trataram de executar mais de seis milhões de judeus, sem contar os evangélicos, ciganos, católicos ortodoxos e demais grupos não pertencentes à raça ariana.”³³³ Ainda a classe dos demônios “dominadores” incutiria na mente das pessoas a prevalência da razão em detrimento da fé. A força demoníaca ainda atuaria como formadora de doenças físicas e “espirituais”.

³³⁰ GOMES, Wilson. O estranho caso das novas seitas populares do Brasil da crise. In: **Nem anjos, nem demônios: Interpretações sociológicas do Pentecostalismo**. 2ed, Petrópolis: Vozes, 1996. p.230.

³³¹ FILHO, José Bittencourt. Op.cit.

³³² MACEDO, Edir. **Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus**. v.2, Rio de Janeiro: Universal, 1999. p.56-58.

³³³ Idem, p.57.

Todo e qualquer problema que eventualmente alguém pudesse ter foi entendido como produto de meticulosas arbitrariedades do Diabo para destruir o homem, a criação divina. A recorrência à demonização para explicar e interpretar as adversidades e os mais diversos setores da sociedade foram uma prática constante nas falas dos intelectuais iurdianos, muito mais do que os assembleianos. Entre estes prevaleceu uma explicação mais centrada em aspectos bíblicos que não o da demonização. A figura do diabo apareceu aí, mas a recorrência a ele foi em escala bem menor que a observada na IURD. Mas, tanto intelectuais assembleianos, como iurdianos, trabalharam, a todo momento, com pares dicotômicos, reforçando os antagonismos em seus discursos. Por outro lado, AD e IURD não podem ser vistas unicamente em oposição dicotômica às realidades que condenaram. Conforme Derrida³³⁴, a religião, enquanto componente cultural, é passível de “afirmar negando” ou de “negar afirmando”, uma vez que nos jogos culturais não há apenas oposição dicotômica, mas infinitas possibilidades de ressemantização. O que dizer da radicalização na questão da figura demoníaca no discurso iurdiano? E a forma como esse discurso apropriou-se do diabo para justificar sua ação como igreja forte contra as forças do mal? A AD também se valeu desse recurso, como vimos, ainda que de maneira mais sutil. Ao mesmo tempo que os impressos trouxeram um parecer que negava a potencialidade do diabo e suas “potestades” frente ao poderio divino, a atuação daqueles na causa de inúmeros infortúnios na vida dos homens conferiu um papel de afirmação ao demônio, principalmente no discurso iurdiano.

Analisando as falas dos intelectuais nos materiais de divulgação de AD e IURD, e percebendo, apesar que de forma superficial, a forma como essas igrejas lidam com aqueles assuntos tratados nos capítulos II e III, nos damos conta da abrangência que o material impresso atinge. Não sabemos se todos os assembleianos e iurdianos leram aquelas respostas emitidas pelos escritores em relação ao mais variados temas, mas notamos uma correspondência inegável àqueles discursos da intelectualidade. A questão do anti-ecumenismo, do lugar feminino na igreja, da relação com a política e a mídia, enfim, todos esses debates que chegaram às igrejas através dos jornais, revistas, livros, todos eles exercem um poder interpretativo imenso na força imaginativa dos fiéis. Num diálogo entre Bourdieu e Chartier aparece a seguinte fala de Bourdieu, muito importante para a compreensão da importância do papel dos intelectuais no estabelecimento de uma determinada forma de ver o mundo:

Eles [os intelectuais] estão de tal maneira impregnados de uma crítica materialista de sua atividade que terminam por subestimar o poder

³³⁴ DERRIDA, Jaches. Op.cit.

específico do intelectual que é o poder simbólico, o poder de agir sobre as estruturas mentais e, através da estrutura mental, sobre as estruturas sociais. Os intelectuais esquecem que por meio de um livro pode-se transformar também o próprio mundo social.³³⁵

Não estamos falando que a leitura desencadeou as mesmas impressões em todas as pessoas, mas os discursos dos intelectuais assembleianos e iurdianos, de uma maneira ou de outra, intervieram no modo dos fiéis apreenderem a configuração do social da época tratada aqui.

Falar da intelectualidade de AD e IURD implica em enxergar naquela o conservadorismo ou o traço mais liberal de cada igreja. Pela natureza e teor das falas que encontramos nos materiais impressos podemos posicionar em lados opostos, mas nem tanto, AD e IURD. Nos parece que na questão de qual igreja apresentou menos sinais de conservadorismo, AD e IURD não ficaram muito separadas uma da outra quando interpretaram o “mundo” como espaço para a atuação maligna, ainda de que com amplitudes diferentes. Ademais, seguindo a concepção exclusivista dos pentecostais, AD e IURD pregaram que a mensagem bíblica de ambas seria um meio para se obter “salvação”, “cura”, “libertação”.

Mas, pegando agora o viés das oposições, verificamos que a IURD deixou transparecer nas falas o seu caráter mais liberal na forma do crente interagir com o social. Vamos discorrer alguns exemplos. Primeiro: a maleabilidade disciplinar da IURD em relação aos seus fiéis. Em seguida vemos que a IURD promoveu uma mudança em relação às fórmulas que apresenta para o relacionamento do crente com Deus. Ora, é inegável a apropriação que ela faz dos símbolos impregnados no imaginário católico e nas religiões afro-brasileiras para dentro da sua liturgia (o que dizer da sessão do descarrego, a flor ungida, a roupa branca dos pastores em dia de culto especial para libertação, entre outros tantos exemplos?). Outro exemplo que podemos dar é da postura iurdiana frente à atuação dos pentecostais na política e na mídia. Nenhuma igreja pentecostal é mais agressiva que a IURD nesses sentidos. Ela tem conquistado espaços que num futuro não muito distante poderemos ter um presidente da República iurdiano. Prova disso é que alguns dias antes do fechamento desse trabalho tivemos a notícia, através de outro colega pesquisador, de que a IURD está planejando a abertura de seu próprio partido.

A AD não apresenta o mesmo nível de desenvoltura que a IURD. Os intelectuais assembleianos primaram pela idéia de que a igreja deveria resguarda os valores primeiros e,

³³⁵ A Leitura: Uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p.243.

por conseqüência, os mais corretos. Apenas em algumas áreas observamos a abertura a outros pontos de vista, como, por exemplo, a questão dos costumes e do envolvimento na política e na produção midiática.³³⁶ Mas não sem querelas.

Apesar do conservadorismo que a AD ainda nutre e da característica mais liberal da IURD, não podemos afirmar que aquela tenha perdido totalmente o seu poder de atração para o perfil mais “pós-moderno” da IURD. Sanchis fala da via de mão dupla do ambiente pós-moderno.³³⁷ Ao mesmo tempo em que tudo é muito relativizado, “misturado”, construído e reconstruído no mesmo instante de um piscar de olhos, a pós-modernidade abre horizonte às resistências àquela dinâmica ultra movimentada. Ao mesmo tempo em que se apresentam respostas das mais variadas possíveis à relação do homem com o sagrado numa rede complexa de idéias e práticas, existem outras vontades de interação com o transcendente. Seguindo a pluralidade ao extremo que se evidencia nos tempos de pós-modernismos, a procura pelas instâncias produtoras de símbolos religiosos mais tradicionais e menos voláteis acontece junto da busca por aquela vivência menos compromissada com as instituições, entre outras formas de apreensão do que é ter uma religiosidade.

Pontuadas essas discussões fica a dúvida se os intelectuais de AD e IURD permanecerão nas posições que mantiveram durante a década de noventa. Não sabemos se a força e o prestígio político e econômico da IURD poderá suplantar a tradição assembleiana no campo religioso brasileiro. Por outro lado, não é impossível que os intelectuais iurdianos publiquem, daqui ha alguns anos, que a IURD superou numericamente a AD? Ou, ainda mais. Não será apressado pensar que em algum tempo mais a intelectualidade assembleiana se volte a assuntos como o prosperar financeiro na vida do assembleiano, por exemplo? Na teia emaranhada que é a religião não podemos ter certeza de nada, mas que o neopentecostalismo, e em especial a IURD, têm forçado as portas das igrejas mais tradicionais do pentecostalismo, isso é ponto de convergência.

³³⁶ Acreditamos que, até por uma questão, acreditamos nós, de sobrevivência, a AD tenha relativizado mais os seus discursos, visto que o mercado religioso brasileiro está cada vez mais embutido de concorrências.

³³⁷ SANCHIS, Pierre. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? In: Hoornaert, Eduardo (org.) **História da Igreja na América Latina e no Caribe. 1945-1995. O debate metodológico.** Petrópolis: Vozes, 1995. Cap. III. p.94.

Referências Bibliográficas:

- BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985. (Coleção sociologia e religião; 2)
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- BRONISLAW, Baczko. Imaginação Social. In: **Enciclopédia EINAUDI**, vol.1, (Memória-História). Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. 2ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988
- CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. A Leitura: Uma prática cultural. In: **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- DERRIDA, Jachques. Fé e saber. As duas fontes da religião nos limites da simples razão. In: DERRIDA, Jachques; VATTIMO, Gianni (orgs.) **A Religião**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- FILHO, José Bittencourt. Remédio Amargo. In: **Nem anjos, nem demônios: Interpretações sociológicas do Pentecostalismo**. 2ed, Petrópolis: Vozes, 1996.
- FRESTON, Paul. Uma breve História do Pentecostalismo brasileiro: a Assembléia de Deus. **Religião e Sociedade**, 16(3): 104-129, 1994.
- FRESTON, Paul. Uma breve história do pentecostalismo brasileiro. In: **Nem anjos, nem demônios: Interpretações sociológicas do Pentecostalismo**. 2ed, Petrópolis: Vozes, 1996
- FRESTON, Paul . A igreja universal do Reino de Deus e o campo protestante no Brasil. **Estudos de Religião**. n.15, dez./ 1998.
- FRY, Peter. Duas respostas para a aflição: umbanda e pentecostalismo. **Debate e Crítica**, n.4, s/d., p. 43 e 55.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.
- GALINDO, Florencio. **O fenômeno da seitas fundamentalistas**. Petrópolis: Vozes, 1995, p.18 e ss.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4 ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

- HURLBUT, Jesse Lyman. **História da Igreja Cristã**. 10ed., São Paulo: Vida, 1998.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. Campinas: ANPOCS, 1996.
- MAGALHÃES, Brepohl de. **Neopentecostais: Novos atores na política Latino Americana**. Comunicação apresentada ao X FIEALC – Congresso Mundial de Latinoamericanistas e Caribólogos. Moscou, 25.29 jun., 2001, p.8. (mimeo).
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.
- MARIANO, Ricardo. Os pentecostais e a teologia da prosperidade. **Novos Estudos**. São Paulo: CEBRAP, 1996. pp. 24-46.
- MARIZ, Cecília. Alcoolismo, gênero e pentecostalismo. **Religião e Sociedade**, 16(3): 104-129, 1994.
- MARIZ, Cecília Loreto. Libertação e Ética: uma análise do discurso de pentecostais que se recuperaram do alcoolismo. In: **Nem anjos, nem demônios: Interpretações sociológicas do Pentecostalismo**. 2ed., Petrópolis: Vozes, 1996.
- MARTELLI, Stefano. **A Religião na Sociedade Pós-Moderna**. São Paulo: Paulinas, 1995.
- OLIVEIRA, Joanyr. **As Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.
- ORLANDI, Eni Pulcineli. **A linguagem e seu funcionamento. As formas de discurso**. Campinas: Pontes, 1987.
- ORO, Ivo Pedro. **O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo**. São Paulo: Paulus, 1996.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade nacional, religião, expressões culturais: criação religiosa no Brasil. In: Da Matta, Roberto et al. **Religião e identidade nacional**. Rio de Janeiro: Graal, 1988
- RODEGHERO, Carla Simone. **O diabo é vermelho. Imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)**. Passo Fundo: EDIPUF, 1988. (capítulos I e V)
- ROLIM, Francisco Cartaxo. Pentecostalismo no Brasil e América Latina. In: **A Libertação na História**, série VI, v.6, Petrópolis: Vozes, 1995.
- SANCHIS, Pierre. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? In: Hoornaert, Eduardo (org.) **História da Igreja na América Latina e no Caribe. 1945-1995. O debate metodológico**. Petrópolis: Vozes, 1995. Cap. III. pp. 81-124.
- SANCHIS, Pierre. O repto pentecostal à “cultura católico-brasileira”. In: **Nem anjos, nem demônios: Interpretações sociológicas do Pentecostalismo**. 2ed, Petrópolis: Vozes, 1996.

- SANTOS, Ismael dos. **Raízes da nossa fé: a História das Igrejas Evangélicas Assembléias de Deus em Santa Catarina e sudoeste do Paraná.** Blumenau: Letra Viva, 1996.
- SOUZA, Etiane Caloy de. A demonização do cotidiano pela Igreja Universal do Reino de Deus. **História: Questões e Debates**, Curitiba: Editora da UFPR, ano 17, n.33, julho/dezembro 2000

FONTES

- A decadência continua. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.257, p.2-A, mar./1997.
- A influência dos meios de comunicação. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1271, p.13, fev./1993.
- Alcançando vidas através da TV. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1317, p.04, dez./1996.
- ALMEIDA, Abraão de. É bíblico o sofrimento do crente? Revista **Obreiro**, n.09, p.72, out./1999.
- ALMEIDA, Luís Cláudio. Neo-Pentecostais: o fenômeno que está abalando as estruturas do catolicismo no Brasil. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.166, p.01 (folha 2), jul./1995.
- APOLINÁRIO, Abner. A submissão da esposa. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p.67, junho/2000.
- APOLÔNIO, Pr José. “Janelas dos céus abertas”- bênçãos para o dizimista. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p.20, julho/1991.
- A seita Nova Era. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1244, out/1990.
- BENÍCIO, Uirpy. A crise espiritual do mundo moderno. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.20, p.12, agos./1992.
- BEZERRA, Ester R. A mulher sábia. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.9, p.07, maio/1992
- “Cair pelo poder de Deus”. Revista **Plenitude**, Rio de Janeiro, n.62, pp.34-37, maio/1998.
- CABRAL, Elienai. É o fim do século ou do mundo? Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1320, p.24, mar./1997.
- CABRAL, Pr. J. Uma Igreja pós-moderna. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.198, p.03, jan./1996.
- CABRAL, Pr J. A igreja e a política. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.219, p.02, jun./1996.
- CABRAL, Pr. J. Secularização. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.229, p.02-A, ago./1996.
- CARDOSO, Pr. Renato. Babilônia se prepara para o ataque. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.148, p.03, fev./1995.
- Como a militar, a luta espiritual contra o mal é árdua. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.08, maio/1992. p.06.

- Contextualizados à palavra de Deus. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1351, pp. 04-05, out./1999.
- Conselho de Doutrina. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1333, p.02, abr./1998.
- COSTA, Jefferson Magno. **Porque Deus condena o Espiritismo**. 10ª ed., Rio de Janeiro: CPAD, 1987.
- COSTA, Sônia Valeiro da. Poder político, uma instituição divina. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1278, set./1993.
- COUTO, Jeremias. Caminhos da Assembléia de Deus na primeira metade dos anos 90. - **Revista Obreiro**, Rio de Janeiro, n..71, p.33. 1996
- COUTO, Jeremias do. Candidatos evangélicos: entre a sinceridade e a demagogia. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1246, p.21, dez./1990.
- COUTO, Jeremias do. CNPB: fora de propósito. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1278, set/1993, p.03.
- COUTO, Jeremias do. O obreiro e a pós-modernidade. Revista **Obreiro**, Rio de Janeiro, n. 09, pp.36-39, out./1999.
- Ecumenismo – todos os caminhos levam a Deus?. Revista **Plenitude**, Rio de Janeiro, n.61, pp. 31,32, maio/1997.
- Estatuto Padrão das Igrejas Filiadas a CONAMAD. Jornal **O Semeador**, p.08, out./2003.
- Família, bênção de Deus. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.7, p.02, maio/1992.
- FERREIRA, Douglas. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.173, p.03, julho/1995.
- FERREIRA, Jairo Fontes. O traje cristão segundo os padrões bíblicos. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p.16, nov./1991.
- FERREIRA, Pr Israel Alves. Os desafios da Assembléia de Deus na virada do milênio. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1306, p.28, jan./1996.
- FILHO, Rever. Caio Fábio D’Araújo. AevB lança manifesto sobre o Bispo Macedo. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1264, julho/1992, p.13.
- FRANCISCO, Pr Valdemir José. A Igreja e o tempo presente. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1282, p.03, nov./1993.
- FRANCISCO, Valdemir José. A igreja e o tempo presente. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p.03, nov./2003.
- GEISLER, Norman; RHODES, Ron. **Resposta às Seitas**. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.
- GUIMARÃES, Bp. Paulo. Sem meio termo. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.252, p.3-A, fev./1997.

- JESIEL, Pr Padilha. O que é vaidade? Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, nº.1349, p.11, jun./1999.
- Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.279, p.3-A, ago./1997.
- Jornal **Mensageiro da Paz**. Edição Histórica dos 90 anos da AD no Brasil, Rio de Janeiro, n.1388, jun.2001. p..03
- Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1324, p.07. Maio de 1997.
- Linguagem e Evangelização. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.310, p.6-B, março/1998.
- LUTZER, Erwin E. **Cristo entre outros deuses: uma defesa da fé cristã numa era de tolerância**. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.
- MACEDO, Bispo. FéXRazão. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.184, p.02, out./1995.
- MACEDO, Edir. **Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus**. v.3, Rio de Janeiro: Universal, 2000.
- MACEDO, Edir. **Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus**. v.1, Rio de Janeiro: Universal, 1998.
- MACEDO, Edir. Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus. v.2, Rio de Janeiro: Universal, 1999.
- MACEDO, Edir. **O avivamento do espírito de Deus**. Rio de Janeiro: Universal, 2001.
- MACEDO, Edir. **O perfil da mulher de Deus**. Série Perfil, Rio de Janeiro: Universal, 2000.
- MACEDO, Edir. **O perfil do homem de Deus**, Série Perfil, Rio de Janeiro: Universal, 2001.
- MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** 15.ed., Rio de Janeiro: Universal, 2000.
- MELONIO, Eloy. Ecumenismo – Quando a união representa um risco. Revista **Defesa da Fé**, São Paulo: ICP, p. 184, Edição Especial do ano 2000.
- Nas manchetes, o envolvimento com satanás. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.35, p.12, nov./1992.
- MENDES, Carlos J. Púlpito versus Tribuna. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1245, p.10, nov./1990.
- MENEZES, Fernando Grangeiro de. Pela valorização da mulher cristã. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1288, p.18, jul./1994.
- _____ . Qual o lugar das mulheres na obra de Deus? Revista **Obreiro**, Rio de Janeiro, n.01, pp. 98-102, jan./1997.

- _____ . Pela valorização da mulher cristã. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1288, p.18, julho/1994.
- MENEZES, Pr Fernando Grangeiro de. Televisão: uma questão de sinceridade. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1291, p.18, nov./1994.
- MESQUITA, Pr Antônio Pereira. Modelos insensatos. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1352, p.07, dez./1999.
- NASCIMENTO, Arioaldo Batista do. Providências contra a imprensa. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n.1328, p.07, dez./1997.
- Nos braços de Jesus. Novo modismo contamina e tenta destruir verdades bíblicas. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.364, p.1-B, mar./abril/1999.
- Nova Ordem Mundial pode ser preparação para o anticristo. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.411, p. 1-B, 2000.
- O anticristo será um papa. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.259, p.2-A, mar./1997.
- OLIVEIRA, Joanyr. A Assembléia de deus e a miscelânea doutrinária. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1325, p.07, ago./1997.
- OLIVEIRA, Raimundo Ferreira de. **Seitas e heresias, um sinal dos tempos**. 21ª ed., Rio de Janeiro: CPAD, 1987.
- O perigo das falsas doutrinas da prosperidade. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.355, p.1-b, jan./1999.
- Os feriados de um país plural. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.288, p.2-A, out./1997.
- PIRES, Custódio Rangel. A igreja Universal e seu exército de caçadores de mina. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.15, jul./1992, p.07.
- Por uma imprensa imparcial. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1266, p.07, set./1992.
- PRATNEY, Winkie. Não viva como vive o mundo. Jornal **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, p.08, out./1990
- Religiosidade não leva o homem a Deus. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.419, p.12-A, abril/2000.
- RENOVATO, Edinaldo. **Lições Bíblicas (jovens e adultos)**. Terceiro trimestre, Rio de Janeiro: CPAD, 2002.
- Revista **Defesa da Fé**.
- Revista Obreiro**. Rio de Janeiro, Encarte Especial – entrevista com José Wellington Bezerra da Costa. p. 3. 1998.

- RINALDI, Natanael; ROMEIRO, Paulo. **Desmascarando as Seitas**. 6ª ed., Rio de Janeiro: CPAD, 1996.
- RODRIGUES, Bp Carlos. **A Igreja e a política**. Rio de Janeiro: Universal, 1998.
- RODRIGUES, Bp Carlos. Sempre teremos os pobres? Jornal **Folha Universal**, n.429, p.3-a, jun./2000.
- SANTOS, Anderson Silva. Igreja e política: incompatibilidade? Jornal **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, n.1307, p.03, jan./1996.
- SANTOS, Pr. Jonathan Ferreira dos. A roupa certa para o lugar certo. **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, n.1257, p.16, out./ 1991.
- SEVERINO, Pedro da Silva. **O homem: corpo, alma e espírito**. 8ª ed., Rio de Janeiro: CPAD, 1988.
- SILVA, Pr José Apolônio da. É tempo de gritar. Jornal **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, n.1325, p.07, ago./1997.
- SOARES, Jossy - Coordenador nacional do Projeto Pés Formosos/GPEU – Grupo Pentecostal de Evangelização Universitária). Ponto de Vista: A identidade assembleiana.
- Sobriedade e discrição não saem da moda. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.323, p.8-A, jun./1998.
- SUED, Josef. Ecumenismo entre protestantes. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.148, p.03, fev./1995.
- SUHETT, Bp Renato. Crer para ver. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.31, p.04, out./1992.
- SUHET, Bp Renato. O pastor e a ovelha. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.28, p.04, out./1992.
- TAYLOR, Malcolm. A falácia da doutrina da prosperidade. Jornal **Mensagem da Paz**, Traduzido por Miguel Vaz. Rio de Janeiro, n.1252, p.15, jun. /1991.
- TOLEDO, Ramon A. Um cristão pode ser maçom? **Revista Plenitude**, Rio de Janeiro, n.69, p.07, 1999.
- VAZ, Miguel. Mulheres necessárias. Jornal **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, p.02, nov./1991.
- ZIBORDI, Ciro Sanches. A sabedoria está no equilíbrio. Jornal **Mensagem da Paz**, Rio de Janeiro, n. 1299, p.03, jun./1995.

Sites consultados:

- www.arcauniversal.com.br
- <http://www.conamad.net/>
- www.editorabetel.com.br
- www.igrejauniversal.org.br
- www.bispomacedo.com.br
- www.cgadb.com.br
- www.ibge.gov.br
- www.icp.com.br
- www.adhonep.org.br
- www.universalproducoes.com.br

